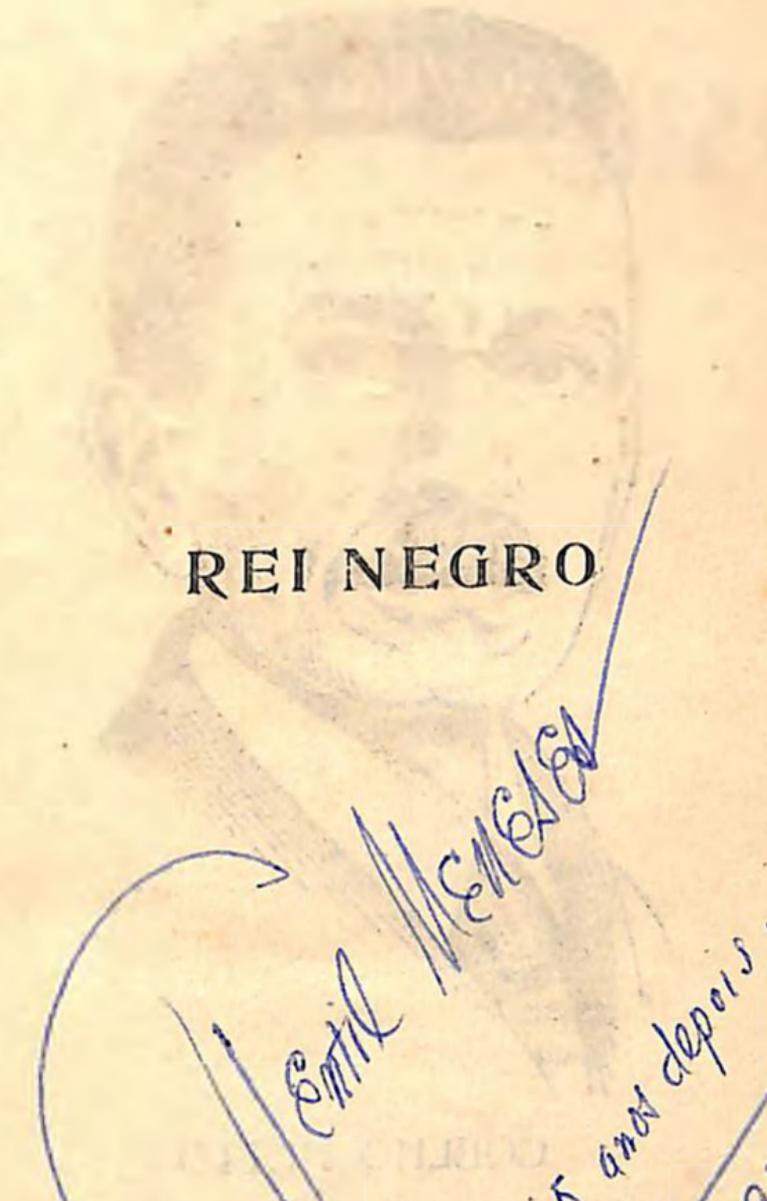


COELHO NETTO

REI NEGRO

Gentil Annesa

Março - 1940



REI NEGRO

Emil Meneses

45 anos depois...

1985



COELHO NETTO

COELHO NETTO

REI NEGRO

ROMANCE BARBARO

(Segunda edição)



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.^{da}
editores — Rua das Carmelitas, 144
Killaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1926

Obras de COELHO NETTO

- Sertão.
A Bico de Penna.
Água de Juventude.
Romanceiro.
Theatro, vol. I (O Relicario,
Os Raios X, O Diabo no
corpo).
Theatro, vol. II (As Estações,
Ao Luar, Ironia, A Mu-
lher, Fim de Raça).
Theatro, vol. IV (Quebranto,
comédia em 3 actos, e o
salnete Nuzem).
Theatro, vol. V (O dinheiro,
Bonança, e o Intruso).
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crian-
ças.
Miragem.
Mysterios do Natal, contos
para crianças.
O Morto.
- Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
Tormenta.
Trévo.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dóres de Nossa Se-
nhora.
Balladilhas.
Pastoral
Vida Mundana.
Patinho torto.
As quintas.
Scenas e perfis.
O Paraíso.
Immortalidade.
- NO PAÉLO
- Feira livre.
Bazar.
Theatro lyrico.
O Rajah de Pen djab.

PREÇOS, VÊR A TABELLA EM VIGOR



A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os países que adheriram á convenção de Berne — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1913).

I

A casa, antiga e vasta, acaçapada no planalto, com um largo alpendre sobre atarracados pilares, abria-se em innumeradas portas e janelas, recebendo pelos fundos o ar da mata que lhe ficava á encosta, tão perto que, ás lufadas mais rijas, revôos de folhas acamavam-se-lhe no telhado denegrido e hirsuto do hervas.

Á frente, no lançante do morro, o jardim verdejava escalonado em taludes, florido e copado de arvoredos alegres. Bastas roseiras embrenhavam-se, umas achaparradas, outras hispidas, expluindo em viço agreste, estirando varas que se emmaranhavam nas arvores, cingiam-nas, insinuavam-se-lhes nas franças entremeando-as de rosas.

O chão, em volta dos jasmineiros, era uma alcatifa aromal mosqueada de abelhas. Papoulas

plumejavam, cravos abriam-se em sangue, em borlas de neve; bogarys branqueavam em flocos e a grammia dos taboleiros, muito verde entre as aléas sinuosas, dava aos olhos uma impressão macia de humida frescura.

Larga alameda de bambús, oscillando flexuosamente com estralejado sussurro, abobadava um caminho sereno, alfombrado de folhas. Na transparencia do ar azulado cruzavam-se, de continuo, libéllulas e borboletas e sempre, docemente, soava um esvahido e tremulo murmurio d'agua. Sebes de cedros, tosadas á altura d'homem, muravam as trilhas, formavam tapigo á orla das rampas. Carmancheis em cúpulas ou á feição de cabanas offereciam, nas horas cálidas, agasalho e frescura, e, em baixo, rente com os espinheiros, desgrenhadas casuarinas desferiam gemidos colios.

Um veio limpido descia da matta em fio serpentino, cascalhando, borbulhando nas pedras até gorgolejar num tanque ourelado de aveucas e samambaias em volta do qual ererês domesticos galravam.

De manhãsinha e á tarde era um soturno, mencecoreo arrulhar de pombos e, não raro, garças immoveis, como de marmore, reflectiam-se nagua, alvoroçando-se com o ladrar arremettido dos cães e partindo tumultuosamente, com estrondoso ruffo d'azas, em largo vôo branco em direcção aos banhados.

Da varanda alpendrada a vista abrangia um raio amplo e exuberante de terras lavradas : chans e relevos, desde a porteira, no alto da estrada ingreme e esbarrondada, entre barrancas, até a serra longinqua, esbatida em nevoa, no azul.

O rio recortava a planicie em sulco luminoso — a trechos desaparecia, rebrilhava adiante, sumia de novo em densa massa de bosque, fulgia além, mais largo e offuscante e perdia-se.

Visinhas da casa, como uma póvoa feudal, espalhavam-se as construcções agrarias : paiões e tulhas, o moinho, o engenho d'agua, chiqueiros, o aprisco e, ao alto, o curral murado de taipa cuja terra, revolta e vermelha de estravo, parecia encharcada de sangue. Claros sinereos de queimadas, repontados de tocos, abriam cicatrizes entre as balsas. Palhoças, ranchinhos appareciam em massiços d'arvores, com a roça de canna ou de milho a transbordar das cêrcas de pau a pique. Os terreiros de tijolo sobrepunham-se em socalcos e, amplo como um pateo de presidio, com o reforçado portão de tranca cadeiada, o « quadrado » da escravatura tresandava a espurcicia.

Portas apenas desabafavam as moradias. Era immundo e lobrego. O andito de terra escura requemava humidade. As paredes escalavradas mostravam as ripas. Molambos trapejavam em cordas tendidas de muro a muro ; tinas guardavam barrel-

las escuras e, empoçada em regos entupidos de lôdo onde fermentavam fezes, uma agua pastosa tinha arripios de vermina.

Pelos cantos cães morrinhentos dormitavam enrodilhados, gallinhas arrufadas cacarejavam passeando ninhadas ; leitões grunhiam fossando a putrilagem e crioulinhos tolhiços, avergoados de magreza, iam e vinham banzeiros, coçando perebas ; pequeninos, nús, engatinhavam lambusados, com o ranho a escorrer-lhes das ventas ou em bolo, se-vandijados, refocillavam, patejavam na estrumeira borrifados de lama sob o vôo zoante das moscas.

No tempo das aguas o pateo alagava-se em atascadeiro e os negrinhos refestelavam no enxurdo espojando-se, trambolhando, patinhandó no lameiro nauseante.

Cedo, antes do sol luzir, com a bruma ainda solta, a sineta soava a despertar. Abriam-se as senzalas lufando do interior fuliginoso e morno o acre fortum e a fumarça espessa dos brasidos que ardiã á noite fazendo um ambiente de estufa onde, em promiscuidade sordida, rolavam corpos seminús, lustrosos de suor, adultos e crianças e, por perto, cães cainhando baixinho com o pruir da lepra, gallinhas acochadas no choco, sem falar nas enormes ratazanas que chiavam famintas, passando duma casa a outra pela buraqueira dos muros.

Ao toque de matinas a negrada sahia para a

fôrma arremangada, estremunhando, com bocejos de bruna fétida. O feitor passava a revista e o bando trasmalhava grazinando — ia ao café aguado, sorvia-o gulosamente e, ainda esmoendo restos de brôa ou mandiôca, cada qual tomava a enxada ou o cesto e lá iam á carpa ou á colheita humillimos, submissos como animaes.

E começava o labor na fazenda. A grande roda do moinho ringia rolando no vão sombrio e limoso onde o ribeiro escachoava engasgado ; chivavam os carros. No curral os bezerros berravam abarbados com o muro, farejando o cheiro de leite ordenhado. Enchia-se a escura e espaçosa cozinha, onde as negras borborinhavam e, de todos os recantos, saham animaes ao cibo : varas de porcos, aves, sujios carneiros em lotes e grandes bois de carro, d'olhos piscos, morosos, ruminando, jungidos á canga para o serviço.

E Manoel Gandra, de brim, botas de couro crú, chapéu de palha de largas abas, descia vagarosamente as escaleiras do jardim, com olhares de dono, detendo-se aqui, alhures, a examinar uma rosa mais repolhuda, a escutar, enlevado, o gorgueio dum passaro, ou, chamando negros, mandava varrer as aléas, tosar a gramma eriçada, podar um arbusto, fincar um esteio, atar um amarrilho. E assim, distrahido, saboreava o café levado por accada mucama, em bandeja de prata sortida de guloseimas,

desde os sequilhos, em fôrma de amendoas, até os gordos, abananados bolos de mandioca puba.

E ali ficava até a hora do almoço, interessado nas flores, abençoando velhos negros que passavam arrastando os pés inchados e esponjosos ou moleques que lhe saham á frente com ar idiota, maltrapilhos e sujos, ramellentos, estendendo a mão magra em gesto simiesco, com o corpo negro gisado a arranhaduras, como manipanços de basalto lanhados a buril.

A lavoura não lhe dava cuidado — sentia-a medrar nos outeiros encarapinhados pelos cafesaes, nas chans de milho e canna, nos acclives que o mandiocal alastrava, nas grotas onde os inhames, de largas folhas bronzeas, escondiam aguagaes, nos pastos verdejando macios, a perder de vista.

A terra, a agua e o sol lá estavam cercando de fecundidade as raizes e os negros auxiliavam a natureza capinando as roças, lançando fogo aos matinhos, derrubando os capoeirões para aproveitar o terreno em sementeiras prosperas, ou, com um canto triste, guaiado, raspavam os ramos lustrosos dos caféiros, enchendo as peneiras de bagas vermelhas, desenterravam a mandioca, cortavam a canna, quebravam o milho; e os carros desciam com um chiado crispante e os terreiros cobriam-se de café para a sécca ou os paiões atestavam-se de canna ou de milho para a moagem, para a debulha.

Terminada a faina do beneficiamento era só reunir a tropa, jungir os bois á canga e partir. E começava o desfile.

De madrugada, ainda com a nevoa enflocada em rolos espumosos, tiniam campainhas, estalavam relhos. Tropeiros giro-giravam aforçurados reunindo a récua; montavam e, com alegre alarido, punha-se o comboio em marcha com rumoroso sa-colejo de cargueiros, seguindo, ora em trilha rasa, ora por veredas tesas, ao sol ou pela sombra fria e múrmura das mattas, sahindo em andurriaes, galgando as grimpas asperas, cascalbando em seixos, resvalando em lages, mettendo-se á agua ou vencendo arcaes, balôfos e quentes como rescaldos.

Pousavam em ranchos — a gente estirava-se pelo chão, em couros, com um fogo alumando, a animalada, peiada, ia e vinha na macega, tinindo chocalhos.

De manhâsinha, antes da luz, partiam. E caminhavam dias, ao sol, á chuva ou, mais agradavelmente, pelo clarão do luar, ao fresco fragrante, com uma toada a que se juntavam, em compasso, o estropear das mulas e o som rythmico das campainhas.

Á vista das primeiras turmas dos trabalhadores, que andavam construindo a Estrada, dobravam-se os cuidados. Os tropeiros desviavam-se da linha, dos córtes, guardando, com mais attenção, os

animaes que, ao silvo dos trens de lastro, esbarravam assustados, d'orelhas fitas, refugando ou disparavam desapoderadamente matto dentro, quando não se precipitavam, de rebolão, pelos barrocaes.

E era um trabalho insano para conter os medrosos, reunir os prófugos, concertar arreios e cangalhas de sorte que, ao avistarem as primeiras casas da cidade, ainda de sapé, nos mattos ou entre laranjaes e hortas, respiravam e, dando graças a Deus, entravam na Côrte commentando a viagem, os trabalhos, as aventuras e calculando o tempo que ainda levariam a chegar os carros que haviam ficado longe, nas ladeiras escavadas em caldeirões, com as rodas entaladas no lamaçal e os carreiros desesperados aguilhoando inutilmente os fatigados bois até que, exhaustos, atiravam-se na macega, enquanto os animaes esfalfados, a lingua pendente, babavam arquejantes atolados no lôdo.

Na cidade, a negrada tomava um fartão de pagode admirando as novidades, a vida tumultuaria.

Aviadas as encomendas do senhor, carregavam os animaes com as compras e partiam, com muita tropa folgada, revezando os cargueiros ao longo do caminho.

O regresso era facil, alegre, sem risco, a não ser nos socavões da serra onde bandidos e quilombolas tocaiavam tropeiros accommettendo-os de improviso, desbaratando-os a tiro, perseguindo-os, ma-

tando os mais intrepidos e tocando a recua para os valhacoutos alcantilados. Mas com os trabalhos que andavam na serra os ladrões rareavam. Citavam-se os assaltos e as victimas eram sempre viajantes imprudentes que se afoitavam, á noite e sós, em taes paragens.

Mas a tropa da « Cachoeira », com Macambira á frente, ganhara fama desde que, numa garganta, recolhendo á fazenda com avultado carregamento, atacada por uma quadrilha rechassára os bandidos matando-lhes o chefe.

Manuel Gandra, senhor da « Cachoeira », uma das fazendas mais ricas do valle do Parahyba, chegara ao Brasil em uma leva de colonos.

Moço e robusto, airosamente aprumado, com o sangue a reçumar-lhe em côres nas faces, uma alegria vívida nos olhos garços, destro ao jogo do pau e languido á guitarra, impunha-se aos homens pela valentia e as mulheres adoravam-no pedindo-lhe tonadilhas e fados tristes.

Aventuroso como os da sua raça, longe de deixar-se enredar nas seducções da cidade, metteu-se atrevidamente ao sertão e, chegando á « Cachoeira », que era um maninho, engajou-se como administrador fazendo-se valer pela audacia e pelo pulso.

Camillo Feitosa, o fazendeiro, obeso e lerdo, duma obtusidade granítica, passava os dias lambiscando lambarices, a arrastar as chinelas pela casa, com o ventre enorme a espocar do cóis das calças de enfiar, ou dormitando, aos roncões, á sombra das arvores, com a cainçalha em volta. Á noite rebolcava em libidinagem pelas tarimbas das negras.

Viuvo, vivia com dois filhos — um rapaz e uma menina : Honorio e Clara.

Eram dois selvagens criados á lei da natureza, medrando á bruta na calaçaria da roça e das senzalas.

Debalde Feitosa tentara instrui-los. Tomou professor, um velho allemão paciente, muito amigo de plantas e de insectos. De manhan, quando o bom homem procurava os alumnos, as negras chasqueavam-no. O sabio sorria adiando a lição para o dia seguinte e, com o cachimbo, o herbario e um sacco de talagarça, mettia-se pelos mattos.

Os dois irmãos madrugavam ao ar livre : o rapaz com a espingarda, a menina num rol de negrinhas, ganhando veredas cerradas — um á caça, outra aos ninhos, ás frutas, á vagabundagem na espessura. Só appareciam á noitinha cançados, escalavrados, com enfiadas de caça e samburás de frutas.

Ás vezes encontravam o allemão e desciam jun-

tos e Feitosa, vendo-os entrar, ria, sacolejando-se nos refegos de banha, achando graça na estroinice dos pequenos e louvando a paciência do professor.

Honorio acabou desastradamente no rio, querendo atravessá-lo a nado no mais grosso e revolto duma enchente.

Clara, deitando corpo, continuou na bruteza, passando os dias entre as negras, aos palavrões e á bordoadas com as mucamas, informando-se de amores obscenos, rindo do que lhe contavam, com um semvergonhismo crasso ou errando nos mattos, á cata de frutas, banhando-se nos correjos, trepando nas arvores com os crioulos, apedrejando-os com frutas verdes ou descendo estabanadamente com um despejo de injurias torpes para esmurrá-los, se os surprendia agachados, espreitando-a por entre os ramos.

Ás vezes, antes do banho, sentada no barranco, com a camisa humida collada ao corpo, chapinhando com os pés nagua, ouvia estralejo de ramos. Voltava-se de golpe e, descobrindo negros, moleques acorados nos mattos, apedrejava-os, perseguia-os ás palavradas até longe, correndo, com a camisa tufada ao vento, as pernas núas, os cabellos soltos prendendo-se, deixando fios nas ramagens.

Sentindo-se só, espapava-se na herva com volupta animal, espojando-se, a enfunar a camisa, gosando o sel no corpo como a carícia de um macho.

Manuel Gandra, assumindo a direcção da fazenda, teve geitos de insinuar-se no coração da virgem agreste e o velho, inerte e pigro, ainda que os visse sempre juntos, só se apercebeu da perdição da filha quando, uma noite, no silencio da residencia, os gritos de Clara repercutiram lancinantemente.

Então, sem revolta, recebendo o neto, chamou Manuel Gandra e, commovido, quasi em supplica, fê-lo aceitar a filha e, com ella, toda a vasta riqueza daquellas terras fartas.

Celebrou-se o casamento á capuchia e mezes depois, tendo Camillo, após abundante almoço, despedido pesadamente para a rêde, onde costumava dormir á sésta, ali ficou o dia todo e, á tarde, acharam-no morto, com o carão balôfo mascarrado de placas denegridas, a bôca escancarada, retorcida em rictus, com a baba vitrificada aos cantos.

E a fazendá, energicamente administrada por Manuel Gandra, prosperou desenvolvendo-se prodigiosamente. Entraram escravos novos, construíram-se casas cobertas de telha, touros de raça berberam nas varzeas e era um encanto vêr, á tarde, no caminho em acclive, o denso rebanho descer, tão apinhado que parecia a propria terra esbarronada que resvalava, ladeira abaixo.

A residencia, que ameaçava ruir, fendida em brechas, foi reformada e alargada, lançando-se-lhe

á frente o alpendre, limpando-se-lhe o terreno em volta, escalonando-se o jardim em amphitheatro.

Quando os visinhos viram as grandes bemfeitorias da propriedade, dantes tapéra, puzeram-se a murmurar pelas vendas dos caminhos, pelos negocios da villa: « que o gallego passava notas falsas. »

Alguns, dando-se por informados, explicavam « que o dinheiro vinha do Reino em canudos de lata mettidos em pipas de vinho ou em barris de manteiga. » Por isto ou por aquillo, Cachoeira tornou-se a mais bella fazenda da região.

Gandra tinha gosto e, conhecendo, por experiencia, a utilidade das florestas, não consentia que tocassem em arvore das que faziam sombra á casa. « Não faltavam capoeirões, fóssem lenhar alhures. » Gosava sentindo o cheiro acre e sadio das resinas, ouvindo os passaros livres e, á noite, do seu dormitorio, que era um salão cercado de persianas, escutava, com enlevo, o frondejar dá matta.

A mulher, alcunhada de « Capivara », á medida que rechonchava em ádipe, amollecia em inercia, apassivando-se preguiçosa e balorda.

Era uma massa de chorume, obesa e flacida, rebolando aos ofêgos, derreando-se nas cadeiras onde ficâva esparrimada, arquejante, a cochilar vadia.

As negras esbeaçavam muchochos desprezíveis

passando por ella, respondiam-lhe de repellão, affrontando-a com olhares enviezados e ella temia-as, sempre a suspeitá-las de bruxarias, desconfiando de tudo, num invencível, estarrecido temor da morte.

Se, na ausencia do senhor, alguma, mais atrevida, boquejava ameaças, regelava de medo, recuando a comida, fazia promessas aos santos ou mandava chamar Egydio, velho cabinda, pai de quimbande, que conjurava os mais violentos feitiços fazendo passes com um galho de arruda ou queimando na palma da mão crustacea uma pitada de polvora, sobre cujo residuo sussurrava palavras magicas, soprando-o depois e com elle expellindo o *mandado* funesto.

As mucamas, quando a viam carrancuda, de trombas, cantavam para irritá-la, riam-lhe em rosto despejadamente, trocavam ditterios e, se a nissera revoltava-se ameaçando queixar-se ao marido, plantavam-se-lhe na frente e, enclavinhando os dedos, arrebitando o beijo em mômo sarcastico, perguntavam-lhe: « Se queria um carrinho para ir mais depressa ? »

Ella engasgava apoplética, rôxa de colera, com os bocios a papejarem e as raparigas dobravam-se ás cachinadas e, rebolindo as nalgas, arrastando achincalhadamente as chinelas, lá iam, muito anchas, impando descaso, numa ostentação cynica da rascoagem em que viviam com o senhor.

O filho, Julinho, crescia robusto e solto naquelle meio dissoluto, entre mulatinhas zabanciras, precocemente devassas e moleques sornas com os quaes andava aos ninhos ou farandulava nos corregos e, á proporção que se desenvolvia reforçando-se, accendia-se-lhe no sangue uma sensualidade suina que o levava a farisear as mulatas roçando-se por ellas aos reboleios, agarrando-as, apalpando-as onde as encontrava, num furor de árdega lascivia.

Pedia-lhes, lamuriando, que lhe mostrassem nudezes, « queria vêr, só vêr ». As mais depravadas cediam « por pagode ». E o rapazelho derrubava-as, rasgava-as frenetico, fossando-as, mordendo-as e ellas, rindo, a principio, defendiam-se encolhidas, subito, porém, excitadas, abarcavam-no, subjugavam-no brutalizando-o allucinadamente.

Velhas negras resmungavam quando o viam de tocaia nos caminhos ou encostado á porta dos quartos espiando as mucamas em camisa, chamando-as e cainhando como cão ao cio.

« Isso, ahn ! Isso vai sê pió qu'ô pai ! Oia só . . . Criança d'outro dia . . . » Espocavam muchochos. Algumas paravam a rir interessando-se na mangalaxa e agulavam-no : « Entra . . . Mecê tá perdendo tempo. Pontaria demorada espanta a caça. » Outras esconjuravam-no : « Crédo ! qu'assanhamento . . . »

Manuel Gandra destinava-o á medicina, que-

ria-o formado, fazendo curas prodigiosas, elogiado nos jornaes, batendo a cidade a carro, com o consultorio apinhado, até a fama elevá-lo a medico do Paço, grande da Côrte, celebre no mundo. Um sonho!

E o rapazola arisco, arredio dos livros, corria á méquia ou, com um vergalho, alanhava os moleques, perseguia os animaes, aviltava os velhos negros, ultrajava as mulheres diante dos maridos, as filhas na presença dos pais, chasqueando-as com allusões obscenas.

Os pequenitos abriam choro medroso quando lhe ouviam a voz, arrastavam-se, fugiam de gatinhas para onde as mãis. Se o não podiam evitar, encolhiam-se papeando humildades e, d'olhos apavorados, a mão estendida á benção, tremendo, enguliam lagrimas na espectativa dolorosa dos pontapés e dos beliscões que lhes seviciavam o corpo.

Negros formidaveis, de biceps herculeos, se o viam de relho em punho, cosiam-se covardemente com as paredes, confundiam-se com as arvores agachando-se nos mattos.

Elle, ás vezes, chamava-os, interpellava-os arrogante e, ordenando que se ajoelhassem, esbofetava-os ignominiosamente.

O pai, que era generoso, reprehendia-o com severidade, mas o rapaz resmungava amazorrado « que não aturava desaforos de negros. » E, para justificar-se, mentia, calumniava.

Como os mulatinhos eram os que mais soffriam, as negras affirmavam, com odio, que elle era açado pela mãe. A Capivara faz por vingança porque sabe que os coitadinhos são filhos do senhor. » E eram juras rancorosas, pragas de arripiarem.

Quando Julinho completou treze annos, taludo e esperto, Manuel Gandra, apesar da choradeira da mulher, desceu com elle á Côrte e internou-o em um collegio de fama, de onde só sahia nas ferias, quando Macambira ia buscá-lo.

Na fazenda o pequeno desferrava-se á ufa do apertado regimen do internato, galopando á redea solta, banhando-se, ás parapemadas, no correjo, devastando os ninhos a bodoque, armando mundéus e arapúcas e attrahindo com sainetes, senão com os proprios olhos, que eram negros e grandes, de morbido languor, as mulatinhas púberes.

E a mãe, esparrimada em euxundia, se alguma negra, por bajulação, cochichava-lhe aos ouvidos as proezas do rapaz, babando-se de jubilo vaidoso por sabê-lo já homem, pedia pormenores vergonhosos e, rindo, com um gelatinoso tremer dos refolhos do papo, approvava os estupros, applaudia as violencias, seguindo, em mente, as ignominias do filho pelos mattos, nas cévas sensuaes das balsas floridas.

« Faz muito bem. Está na idade. So ha de ser um negro, que seja elle. Está no que é seu. »

Se alguma rapariga, sabendo da desgraça da filha, ousava lamentar-se, D. Clara irrompia assomada :

— Já viram só ! ? Pois não é que a descarada vem fazer queixa do menino ! Burra ! Em vez de ficar orgulhosa por meu filho dar confiança á lambusona da negrinha, o diabo estica as trombas como uma grande coisa. Ah ! vergalho ! E meneava com a cabeça rilhando os dentes pódres.

Para D. Clara tanto direito tinha o filho sobre a vida e a honra dos escravos como sobre o fruto das arvores e sobre a caça dos mattos. Não podia comprehender que as negras se revoltassem contra a violação das filhas ou que os negros se sentissem do aviltamento das mulheres que o senhor moço appetecia. Habitara-se, desde menina, a vêr os escravos jungidos aos rebolos na herva, grunhindo, agatafunhando-se no furor do cio. Ria, atirava-lhes pedras, bradava enxotando-os e elles fugiam como cães acoissados, mettendo-se na espessura onde, de novo, engalfinhavam-se mais ardegos. Eram como animaes que não conhecem o pudor e, fariscando a femea, rastream-na, afuroam-na, empolgam-na, abocanham-na, subjugam-na saciando-se instinctivamente com a mesma descuidada, natural simpleza com que espostejam a carniça ou se dessedentam numa poça d'agua.

E Julinho, fiado no prestigio materno e na pas-

siva timidez das negras, estuprava crianças ainda impuberes, forçava mucamas, aforciava casadas sem temer represalias, gabando-se, muito enfatuado, a descrever as suas possuídas, elogiando-as ou com caramunhas, cuspilhando de nojo, arrependido de se haver atolado em immundicies.

Só um negro ousava affrontar-se com elle quando o surprendia em contubernio nos mattos ou nalgum desvão das tulhas ou dos paióes — era Macambira. Estacava severo, gritava á femea, fôsse quem fôsse: « Sahe, negra! Vai-te embora! » e, de costas para o senhor, expulsava a rapariga, acompanhava-a com o olhar até longe e, sem dizer palavra, carrancudo, lentamente afastava-se.

II

Macambira era um bello typo de raça. Trinta annos sadios, alto, entroncado, erecto como uma columna, tinha, no porte esbelto, desembaraçado, a elegancia viril e airosa dum athleta.

A côr retinta luzia-lhe no rosto como verniz lustroso. Pouca barba, dois laivos em cada face. A bôca forte cerrava-se-lhe em labios grossos, os olhos grandes, severos, dum brilho fixo, explosiam dominio.

A austeridade das maneiras, o ar taciturno e altivo impunham-no aos companheiros que o respeitavam e temiam, conhecendo-lhe a bravura desabrida, provada em recontros na serra e numa tocaia que lhe armaram negros duma fazenda vizinha.

Eram quatro latagões de fama. Macambira le-

vava o cavallo a passo pela sombra fresca quando, no cotovello do caminho, subitamente o assaltaram. Foices luziram, tiniram; vozes surdas injuriaram-no.

Relanceando um olhar rapido, reconheceu a matula e, sem perturbar-se, picou o animal d'esporas, levantou-o nas redeas e, atirando-o sobre o grupo, atropelou dois negros, derrubando o terceiro morto, com uma brecha na frente por onde os miolos espocaram. O ultimo afundou no matto espavorido.

E Macambira serviu-se apenas do cabo do re-lho, sem valer-se da garrucha que levava á cinta. Ganhou fama.

Filho de minas, falava correntemente a lingua e praticava em segredo a religião dos seus maiores, confundindo no mesmo culto Jesus, a Virgem, os santos e um idolo monstruoso falquejado num tóro.

Entre os da sua raça era tido por « muchique » e todos saudavam-no reverentemente, zumbridos em vassalagem, vendo nelle o principe, herdeiro do heroe que succumbira humilhado na terra dos brancos.

Balbina, velha negra havida por mandingueira, sempre andrajosa e suja, com a grenha refoufinhada em tufos, tresandando á pocilga e á suarda, era a sua unica intimidade. Encarregada do chiqueiro, vivia atolada na lama entre os lerdos cevados, en-

chendo os cochos de inhame ou mettida com os carneiros sordidos no aprisco. Mal se lhe viam os olhos radiados de sangue, sempre de rojo, espreitando com desconfiança, e, se alguém lhe falava, encolhia os hombros resmungando, a varrer o chão com o olhar variado, gesticulando repulsas e seguia rinchavelhando um risinho d'escarneo ou esganiçando cantarólas zombeteiras.

Os moleques, se a apanhavam longe da casa, juntavam-se para enfesá-la. Agachados nos mattos, gritavam-lhe injurias, apedrejavam-na.

A negra parava no caminho bramindo maldições, fazendo esconjuros, e emquanto as pedras zuniam daqui, dali, de joelhos, com as pellancas das numas a badalhocarem, esticava retesamente os braços na direcção da floresta. D'impeto, em arranque, encolhia-os ao peito espalmando as mãos. Duramente aduncava os dedos e, com esforço, arremessando o busto, remoendo com as mandíbulas aperradas, repuxava, attrahia um quer que fôsse que a sua visão sobrenatural parecia lobrigar e, de golpe, inflectindo para o lado de onde partiam as pedras, atirava as mãos e ficava um momento hirta, retrahindo, arreganhando os dedos como se aspergisse fluidos.

Ás vezes, sentando-se num socalco, ensanguentada, quedava ao sol resmungando, cuspilhando a mascagem grossa e escura e esquecia-se, indiffe-

rente ás pedras que lhe cahiam perto, levantando poeira, farfalhando nas folhas. De repente assanhava-se e, furiosa, brandindo um pau, investia tronando obscenidades.

Essa era a confidente de Macambira.

Distrahia-o relembrando, com saudade, os palmares copados da sua aringa.

Fôra da cabilda do rei Munza, guerreiro temido desde as terras altas até as dunas da costa e dizia a Macambira, tocando-lhe o corpo :

—,Ocê é zêri mêmú ; é zêri túru, ocê. Quem óia ocê vê Munza, rê di noss . . .

E referia, com entusiasmo épico, episodios de guerras, scenas festivas e religiosas, caçadas nas florestas densas á azagaia ou fimbo, idyllios nos palmeiræes e, quasi sempre, em meio da narrativa, erguia-se como inspirada, punha-se a cantar baixinho, aos pinchos, bambaleando o corpo ossudo em colleios rebolidos.

E lagrimas rolavam-lhe dos olhos a quatro e quatro, pelo rosto esqualido, em contraste com os ganidos do canto barbaro, com as caramunhas, com os ademanes com que acompanhava o tripudio.

E Macambira, enlevado naquelle batuque, repetia, á meia voz, a toada lugubre, sonhando com a terra que não conhecera por haver nascido, de estirpe de reis, no exilio da escravidão.

Triste, concentrado, mal terminava o serviço,

recebendo as ordens do senhor, recolhia vagarosamente á sua cabana solitaria, apadrinhada com o monte, num verde laranjal e ali recebia preito e homenagem da gente da sua raça, e Balbina que, todas as noites, pisando, de leve, as folhas, sorrateira como a onça, atravessava os mattos, ia vê-lo, falar-lhe da patria perdida, dos reis mortos e dos deuses vingativos.

Ficavam os dois horas e horas á luz fumarenta da candeia ou á porta, diante do terreiro onde os bacuraus piavam, resmoneando, cantando soturnamente, quando não em silencio pensativo: ella a mascar, elle puxando lentas baforadas do cachimbo.

A negra tinha sempre um caso novo, uma recordação trazida do fundo da memoria triste e, ouvindo-a, Macambira devaneava, d'olhos muito abertos, fitos na extensão rasa das varzeas abrumadas, onde lhe parecia vêr estendido o grande, invencivel reino das malocas e, formigando, com relumbros d'armas, um povo numeroso e forte, o seu povo negro, a gente heroica e temida da sua nação guerreira.

O que mais impressionava em Macambira era a sua irreductivel antipathia com a mulher.

Não se lhe conhecia um apego amoroso.

Na vasta e tenebrosa cozinha tismada de felugem, com sanefas de picuman pannejando nos caibros, no « quadrado », na roça ou á beira do correjo onde batiam roupa, as negras commentavam, com despeitada malicia, aquella aversão, attribuindo-a a bruxarias de Balbina.

Em verdade o negro, sempre casmurro, evitava as raparigas tratando-as d'alto, á distancia, como enojado.

Se encontrava alguma no caminho, fechava a cara, respondendo á saudação ou á pergunta que lhe fizesse com resmungos mal humorados.

No seu coração impermeavel pruia, por vezes, um remorso fugaz, principalmente quando margeava o correjo, na volta sombria do bambual. É que só elle conhecia o romance triste de uma crioula que dali se deitara a afogar, bradando o seu nome em arranque supremo de paixão.

O caso foi explicado de varios modos, qual mais tragico: ataque, quando a pobresinha se banhava; maldade de algum perverso que abusara da desgraçada matando-a, em seguida, para que o não denunciasse; cobra mandada que a mordera por vingança de alguém... Quanta coisa! E a verdade jazia no segredo do negro.

Lina era uma bonita rapariga de vinte annos, sempre amollecida em dengue voluptuoso. Pelle fina, côr de azeitona, olhos negros, grandes e pes-

tanudos, cabellos assedados, bôca carnuda e vermelha, desabotoada sobre dentes brancos e miudinhos, postos com a perfeição de perolas em joia.

Alegre e trefega como um passarinho, rindo de tudo e a todos, uma flôr nos cabellos, no corpo ondulante o cheiro agreste da herva de S. João com que perfumava a roupa, outra não havia na fazenda tão engraçada para contar casos nem tão graciosa no reboleio electrico, nas empinadas upas, no sapateado lépido do samba.

Rondavam-na, enlevados na sua leda mocidade, rapazes da fazenda e muitos das visinhanças. Ella olhava-os de vuez, retrahindo o labio em momo desprezível e, aos muchochos, dando um geito de travéz ao corpo, passava com pouco caso, batendo morosamente as chinelas de bico.

Mas o coração abriu-se-lhe como flôr ao sol e Macambira entrou nelle para matá-la.

De viva que era e buliçosa tornou-se macambusia, evitando as companheiras e, isolando-se, com a almofada de crivo ao collo, jogando machinalmente os bilros, cantarolava baixinho, com tristeza, entrecortando o canto de suspiros ou parava e iam-se-lhe aguando os olhos, tomavam-na soluços e, debruçando-se sobre a almofada, ficava a chorar dorida.

Fôra vista diversas vezes, á noite, nas proximidades da cabana do negro e rapazes, curiosos ou

ciumentos, seguindo-lhe o passo esquivo, contavam que ella ficava horas acorada entre as laranjeiras a espreitar a habitação do apaixonado ou, indo e vindo, trépe trépe, sarapantada, arisca, cavando aqui, ali ao longo da trilha que levava á cabana.

Um molecote, para descobrir o segredo, empo-leirou-se em uma arvore de onde acompanhou todos os movimentos da crioula e, ao vê-la partir, saltou ao chão, recavou o terreno nos pontos que ella revolvera, achando feixinhos deervas, méchas de cabellos, um saquitel de feitiço, amavio africano em que se juntavam, em mixordia, raizes, buzios, bagas partidas, um trapo sanguinolento envolvendo um pedacinho de zuarte, tudo enter-rado com intenção manifesta de prender pelos pas-sos o indifferente.

Descorçoada dos sortilegios, Lina decidiu tentá-lo, vencê-lo com a propria carne.

Sabendo, uma noite, no serão, que elle devia ir á Barra na manhan seguinte, mal dormiu e, de madrugada, sahiu de casa indo postar-se á beira do corrego, na volta do hambual, de onde partiam, em esgalho, dois caminhos — um direito ao monte, outro para a villa, costeando a barranca e, mettendo-se entre os bambus, despiu-se.

O frio picava pondo-lhe arripios na carne luzidia. Amontoou a roupa nas pedras e, encolhendo-

se no verde rechego, ficou á espera, num ante-gosto voluptuoso.

Arrulhos de pombas, cantos de sabiás entristeciam o retiro. Ouvindo passos estremeceu e, attenta, o olhar em riste, reluzindo febril, esperou arfando.

Para ficar em evidencia, subiu a uma pedra em torno da qual a agua, já precipitosa, rolando para a cachoeira, borbulhava, escachoava em espuma e, núa, pôz-se firme, erecta, á espreita, numa traição lasciva, remordendo os beiços, com os peitos rijos a prumo, o ventre redondo aliando em estúo.

Os ramos farfalharam, rôlas voaram com estrepito e Macambira appareceu.

Para excitá-lo mais a crioula fingiu-se surpreendida e, com um gritinho de susto, denunciou-se, aninhando dengosamente os peitos entre os braços roliços, cerrando as côxas, baixando a cabeça e ficou immovel, estatelada, em attitude esculptural de pudor que a faria ainda mais appetecida a outro, que não o negro.

Macambira relanceou um olhar soberbo e, rindo escarninho, sem de leve vibrar á seducção formidavel, proseguiu impassivel.

A rapariga estonteou atordoada, sacudiu os braços e, saltando da pedra sobre as folhas humidas, correu, arranhando-se nos espinhos e ainda viu o negro longe, no cotovello da trilha que o sol começava a dourar.

Remordeu-se de raiva, mas num desespero de inflammada volupia, metteu-se-lhe na peugada, lançando, em voz lancinante, um appello de odio e ansia : « Macambira ! » O negro nem voltou a cabeça. Rosnou uma insolencia e foi-se.

Dias depois o cadaver de Lina appareceu boiando no agude, tumido, roído dos peixes, em nudez desconforme e asquerosa.

As proprias mucamas, mulatas claras, quasi brancas, essas mesmas, apesar das faceirices, dos requebros ondulados dos quadris, dos suspirinhos tremulos lançados entrecortadamente, não logravam dobrar a inflexibilidade do crioulo.

Se alguma, cruzando com elle nos corredores ou nas immedições da casa, olhava-o d'esguardo, provocando-o, elle sorria desdenhoso ou amarrava a cara investindo irado :

— Deixa de sê offiricida, rapariga. Tem vergonha na cara. Mais respeito com quem não ti dá cunfiança. Eu não gosto di dirritimento cummigo.

Solidario com a gente negra, sempre e em tudo por ella, só não lhe soffria as immundicies da luxuria. Revoltava-se contra a raivação damnada que a bestialisava, vituperando, com odio frenetico, quantos apanhava em contubernios ou conchavos concupiscentes. Se sorprendia casacs esgueirando-se pelos mattos, á sorrelfa, tomava-lhes a frente e apartava-os.

Ouvindo assobios no macegal, seguia pelo som como caçador matreiro guiando-se pelo pio da ave, e, topando moleques em rabisaca, aos reclamos a negrinhas, corria-os a ponta-pés e á pedra.

Á beira do correjo, no bando impudente das lavadeiras, de saias colhidas entre as pernas, não continha o furor e desbocava improperios, provocando represalias colericas, descomposturas e alluções obscenas.

Uma cabrocha, Donaria, d'alcunha « *Vacca-brava* », antipathica, atrevida e rixenta, virago no todo e nos vicios, desmazelada até a sordicia, sempre rota, esbagaxada, mascando talos de tamarindo, a cuspirhar, em pincho, por entre os dentes pôdres, certo dia, tomando a si um palavrão do negro, para affrontá-lo subiu a uma pedra, levantou a saia de repellão e, despudorada, pôz-se a bater palmas no ventre flaccido, dobrado em refêgos, offerecendo-o :

-- Oia, muxiba ! Oia, já qu'ocê não cunhece. Tá vendo ? É carne, muxiba.

Foi uma cascalhada de troça ao longo da margem. Macambira sentiu o sangue subir-lhe á cabeça, a vista turvou-se-lhe, um tremor crispante fê-lo vibrar em choque. E a cabrocha, para desfeiteá-lo, agachou-se e, num gesto torpe, como se arrancasse alguma coisa de si, fez menção de atirar-lhe em rosto :

— Toma, muxiba!

O negro arremetteu fulo, punhos cerrados, rangendo os dentes. Espavoridas, as negras metteram-se tumultuosamente nagua. A cabrocha esperou-o impavida, d'olhos chammejantes, o nariz franzido, fungando, de raiva, aos sorvos. Quando o viu perto lançou-se d'investida, com as mãos em garras, ameaçando agatafunhá-lo. Antes, porém, que lhe chegasse uma bofetada desequilibrou-a.

Tonta, cambaleando, escorregou na pedra, afoinhou e, cahindo de borco, o negro pisou-a, atirando-lhe ponta-pés ao peito, aos flancos, rugindo num furor de loucura. *Vacca-brava*, espumando, com um regougo de fera, debatia-se procurando lançar-lhe as mãos e reboleava-se aos bufos, mas resvalou dum lagedo e foi nagua em mergulho. Lésta, porém, agarrando-se ás hervas, surgiu com a carapinha encharcada e pôz-se a atirar mancheias de lama, soprando a agua que lhe escorria da grenha ao longo da caraça hedionda, a injuriá-lo em voz rouca, esfalfada:

— Negro perrengue! Não tem valia p'ra nada. Vai criá pinto, capão.

Elle deu-lhe as costas e metteu pela trilha deixando a negrada em alvoroço, a agular a cabrocha que vociferava jurando que no dia em que o apanhasse a geito — só se Deus não quizesse! — havia de tirar uma desforra direita:

— Oia, pamonha . . . E, como Macambira se voltasse, cerrando os dentes, ella fez com a mão esquerda um esforçado gesto de torsão e com a direita em lamina talhou o ar num golpe rápido, concluindo : Assim, muxiba . . . p'r'os porcos ! e atirou um aceno desprezível.

E á beira d'agua, no meio do correjo toldado de espuma, entre os mattos, estrondou a cascalhada das negras.

Macambira sentia-se melindrado com a bruteza libidinosa daquelle cio infrene. Era a sua gente, os da sua raça que se depravavam em lascivia rolando, reholcando-se em todos os cantos com o cynismo alvar de cães. Via-os a cada passo em concluios libertinos ; no estalar da folhagem adivinhava connubios torpes e batia o matto, aos berros injuriosos, enxotando casaes que se atropelavam em fuga.

Eram os negros da roça que, illudindo a vigilancia do feitor, esgueiravam-se agachadamente para lugares escusos, numa ardencia lubrica que os tornava ferozes ; eram mucamas que desciam disfarçadamente indo ao encontro de amantes nos socavões das tulhas ; era á beira do correjo, na humidade das hervas ; era nos pedregaes, nos grotões, nos pastos, entre os animaes, entre os toros de lenha.

Mas o que o enfurecia sobretudo era vêr negri-

nhas mettidas nos baixos do engenho, á risota, desnudando o corpo esqualido á cupida sensualidade dos moleques, aos rebofos com elles, inconscientes do mal, brincando com a infamia com a mesma travessa indiferença com que se penduravam dos ramos altos, vergados sobre o abysmo, arriscando-se á morte por um ninho vazio ou por um fruto verde.

A intimidade com que Manuel Gandra tratava Macambira — recebendo-o no escriptorio, conversando com elle, confiando-lhe todos os seus negocios: pagamentos, cobranças, ouvindo-o sobre assumptos da fazenda, — tornava-o suspeito aos negros que não cessavam de rosnar contra a empáfia do « emproado », augurando-lhe « a vez de sentir o peso da escravidão ».

« Tá muito inchado . . . Caminhando é qu'a genti vê: raio di roda tá in cima i desce. Dêxa tá, Deus é grande ! »

Quando, por falta grave, algum escravo era castigado, toda a gentalha assanhava-se attribuindo a pena a Macambira: « Quem havia di sê sinão elle ? ! » E rogavam-lhe pragas, amaldiçoavam-no, jurando vingança.

O boquejo não o incommodava, mas se algum negro, mais atrevido, passando por elle, mirava-o

d'esguelha, parava altivo em attitude de desafio e, encarando-o, fazia-o baixar os olhos, seguir humilde. Então ameaçava em voz surda :

-- Porquêra ! Mexe cummigo i dipois t'arrende. Calado, calado até u sangue fervê, dipois . . . ahn !

Com a vida de trabalho e de economia ajuntára um peculio nas mãos de certo negociante da Barra, conhecido como receptador de furtos de café e amigo dos quilombolas, aos quaes trazia sempre ao corrente dos planos dos senhores, prevenindo-os das batidas projectadas, das offertas aos « capitães de matto » ou das diligencias policiaes requeridas pelos fazendeiros. Os negres exaggeravam as posses de Macambira orçando-as em muitos contos de réis.

A noticia dessa vaga fortuna começou a preocupar Manuel Gandra com o receio de que o negro lhe falasse em liberdade, propondo-lhe o resgate. Firme no proposito de recusar pensava, entretanto, nas consequencias : a fuga ou a intervenção da justiça, como acontecera no caso do pagem de um fazendeiro visinho que tomara advogado, ganhara a causa e sahira livre por uma bagatella e rindo.

Foi para evitar um de taes desenlaces que, depois de muito pensar, decidiu-se astuciosamente pelo casamento do negro, prendendo-o pelo coração.

Ainda que lhe conhecesse o genio retrahido,

avesso a amores, desconfiava da sua inclinação por uma das mucamas, Lucia, por havê-los, mais duma vez, surpreso em conversa no jardim — ella, dengosa ; elle, de boa sombra.

Rapariga de estimação, criada recatadamente á beira da senhora, quasi como filha, era de natural timido e meigo. Esmerada no alinhamento das vestes, mui composta nas maneiras, calada e modesta, afigurava-se a Macambira um ser de excepção destacando-se limpidamente, em realce gentil, da horda que fervilhava no immenso enxurdeiro.

Alta, fina e airoza, pelle setinea, côr de jambo, côrada nas faces em rosas de saúde, olhos grandes, pestanudos, dum verde liquido, longos cabellos lisos tirando ao castanho, com reflexos de ouro ao sol, falando em voz submissa, de uma quebreira dolente, Lucia impressionava pela doçura e pela originalidade do typo.

Filha de uma mulata com um allemão que trabalhara nas obras do engenho, crescera sempre mimosa, instruindo-se com uma senhora portuguesa, viuva, que se hospedara na fazenda pagando o agasalho com ensinar ás mucamas. Lucia, desde logo, revelou-se a mais intelligente e applicada, tornando-se a preferida da mestra, que não se fartava de a louvar lastimando-lhe o destino :

— Ha por ahi muita filha de fazendeiro que daria uma perna ao diabo para ter aquelles olhos,

aquelles cabellos e aquellas mãos de fada. Só não faz o que não quer. E a pequena apurava-se com a idade.

Lia e escrevia com desembaraço e era exímia em trabalhos de agulha. Lavradeira perita, bordava a branco, a matiz e a ouro ; talhava e cosia os seus e os vestidos da senhora, e, quando trabalhava na varanda, á sombra dos ramos pendidos do jasmineiro, era um encanto ouvi-la cantar modinhas.

Macambira não descia á Côrte com o comboio sem procurá-la e pedir ordens e os olhos accendiam-se-lhe em lume alegre quando Lucia lhe apresentava a nota das suas encommendas numa letrinha miúda e fina.

Dobrava-a carinhosamente e guardava-a na bolsa com o mesmo venerado respeito com que guardaria uma oração de virtude provada contra males e inimigos.

No regresso, entregando-lhe as compras que fizera, recusava o dinheiro e ainda ajuntava um mimo delicado da sua lembrança : vidro de cheiro, caixa de sabonetes, collar ou enfeite para o cabello, offerecendo com vexame, tremulo, d'olhos baixos, logo fugindo para forrar-se ao agradecimento. Se ella, porém, insistia em fazê-lo aceitar o dinheiro, recusava-se resentido :

— Qu'ê isso, Lucia ? Pois eu vou recebê paga-

mento da sua mão? Deixa d'história. Uma coisa á tôa . . .

— Então . . . muito obrigada. E, com um riso vexado: Mas olhe que eu assim não encomendo mais nada.

E olhavam-se um momento enleados. Encaravam-se mais as rosas nas faces da morena e Macambira, com o coração aos esbarros, sentindo o rosto em fogo, tartamudeava afastando-se para que ella não lhe notasse a perturbação comprometedora.

Mas o prazer de sentir, passando por ella, o aroma da essencia que lhe déra ou de vêr, ornando-lhe os cabellos, o enfeite que lhe offertára era tão intenso que elle parava e ficava sorrindo a respirar o perfume ou olhando embevecidamente a cabeceira airoza onde refulgia, entre o brilho doirado das madeixas, o grampo de plaqué. Nos serões era Lucia quem lia para os senhores.

As mucamas, sentadas em roda, costurando, ouviam-lhe a dôce voz dizendo as aventuras dos romances ou os casos maravilhosos dos contos orientaes.

Não raro, no silencio attento e commovido, arquejava um soluço, lagrimas rolavam nas finas cambraias quando, no desenlace de um capitulo, fuzilava um punhal cravando-se em peito fragil ou um recém-nascido, arrebatado de recamara fidalga

e levado ás occultas, em noite áspera de inverno, por pinheiraes lugentes, era abandonado á neve para que, com elle, desapparecesse o vestigio ultrajante de um crime de amor.

Duma feita Manuel Gandra, retirando-se da sala em meio da leitura, deu com Macambira no corredor, immovel, collado á porta, á escuta.

— Que fazes ali, rapaz? Se queres ouvir, entra.

Mas o negro recusou-se vexado e foi-se, levando nalma o som da voz suave, que não era interesse pela narrativa o que ali o prendia, mas o encanto da voz de Lucia, sempre harmoniosa, variando entre a doçura nas descripções poeticas e a plangencia nos lances sentimentaes.

Uma tarde, nos principios de Março, Manuel Gandra repousava no escriptorio ouvindo a parolagem do filho, então em ferias do 3.º anno do curso medico, que lhe descrevia, com arrevesados termos, a carnagem anatomica no amphitheatro, quando Macambira, de volta da villa, onde fôra á cobrança, pediu licença á porta.

— Entra, disse o fazendeiro refestelado na rêde.

O escravo entrou respeitoso, pediu a benção e, abrindo a bolsa de couro, passou ao senhor um maço de notas. Depois de estalar o queixo num bocejo largo, Manuel Gandra perguntou:

— Contaste?

— Sim, meu sinhô; mas é bom vancê cunfiri.

Gandra remirou o dinheiro sem, ao menos, desatar o nastro que o apertava e, atafulhando-o no bolso, pôz-se de récovo, fitando no escravo um demorado olhar.

— Que diabo tens tu, rapaz ? Andas triste. Sentes alguma coisa ?

— Nada não, sinhô, graças a Deus.

— Não, tu não estás em ti . . . Tambem, com a vida que levas . . . Queres ser santo ? O negro sorriu e Gandra perguntou de improviso : Homem, porque não te casas ?

Macambira aprumou a cabeça sobresaltado com a intempestiva pergunta e, de sobr'olho carregado, como se houvesse recebido uma affronta, tartamudeou encarado no senhor :

— Uai ! meu sinhô . . .

Os dentes alvos reluziram-lhe em sorriso instantaneo, logo, porém, se lhe fechou severamente o rosto.

— Macambira tem medo de mulher, chasqueou Julinho.

O negro voltou vagarosa e arrogantemente a cabeça e demorou o olhar atrevido no estudante. O rosto tremia-lhe em fremitos, um rictus rasgou-lhe a bôca franzindo-a em commissuras de ira. O fazendeiro insistiu :

— Pois não, os mollengas andam por ahi presos a rabos de saias e tu, um rapaz novo, forte . . .

Não, senhor! Não está direito. Precisamos vêr isso. Nem os bichos do matto vivem desse modo, elles lá se arranjam. Tens casa, uma roça regular, dinheiro junto. O negro ia contestar, mas o fazendeiro atalhou-o: Não negues. Essas coisas sabem-se. E approvou: Fazes bem: quem ajunta encontra quando precisa. Mas arranja uma rapariga, coisa que sirva, que dê com o teu genio e casa-te.

Macambira baixou os olhos e murmurou:

— Casá p'ra quê, meu sinhô?

— Ora, é boa! p'ra quê! Para teres familia, o teu cantinho alegre, pois então?

— A gente vive bem sósinho. E, sorrindo tristemente: Onde vai leva tudo que é seu, não deixa o pensamento em ródá da casa, nem anda com o ciume no coração. Iscravo é iscravo. Casamento é p'ra quem pôde, p'ra quem si governa.

— E tu não tens liberdade? Que te falta? O negro fez lentamente um aceno negativo recusando a proposta. Que te falta?

— Eu sei, meu sinhô!? Depois de meditado silencio, ponderou: Iscravo não casa. Branco oia, iscoie, tira o que o coração pede; negro, não: casa cumu trabaia — onde o sinhô manda. E, de novo, meneou com a cabeça negativamente, concluindo em voz baixa: Quero vivê nu meu sucego, cumu até aqui.

— Socego! irrompeu o fazendeiro; o teu socego

hem sei eu qual é. Atirou as pernas, sentou-se na rede e, espalmado as mãos nos joelhos, d'olhos fitos no escravo, affirmou com segurança : É Lucia ! Com ella casas, hein ? Que dizes ? Julinho, que baquetava na secretária com uma espátula de osso, pôz-se vivamente de pé, surpreso. O negro ficou attonito, piscando airadamente os olhos, num aturdimento de estuporado. Acertei, hein ? Com ella é negocio feito, hein ? e sorria. Anda lá que não tens mau gosto.

— Eu sou tolo, meu sinhô ! Penso lá em Lucia, uma rapariga quasi branca . . .

— Branca ! E que fôsse ! Brancos são os dentes e ninguem os tem mais alvos do que tu.

Julinho franziu a bôca ironica, levantou-se assobiando, e sabiu para o jardim bambaleando o corpo. Macambira, que não lhe perdera os movimentos, arfava, remordia os beiços, estrincava os dedos e, relanceando á porta um olhar desconfiado, disse ao senhor, entre reprehensivo e timido :

— Vancê foi falá isso na vista di nhô Julinho não tarda nada i tá na bôca de tudu mundo. Vancê vai vê a caçoada qui vão fazê.

— Caçoada ? Porque ?

— Vancê vai vê.

— Qual ! Elles sabem com quem se mettem e conhecem-me. E tornou ao assumpto. Por ser clara ? Que tem isso ? Quantas ha por ahi, até es-

trangeiras. E eu não vou forçá-la, ella ha de ir por sua vontade, e contente.

— Lucia ! ?

— Pois então ? Pensas que não sei o que se passa aqui ? sei tudo, e ella não esconde, nem ella nem tu. Pois se has de andar aos cochichos pelos cantos, é melhor tratar disso quanto antes. Entendo-me com o vigario e arranjaros a coisa na primeira missa de Abril. Estamos em começo de Março, teus tempo de sobra para arranjar tudo. Lê andar.

O negro sentia a garganta reseccada, o peito aperrava-se-lhe em constricção de angustia, uma zocira estrondava-lhe aos ouvidos. Espalmou a mão á borda da secretária e pôz-se a tamborilar com os dedos, nervoso. Por fim sussurrou em voz estrangulada :

— Não sei . . . Ila por ahi muito moço branco que gosta della. Contra a vontade, não ; isso não. Vem o arrependimento mais tarde . . . e depois . . . Eu gosto della, gosto, digo a verdade, mas não é por ella ser branca. Gosto porque ella é bôa, tem preposito, não anda por ahi desmandada cum'as outras. Mas a gente deve pensar muito antes di dá um passo ansim. Lê a vida inteira, meu sinhô sabe.

— Qual pensar ! Pensar quando não se conhece a mulher. Lucia é uma rapariga direita. Que marido melhor do que tu póde ella querer ? Bonifrates não faltam, mas isso . . .

Macambira quedou cabisbaixo, com o rosto a arripiar-se em crispações fulgurantes. Por fim levantou a cabeça e pediu com submissão :

— E meu sinhô fala co' ella ?

— Falo, falo. Pondo-se, então, de pé, Gandra caminhou lentamente até a porta, esteve um momento a olhar o céu sob a doçura da tarde triste ; e disse : Falo hoje mesmo. Voltou-se. O negro mantinha a mesma attitude estatelada. Vai. E, olha : vê se mandas limpar, amanha cedo, aquelle rego lá em cima que a agua está com um gosto de lôdo que não se póde. Mas o negro parecia de pedra, immovel, com o rosto a enrugar-se em rictus como se supportasse dôres lancinantes. O fazendeiro insistiu : Vai.

Então moveu-se, resfolegou desafogado e sahiu em passo vagoroso.

— Benção !

— Adeus.

Atravessou o jardim como um sonnambulo, desceu ao terreiro onde os cães, em atropelada corrida brincalhona, abocanhavam-se rolando aos rebolos.

A tarde declinava suave, estridula de cigarras. Diluam-se as ultimas côres do sol e a sombra enevoada começava a arminhar a paizagem. O ar cheirava. Bois mugiam a espaços, longamente, e a voz eterna das aguas, escachoando no « inferno » do moinho, rolava merencorea e profunda.

Macambira sentou-se á borda do terreiro, acendeu um cigarro e, descahindo o busto, inclinando a cabeça, pôz-se a estalar as unhas, alheio a tudo, no enlevo dum pensamento feliz, sem sentir a noite que o envolvia, cheia de estrellas no céu, mysteriosamente murmura de rumores que subiam da terra em varios tons accordes na melancolia.

Subito, levantando-se d'impeto, firmou-se em entono arrogante, cabeça alta, olhos fitos. Cruzou os braços impondo-se em attitude augusta, logo, porém, em frenesi, mettendo as mãos á gaforinha e avançando um passo, estacou encarado numa visão heroica e de amor que lhe corria ante os olhos maravillhados: as suas nupcias de rei na aringa pátria.

As descripções que Balbina lhe fizera do reino perdido, sem omittir uma arvore á paizagem, um objecto de uso, o nome de um idolo ou de um heroe, um verso aos cantos de guerra ou de amor tão fundo se lhe gravaram no espirito que, por vezes, se lhe representavam objectivamente.

Sentia-se como transportado á cabilda e, num instante fugaz, era o rei moço.

Naquelle momento, com a imaginação excitada, uma nuvem escureceu-lhe a vista, amoucaram-se-lhe os ouvidos aos rumores da realidade — logo, porém, estendeu-se-lhe ante os olhos, numa transfiguração, o espectaculo maravilhoso do pensamento evocado.

Viu-se em Africa e rei, entre a sua gente : os sóbas gineteando, cercados de lanças que se emmaranhavam nos meneios em que eram destros os guerreiros robustos, vistosos sob os mantos de pelles e os cocares de plumas ; os feiticeiros sarapintados, brandindo punhaes em torno de manipaços ; musicos aos pinchos cascavelando chocalhos, tangendo atabales, soprando possantes tubas ou frautas finas de canna ; mulheres desnalgando-se em saracoteios lubricos, com um guizalhar estrepitoso de buzios e seixos que formavam tangas e ornavam-lhes o peito e, entre virgens semi-núas, que empunhavam flôres de haste longa, balouçando-as ao rythmo do passo languido, Lucia, numas andas de ramos floridos, sob flabellos e palmas, levada aos hombros de chefes, acclamada por milhares de vozes estrondosas.

Mas as estrellas reabriram-se á scintillação, subiram, de novo, no silencio, as vozes varias da terra e a visão desvaneceu-se.

Os sapos gargarejavam alto.

-- Êta ! explodiu o negro num arranque. Fôsse lá ! Minha terra ! . . .

Sacudiu nervosamente a cabeça e, em passo moroso, foi-se, morro acima, direito á cabana, sem vêr os bacuraus que esvoaçavam em surtos breves e, na escuridão dos mattos, faiscando, os piscos vagalumes.

E nessa noite Balbina encontrou a cabana fechada e apagada.

Rondou-a, bateu á porta, forçou a janella ; por fim sentou-se no tronco que formava degrau á porta, mascando, d'olhos perdidos no luar, á espera do seu rei moço.

Macambira, contando com ella, mas querendo estar só, trancara-se e, sem accender a candeia, deitara-se no catre, quieto, antegosando o inesperado bem que lhe fôra promettido e, no enlevo de amor, fantasiava.

Um clarão de luar, que alumiaava a parede de reboco, pareceu-lhe um vestido de noivado e logo a imaginação pôz nelle o corpo da morena com a sua graça ingenua.

Era ella, ali estava, já delle ! alta, esbelta, flexível, com a pelle fina e doirada, os lindos cabellos lisos, os olhos grandes, verdes como algas, o dôce sorriso, toda ella, delle e para o sempre !

O clarão escorria da parede, lento ; já uma parte alumiaava o chão, chegava-se timidamente ao catre com feminino pudor, e elle esperava-o sorrindo como se nelle, em verdade, fôsse o corpo amado.

Quebrado de fadiga, tentava resistir ao somno embevecido no idyllio imaginario.

Fôra havia rumores iterativos, folhas estralejavam. Por vezes a porta trepidava d'encontro á

tranca, a janella rangia e a voz de Balbina rosnavava impaciente.

Por fim ficou o silencio -- só as folhas das arvores, sussurrando, punham na quietude um fremito de vida.

O negro bocejou largamente, com estrepito das mandibulas, distendeu os braços, dobrou-os por baixo da cabeça e, estirado, immovel, d'olhos ardidos, com o espirito já abrumado, mas ainda girando em torno da idéa fixa, ouvia os vagos murmúrios nocturnos, a mais e mais subtis e longinquos até que se lhe fecharam as palpebras e mergulhou no somno.

E o clarão do luar, subindo ao catre, deitou-se com o escravo, cobriu-o como um lençol diaphano e só o deixou quando os gallos começaram a amiudar nos poleiros, nas arvores, como sentinellas em postos annunciando o dia que vinha através da nevoa apagando as estrellas, despertando os ninhos.

Na fulgurante e torrida estiagem que fendia a terra em lanhos, desentaliscava os calangos e asanhava as moscas silvestres, que ziniam relumbrando em côres ao clarão fulvo do sol, com a barafunda e o babareu das negras, o accetoso sitio regadio apparentava o tumultuoso aspecto de uma aringa.

O correjo dividia-o em duas bandas dispaes.

Á esquerda, era um areinho sáfaro, pedrento, espetado de aspero silvedo, com um ou outro arbusto esmarrido.

Á claridade vívida, que faiscava na terra aridamente calva ou espinhada em hispida macéga, incrustada, em pontos, de lascas de malacacheta que expluiam centelhas, reluziam, aqui, ali, esphentadas poças d'agua. Coqueiros, de palmas arre-

pelladas, derreavam-se como em deliquio farfahando mollemente a sopros mornos.

Ao longo da margem, em estendal de alvor ofuscante, a roupa córava ao sol.

Contínuas, em chirriada monotona, por vezes como chiar de carros, as cigarras mantinham o rechino enfadonho e torpido do estio e, a espaços, dum e doutro ponto, saltavam gafanhotos com um crepitar metallico de elytros.

Nas barrancas amarellas, sulcadas em lesins e oureladas de matto intonso, lagartos papejavam abochornados. A immobibilidade dizia com o silencio e os raros ruidos do vento soavam frouxos, sinistros como lufadas de incendio. E, para aggravar o escaldo, encandeando a vista, a pedreira, escalavrada em laivo escandecido, destacava-se branca, reticulada de veios, como a nuca de um gigante encovado no areal, cuja cabeça fôsse a collina redonda, coberta de silvas, como encarapinhada em grenha hirsuta. O azul, alto e translucido, tinha diaphaneidades de crystal e branduras macias de setim.

Na banda direita, em contraste, tudo era viço e frescura, desde a relva, muito verde e humida, até as franças das arvores copadas que abriam largas sombras mosqueadas de soalhas e estriás de sol.

O corrego somnolento, ilhado de espumas vi-

trificadas em bolhas rutilas, descia vagaroso sob o vôo irrequieto das libellulas, rebalsando frocos ao longo das margens ou condensando-os em torno das lavadeiras, brancos, rendados como fólhos da camisa que lhes houvesse escorrido dos hombros amontoando-se-lhes em volta da cintura.

Eram em bando, typos varios, negras, cabrocas e mulatas.

Rapariguinhas franzinas, ainda impuberes, mulheraças fornidas e desenvoltas, velhas macilentas, saias sungadas, enrodilhadas á cinta, em camisa ou com uma simples tanga; peitos ainda em botão, mamas fartas bamboando gelatinosas ou chatas, flacidas, dependuradas em linguas molles.

Ás upas d'ancas, no esforço arrancado de esfregarem a roupa, algazarravam ou guinchavam cantigas em falsete.

Negrinhos nús, em alarido alegre, chapinhavam no lôdo, rebolecavam-se, trambolhavam nas peças de roupa suja, espadanavam ás pernadas nagua mergulhando, surgindo aos bufidos nos borbulhões d'espuma com a carapinha como polvilhada. E pequenos engatinhavam choramigando, agarravam-se aos ramos, amparavam-se ás pedras tenteando passos, equilibrando-se; outros, papo para o ar, pernas abertas, dormiam em trapos ao abrigo das moutas.

Ás vezes, ao choro dum, uma negra sahia d'agua

com as saias apegadas ao corpo, esfregando os braços enluvados de espuma, sentava-se na relva, tomava o filho ao collo e, chegando-lhe o peito á bôca, ficava distrahida, numa felicidade dôce, vendo-o sugar golfadas cheias aos goles lentos e gorgolejantes.

Bemtevis, das grimpas dos coqueiros, respondiam chocarreiramente á surriada dos sanbassos. Anuns voejavam nos ramos baixos e, de pausa em pausa, com a regularidade rythmica de um pendulo, soturno gemido d'ave partia da capoeira, lugubre.

O ar abafadiço, impregnado da urente evaporação da terra, cheirava á coivara. Os mattos resequidos estralejavam. Refegas de vento revolviavam folhas, bojavam roupas suspensas dos ramos, levantavam terebrantes torvelins de poeira, saltando aos repiquetes, ora num chão vazio, suflando a terra solta, ora ondulando os capins esturricados ou agitando as franças que reboiam com farfalhoso barulho.

As roças de milho, seccas, com as folhas encoradas ou rotas em fiapagens, sujas, pareciam cobertas de cinzas.

A quando e quando, no árdego silencio, vibrava metallico o canto marcial de um gallo. Mas a quietação recahia lassa, modorrenta, abhorrida. Longe, nas montanhas de um azul esfumado, a luz parecia pulverisada e as varzeas, retalhadas em

caminhos tortuosos, tremiam em arripio lucido e contínuo como se as reflectisse um espelho vibratorio. Abafava-se.

As proprias negras semi-núas, mettidas nagua ou patinhando no lameiro, suspendiam, a intervallos, a labuta, offegando exaustas.

— Ufa! Nossa Senhora! Parece fogo! Isso é trovoadas que vem ali.

E o clarão accendia-se mais, dum amarello livido, scintillando nas folhas, crestando a terra, resplandecendo afogueadamente no azul immaculado.

O lavadouro atroava no auge da balburdia quando *Vacca-brava* appareceu arremangada, suada, com os molambos esvoaçando. Viam-se-lhe, pelos rasgões da saia, trapos da camisa sordida e negros da carne magra.

— Uai! Donaria... ocê pur aqui.

O mourejo cessou de golpe com a presença da cabrocha.

As negras aproveitaram o incidente para um repouso garrulo. Umas, subindo á margem, accenderam o cachimbo, outras metteram na bôca um naco de fumo mascando saboridamente. Tal espapou-se de borco fincando os cotovellos na herva humida, com o rosto enforquilhado nas mãos;

qual refestelou-se resupina, braços abertos, arfando.

— Ocê aqui é cõsa. I a modi qu'ocê andô rolando nu barro.

— Qui cara injuada, iche ! Cara di quem cumeu i não gostô. Pois óia, s'é bom manda p'ra cá, qu'ocê mêmu já não agüenta báqui di marruá.

A gargalhada explodiu. A cabrocha voltou-se carrancuda, mediu d'alto a mulata que a troçara, uma fula, esqueletica, braços muito compridos, cara ossuda, picada de bexigas.

— Cala a bõca, fedentina. Ocê não cria vergonha nessa cara ? E, frenetica, roufenha, arremetendo : Ocê não toma pagode cummigo, não ; oia, lá ! Eu já ti dei cunfiança, pixilin ? Toma sentido, bruáca. Dipois, dipois . . . E gingava, virovirava, a alisar os braços másculos como em desafio.

A mulata embatucou ante a furia da cabrocha e ria vexada, esfuracando a terra com um graveto. Mas como as injurias continuassem levantou-se e, de repellão, sungando a saia encharcada :

— Ah ! tamem . . . a gente não póde brincá. Ocê tem dirêto di dizê tudo i os ôtro . . . Quem sabi ? ! Tão bom cumu tão bom.

Metteu-se nagua e, atafulhando as saias entre as pernas, pôz-se a lavar resmungando. Donaria, olhando-a d'esguelha, escarrou alto e cuspiu com

asco e, sem lhe dar mais attenção, acenou a uma das negras.

— Oia aqui, Damiana.

— Eu ?

— Ocê mêmu. Escuta aqui uma côsa.

Esfregando os braços roliços a nomeada sahio do corrego com a saia collada ao corpo, modelando-lhe as côxas gordas, o ventre ancho e redondo.

Era uma negra moça, atarracada, retinta, com a gaforinha trançada rente, em malhas imbricadas, parecendo mais uma calote de retroz. Plantando-se diante de *Vacca-brava*, mãos nos quadris, com as fórmãs anafadas muito em relevo, indagou :

— Qui é ?

A cabrocha rosnou :

— Bamo sahí daqui. Tá tudo d'óio in cima di nós.

Afastaram-se. As lavadeiras, vendo-as ir muito juntas, cochichando, davam de cabeça espichando o beijo maliciosamente.

— Patifaria . . .

— Uhm !

As duas entraram no balseo, sentaram-se á sombra das pitangueiras e Donaria, encolhendo as pernas, com os cotovellos nos joelhos, o busto descahido, disse em tom de mysterio, encarada na companheira :

— Ocê já sabi ?

— U quê ?

— Casamentu di Lucia cum Macambira . . . ?

— Huê, gente! exclamou Damiana em sobresalto. E depois dum silencio de pasmo: Historia... contestou abotoando os beiços em mômo de incredulidade.

— Ora! s'eu tô dizendo . . . Mercêdes soube di nhô Julinho.

Damiana escancellava a boca, os olhos espocavam-lhe das orbitas. Cruzou os braços premindo os peitos, que rebojaram transbordando.

— Mas qu'é qu'ocê tá dizendo, criatura . . . ! ?

— É p'r'ocê vê. Casamentu ficou cumbinado honte. Foi sinhô memu qui falô cum Lucia.

— Ocê qué vê qui véio já passô rôdo nella i agora qué remendá u má ? !

— Sinhô ? Quá ! U qu'elle qué é prendê u muxiba i bóta muié nelle.

— Mas Lucia . . . ! pasmou Damiana enclavinhando as mãos, olhos em alvo, abobada.

— É p'r'ocê vê. Aquella songa-monga. Ocê s'ispanta . . . Eu é qui nunca m'inganei e'aquillo. Mulata di cabellu ruivo, ôio nella. A mim ella nunca inganô. Muito luxu, muita fiducia p'ra s'istrepá nu muxiba. Porquêra !

— Ambição. Foi só modi dinhêro. Macambira tem gimbo, sinhô faz tudu qu'elle qué. E cuspi-

nhou : Mandiguêro safado ! Dêxa ella, Barbina tá lá in cima.

E falaram do negro e da mulata com maledicencias torpes, rindo escarninhas.

Vacca-brava, atirando um murro á côxa, jurou que Macambira havia de pagar-lhe e, rouca, com expressão feroz :

— Só s'eu não cunhici a mãe d'aquella bicha, mais rasa du que bassôra. Aquillu, mais hoje, mais amenhan injôa á catinga du tio i vai co' primêro qu'apparecê, cumu cachorra d'istrada. Ocê ha di vê.

A outra, com um rebrilho de dentes claros :

— Eu só quiria ficá nu quartu delle na noiti du casamentu modi vê o pagodi ; e riu esganiçadamente.

Donaria atirou um muchocho.

— Pois sim . . . ! Qu'é qu'ocê pensa ? trambe-cando memu elle ha di lá. Mulata tem fogo, ha d'arranjá geito.

— Sem vergonha ! Este mundo . . . uhm ! Levantaram-se. Té logo ! Roupa tá hi.

Donaria enveredou matto a dentro e, já longe, occulta pelas arvores :

— Oia, amenhan tem zorô lá in casa. Ocê que-rendu levá boca . . .

— Brigada.

Damiana tornou ao corrego e, instantes depois, a farandula, sabedora do caso, rinehavelhava ás

escancararas, commentando impudentemente a sem-vergonhice da mulata. E uma negra cantou de improviso :

Eu quero vê p'ra contá,
 Eu quero vê modi crê
 Fogu pegá dentru d'aua
 I u muxiba cum muiê.

O comadrio delirou com a trova repetindo-a por entre risadas cascalhantes. Negras mais desabridas sambaram ao som das vozes, corcoveando aos reboleios. Á noite, na cozinha, as velhas negras cachimbando, mascando acamaradadas gosaram as micagens das mucamas e dos crioulos.

Um delles, macaqueando Macambira, empinado em recacho pimpão, abarcando a cinta de uma cafusa, que fingia de Lucia, deu volta á cozinha, através do riso e dos diterios canalhas da assistencia. Subito, atracando-se com a rapariga, forcejando por derrubá-la, a farejar-lhe o collo, pôz-se a fungar em cio, fossando, grunhindo. As velhas dobraram-se em guinchadeira largada, aos empurrões umas ás outras ; e uma cantou, batendo as palmas :

Eu quero vê p'ra contá,
 Eu quero vê modi crê . . .

E o crioulo e a mucama tripudiavam desconjuntando-se em rebolir obsceno, agachando-se penei-

radamente; mas d'impeto, a um grito, pondo-se os dois a prumo, chocaram-se em umbigada. E foi um reboiço alegre e estrondoso de applausos.

E o « quadrado », ainda depois do toque de silencio, com os negros sentados no limiar das portas, muito tempo rumorejou sarcástico com o zumbido da cantarola zombeteira :

Eu quéru vê p'ra contá,
Eu quero vê modi cré . . .

Foi no escriptorio, á tarde, que os noivos tiveram o primeiro encontro. Macambira dava conta do serviço que fizera na matta com tres negros, limpando a fonte e o rego de onde desalagara todo o balseiro de folhas eervas mortas, amotando as margens para canalisar a agua, quando Lucia appareceu á porta, parando no limiar.

— Senhor me chamou ?

— Entra ! ordenou o fazendeiro.

O negro perturbou-se. Fez uma atordoada volta olhando airadamente em torno, a remexer nos bolsos. Tirou o lenço, limpou o rosto e, atarantado, ia pondo o chapéu quando deu com o olhar em Manuel Gandra. Retrahiu-se vexado, como surprehido em falta.

O fazendeiro continha, a custo, o riso ante o ar

canhestro dos dois. Mirou-os tranquillamente e disse, em tom de galhofa :

— Homem, vocês parecem crianças. Que diabo! Lucia encostara-se ao umbral e retorcia, acanhada, a ponta do casaco. Entra duma vez, rapariga. Que estás fazendo ahí fóra ?

A mulata adiantou-se timida. Gandra sentou-se na rêde, accendeu um charuto e, vagarosamente, como se desse uma ordem de serviço :

— Vocês já sabem do que se trata, não é ? Pois entendam-se lá, marquem o dia e avenhem-se. Eu estou por tudo. E pôz-se a balançar-se fumando.

Macambira sentia-se como colhido em cilada, sem vêr sahida, e abafava ; ouvia-se-lhe a respiração angusta. Relanceando olhares rápidos á Lucia, via-lhe o collo alto arfar oppresso. Acenou um gesto vago, sem significação, manteve um momento o olhar fito, mas não via — era como se estivesse muito longe, isolado em prisão de altos muros, sem ar, sem luz, a morrer.

Ante o silencio obstinado, Gandra exclamou nervoso :

— Então que é isto? Vocês perderam a fala? E tu, rapariga...?

A mulata deu d'ombros mollemente, com um sorriso contrafeito.

— Eu sei... O que meu senhor fizer está bem feito. Meu senhor manda.

O negro atesou-se hostil, punhos cerrados, mandibulas aperradas, o olhar fulmineo. Gandra acenou de cabeça em negativa e falou vagarosamente, como se ditasse as palavras :

— Não, senhora: eu não mando. Aqui não ha senhor. O caso é entre vocês dois. Não disseste que querias ? Lucia, retorcendo-se, boleando o corpo, revirando a cabeça, sorria, tornava ao serio em indecisão envergonhada. Gandra insistiu com serenidade : Fala : queres ou não ? Se queres, muito bem ; se não . . .

— É . . . confirmou Macambira em voz cava.

De novo o silencio cobriu a scena. O negro aprumava-se tanto que parecia crescer, dilatar-se como uma sombra. E quedou silencioso, hirto, encostado á parede, o olhar morto. A mulata fez menção de falar, não se atreveu, retrahindo-se com um encolher d'hombros; por fim decidiu-se :

— Então só eu é que hei de falar ? O que eu tinha a dizer já disse, meu senhor sabe.

— Sim, eu sei ; mas Macambira quer ouvir de ti, da tua bôca. Lucia encostou-se á secretária, d'olhos baixos, resmungando em tom dengoso. Fala! tornou o fazendeiro. Ella levou o braço ao rosto escondendo os olhos, como se chorasse. Fala, rapariga. Pareces bôba.

— Então a gente não tem vergonha ? Assim tambem não . . .

— Vergonha de que ?

O negro olhava casmuro. De improviso, desmanchando-se em gestos desengonçados, gago, com o olhar desvairado, rompeu :

— Ocê não qué, diz ; é mió. Ninguém tá forçando ocê, não é, sinhô ? Ninguém tá forçando. Não qué, fála duma vez. P'ra que a gente ha de ficá ansim um diante do outro perdendo tempo ? Não qué, diz. Ninguém ubriga.

A mulata, surpreendida com a rebentina do negro, encarou-o pasmada. Gandra fechou a cara, atirou fóra o charuto e, levantando-se da rêde, bradou :

— Qual não quer !

— Mas eu disse alguma coisa, gente ? ! choramigou a mulata.

Remordeu o labio e, de cabeça baixa, pôz-se a bater nervosamente com o pé calçado em chinel de bico. Gandra voltou-se para Macambira. O negro era uma estatua. Lucia deu d'hombros, resignada. Suspirou sorrindo e, caminhando para o negro d'olhar fito, estendeu-lhe a mão inclinando a cabeça num geito de graciosa humildade :

-- Tá hi, sussurrou infantilmente.

Macambira, alvoroçado, correspondeu ao gesto e, em voz branda, com uma desusada ternura a atravessar-lhe a aspereza das maneiras, como um limpido fio d'agua jorrando d'entre pedras, interrogou docemente :

— Mas é do seu gosto, Lucia ?

— Huê ! Então ?

— Oia lá ! Pensa bem ! Casamento é cum'a morte, Lucia ; e os dentes reluziram-lhe em sorriso estranho.

A mulata abotoou os labios em muchôcho e, envolvendo o negro na languidez de um olhar adormecido, redarguiu sorridente :

— Pensar o que ? O que eu tinha de pensar já pensei. E animada, encarando-o : Mas porque é que você fala em morte ?

Elle embatucou arvoado, com um largo sorriso alvar no rosto luzidio, a errar com os olhos muito abertos :

— Uai ! porque sim. Casamento e morte é uma vez só ; e, insensivelmente, apertava-lhe a mão, triturando-a. Ella trincava o labio, encolhia-se com uma expressão meiga de soffrimento, olhando-o d'olhos semi-cerrados no goso dorido daquella tortura de amor.

Gandra interrompeu o colloquio :

— Bem, estamos entendidos. Agora é tratarem disso quanto antes. Casamento e jantar não se deixam esfriar.

E foram assim os esponsaes de Macambira e Lucia.

Uma manhã, como de costume, Gandra passeava no jardim e parára junto do viveiro das avenças, na humidade sombria de uma gruta de pedras limosas por onde e d'onde a agua corria em filetes, pingava em lentejo estagnando no tanque cheio d'algas, quando ouviu passos crepitarem na areia. Voltou-se e viu Macambira.

— Olá ! O negro sorriu canhestro. Queres falar commigo ?

— Sim, sinhô. Queria dizê uma côsa, meu sinhô não leve a má . . .

— Que é ?

Então o negro, vexado, propoz tomar a jornal alguns parceiros, officiaes d'obra, para fazer um puxado, rebocar umas paredes no seu rancho. Gandra encarou-o sobreceño, como offendido, mas logo, desannuviando o rosto, disse em tom pausado :

— Guarda o teu dinheiro, rapaz. Pôz-se a alisar a barba, meditando; repuxando o labio em dois dedos, esteve um momento d'olhos altos, semi-cerrados, como a calcular. Por fim perguntou: O Felix já acabou o que estava fazendo no engenho ?

— Cabô sim, sinhô.

— Para vocês uma casa com dois quartos, sala, cozinha é quanto basta . . . ?

— Uai !

— Pois eu falo com o Felix. Ha ali tudo : telha, madeira, tijolos. Que mais ? Umas ferragens, cal, um pouco de tinta, isso custa-te uma ninharia. Nada de remendos. Vida nova, casa nova. E voltou-se para o tanque a olhar as algas. Pois é : o que ha em casa, eu dou ; o resto compras. Não é assim ? O negro sorriu agradecido. Tres ou quatro homens arranjam-te isso em dois tempos e ficas com uma moradia decente.

O negro, ainda que o conhecesse como homem de rasgos, generoso, mãos rotas, coração grande, ficou sem termos para agradecer. Retorcia o chapéu nas mãos sorrindo abertamente.

Despediu-se contente e, como tinha de ir á Barra, desceu ao pasto a apanhar um animal ; e assobiava radiante á idéa de ter, lá em cima, em vez da cabana palhica, esburacada e ennegrecida de fuligem, uma casinha de telha, caiada, com um alpendre, que era o seu sonho.

E, tres dias depois, começaram alegremente as obras.

Conhecendo o genio franco de Macambira, os parceiros atiraram-se de bôa cara ao trabalho.

Eram cinco rapagões destorcidos, tres pedreiros e dois carapinas e Felix, o mestre, gordalhufo, alma alegre, um pagodista de marca, sempre de cara nagua, vozeirando ordens, ás pernas por cima das pilhas de sarrafos, pelos montes de tijo-

los, pelas rimas de telhas concavas. Moleques cruzavam-se no carreiro, uns subindo com materiaes, outros descendo, a correr, em tropelias, labutando por gosto.

No amassadouro eram elles que revolviam o barro, eram elles que o levavam no cocho aos pedreiros. Marinhavam pelas escadas com telhas, subiam a ladeira com taboas que estalavam matraqueando umas nas outras.

E, no recanto agreste, dantes tristonho, silencioso, era um bulicio alegre desde o amanhecer até a tardinha: martelladas, rascar de serra, troar de vigotes atirados, vozes, gritos, cantigas, assobios. Nas paredes ia entrando o emboço e Felix impava orgulhoso atafulhando-se nas maravalhas ou levantando poeira do chão prompto para receber soalho nos aposentos da frente — quarto e sala, que os outros, um quartinho para dispensa e deposito e a cozinha ficavam bem ladrilhados a tijolos e de telha van.

Á frente da casa um alpendresinho sobre vigas de cedro offerecia o agradavel repouso dum poial.

Macambira tratava os operarios com largueza — era o café com bolacha, o gole de canna, o fumo e, aos domingos, uns dois mil réis a cada um.

O levantamento da cumieira foi pretexto para um regabofe de feijoada e canninha, á sombrà das laranjeiras.

Prompta a casa, alvejando entre as arvores, com o telhado vermelho, as portadas verdes e, lá para o fundo, no lançante do monte, o gallinheiro de ripas, o chiqueiro de taboas, uma moenda nova, Macambira abraçou os rapazes gratificando-os generosamente. Felix teve maior maquia.

Quando o negro communicou que a casa estava prompta, Manuel Gandra quiz vê-la e lá foi a cavallo.

Andou por ella examinando tudo minuciosamente, abrindo e fechando portas e janellas; correu o terreiro, o pomar e achou que aquillo « estava digno dum lord. » Uma casa de gosto. O negro sorria desvanecido.

— Pois olha, ficou melhor do que eu esperava. Estás muito bem. Lucia vai gostar. Agora é conservá-la. E a tua roça está viçosa. Podes estendê-la pelo monte até a beira da matta; ali em cima a mandioca deve dar bem. Para milho e canna tens a baixada, de bôa rega. Estás muito bem. E que vista! É um paraíso. Bom... Deus te ajude.

Montou e partiu.

Nas clareiras parava o animal olhando d'alto o seu vasto senhorio, terras de sementeira e matta, campo e monte, tudo farto por ali fóra a perder de vista.

Um carro de bois subiu da Barra carregado: mobilia nova e louça, trem de cozinha, fazendas, de um tudo.

Era noite alta quando passou a porteira sem ruido, com muita graxa nos eixos e, apesar do ladrar dos cães, ninguém acordou na fazenda. Macambira, Balbina e os carreiros transportaram a carga para a casa nova e o carro regressou antes de amanhecer.

O terreno foi todo capinado em volta da casa e o caminho alisado tão a capricho que não ficou pedra em resalto nem depressão sensível. E era um gosto aquillo lá em cima, tudo lustroso, cheirando a verniz, louça de passarinho no armario, quatro cadeiras, cama francesa de casal, commoda de vinhatico, boa mesa, sem contar a mala que Macambira comprara na Côrte, o relógio, uma cantoneira com uma figura de gesso.

E o negro, armando na sala a rêde do Norte, de varandas largas, em franjas, tomou a attitude orgulhosa de um *ras* que contemplasse soberanamente os seus dominios vastos.

Então resolveu convidar Lucia para ir um domingo lá em cima, vêr se estava a seu gosto.

Balbina arranjou o interior com tão apurado esmero que até flôres havia em vasos de barro e em copos, sobre a mesa, na commoda, nas prateleiras forradas a papel de côres.

Nas paredes alvas figuravam illustrações de revistas, chromos, registros, um feixe de palhas seccas benzidas e uma oleographia representando a

Ceia. Na porta, por dentro, havia um signo de Salomão que o Felix pintara a capricho.

No terreiro, muito varrido, choviam as flôres d'ouro duma acacia. Passaros faziam giros largos, iam ao fundo escabroso das grotas, tornavam aos ramos, de novo partiam d'arremetida, aos trillos. Da matta sahiam revoadas com um chilreio de riso.

Por vezes um grasnido rascante talhava o ar — todas as azas colhiam-se, o espaço esvaziava-se e, alto, solitario, um lento cará-cará batia o vôo perscrutando, subito inflectindo rispido, direito a um ponto, á prêa.

Em volta de caixões, que Macambira suspendera sob a aba do telhado, zumbiam enxames. Gallinhas ciscavam cacarejando aos pintos, gallos cucuritavam nos mattos; uma porca, com a sua leitigada, grunhia fossando o lôdo e, preso a uma arvore, o cão ladrava, gania aos arrancos á corrente.

Da velha choupana não havia vestigio, só as arvores que a cercavam dantes mantinham-se de pé, mais vivas e airosas, como se houvessem remoçado, dando sombra mais larga e aroma mais dôce.

E Macambira, ainda só, mas sabendo-se amado, contava os dias, muito perto da felicidade, como se fôsse pelas extremas de denso bosque e já avistasse, atravéz das abertas, ao longe, azul de céu e alvuras da cidade feliz onde devia habitar agasalhado e para o sempre no puro amor do seu sonho.

IV

Prompto desde cêdo — porque de madrugada, antes das côres abrirem-se, fôra ao banho na cachoeirinha do grotão — vestido de ponto em branco, gravata, botinas de couro crú, Macambira aforçurava-se nos arranjos da casa, empenhado em agradar á noiva.

Tudo varrido, espanado, portas e janellas abertas, estendeu a toalha na mesa, pôz o boião de compôta, a lata de biseoutos, uma garrafa de vinho fino. E cantarolava indo e vindo, com estrepitoso rincar das botinas, a reparar, a corrigir, removendo objectos, compondo melhor um ramo, ora na sala, ora no quarto ou sahindo ao terreiro, tão exigente no accio que até apanhava do chão as flôres murchas, as folhas seccas e ia lançá-las á grotá.

Era outro — alegre, expandido, physionomia

aberta, sem a espinhenta desconfiança, a irritadiga susceptibilidade que o tornava ferrenho e antipathico.

Quanto mais corria o tempo mais se lhe abrandava em ternura o coração empedernido. Vendo, porém, as franças do arvoredado reluzirem ao sol, impatientou-se.

Foi ao pequenino relógio de madeira recortada que, sobre a commoda, batia um tic-tac lésto. Oito e meia! E ella que promettera ir cedo, de manhãzinha . . . !

E entrou a conjecturar: « Uhm . . . ! » Dava-a por arrependida. Talvez vergonha das mucâmas que a traziam num cortado, sempre com indirectas, rindo-lhe na cara ou cantarolando a toada da cantiga impudente. Ou seria medo de que elle, apanhando-a sósinha lá em cima, tentasse violentá-la?!

Tal idéa assomou-o, accendeu-lhe nalma uma colera frenetica e, revoltado como diante do facto real, prorompeu em improperios, repellindo, em voz surda, a affrontosa, imaginaria suspeita:

« Eu! ? Ocê tá enganada! Eu não sou da laiã desses qu'ocê conheçê. Ocê tá enganada! Quem sabe! » E media a sala a passos largos, arrePELLANDO-se, gesticulando desabridamente.

Arrugou-se-lhe a fronte em catadura feroz, os olhos, adoidados, lampejavam áscuas, retorcia as mãos, dobrava-as enclavinadas estrincando os de-

dos. Subito, atirando uma patada ao soalho, expluiu fremente : « Diabo ! » Os beigos tremiam-lhe, o peito ia-se-lhe constringendo em angustia. Sorveu ar.

Fóra, no esplendor da manhan radiosa, era um sonoro guizalhar de cigarras. Caminhou até a cozinha, sahiu, deu volta, foi ter ao pomar e um tumulto de idéas revolviam-se-lhe no pensamento. Avistando-o, o cão pôz-se a ganir agachado, a arrastar-se humilde, batendo à cãuda ; vendo-o passar indifferente, arremetteu de salto e, um momento de pé, sustido pela corrente, ladrou, rosnou, voltando, por fim, a enroscar-se na palha.

O negro raspava a fronte a unhas, refranzia o rosto. Tornou á casa.

Foi, de novo, ao relógio : « Nove horas . . . » Sorriu sardonico, resmungando injurias.

Mas estatelou-se á escuta, agarrado aos punhos da rêde, a olhar attento. Era, sim. Era a voz de Lucia, perto, no caminho. Sahiu á porta e, abrindo os braços entre os umbraes, esperou. Era ella, sim. Era ella e dizia :

-- Bem feito ! Quem te mandou ? Eu não disse que não viesses pelo matto ? Tu não tomas emenda . . . E appareceu entre as arvores, de branco. Uma negrinha seguia-a manquejando.

Macambira sentia-se como á beira dum brasido : intenso calor afogueava-lhe o rosto, urticava-lhe os olhos, dando-lhe sensação igual á que soffria

nas queimadas de Agosto quando, em lufada adusta, o vento pãssava rolando bulcões de fumo. O coração pulsava aos impetos solapando-lhe o peito; corriam-lhe arripios pelo rosto.

Parecia medo o que sentia vendo vir a mucama, passo á passo, meio curvada, sacudindo o lenço, a espantar as abelhas.

Custou a arrancar-se de onde estava, descer o patamar para recebê-la.

Sentia-se attrahido, num fogoso desejo de precipitar-se, correr, tomá-la nos braços, mas conteve-se disfarçando a emoção na compostura grave com que a esperou junto á acacia, que pingava flôres.

Dando por elle, a mucama, com as côres muito vivas nas faces, exclamou risonha e offegando :

— Hum ! Parece que não é nada e estou aqui botando a alma pela bôca.

— Quem não tá costumado, cança.

Estendeu-lhe a mão e ficaram um momento encarados, sorrindo.

— E como isto está de flôres ! Embellezada de tudo não se fartava de olhar, elogiando : « Muito bonito ! E eu que nunca tinha vindo aqui ! Não, minto : vim, uma vez, em pequena, com mamãi, no tempo de *ti* Pedro. Mas não vê que era assim . . . ! Tudo matto e ali, bem na beira do barranco, um ranchinho á tôa. Agora sim. »

E iam-lhe os olhos a tudo : á matta, muito densa, pintalgada de flôres, rolando em verdes varios pela encosta do monte, num ou noutro ponto escavado — pedra a reluzir humida ou costão de barranca escavacada ; ao pomar, onde já as laranjeiras tinham os frutos amarellos ; á acacia toda em flôr — « Como está linda ! Parece de ouro ! » não se conteve que não dissesse ; á casa muito branca, já com um laivo de sol á frente e pombos no telhado : « Como é fresco ! E que bom cheiro ! »

Um som d'agua adormentava e a chilreada dos passaros ia bem na alegria daquelle sol, no viço daquelle verdor lustroso.

Lá em baixo, longe, até as montanhas, a varzea ora plana, ora ondulando em colles suaves, certada pelo rio sereno, sombreado d'arvores ou fuscando ao sol ; roças, convalles ainda abrumados de nevoas ralas. E choupanas á beira das trilhas, com o terreiro á frente, claro, liso como assoalhado ; outras que se adivinhavam pelos rolos de fumo ondulando entre as arvores ; e avelludadas collinas dum verde fresco, tosadas, sem sombra d'arvore. Para os lados da lavoura grande os cafesaes a eito nos outeiros. Altas no céu fugiam nuvensinhas brancas.

Lucia voltava-se para um lado e outro olhando enternecida.

— Bonito ! E depois dum silencio : Mas á noite deve ser muito triste . . .

-- Quando ha lua nem dá vontade da gente drumi. Tudo isso fica alumando e lá em baixo parece o mar.

Ella mirou-o maravillhada. E os dois, no mesmo enlevo, ficaram olhando os horizontes fundos, empoeirados d'ouro. A crioulinha sentara-se na soleira da porta examinando a perna escoriada.

— Tá doendo? Esfrega um bocado de cachaça.

— Qual! contrariou Lucia.

A pequena contrafez um sorriso, repuxou a saia curta de zuarte, escondendo a perna escanifrada.

— Bamo entrá? convidou Macambira.

E Lucia, muito mimosa, sacudindo a barra do vestido:

— Vamos. Na sala, diante da mesa servida, a mulata exaggerou a surpresa: — Nossa Senhora! mas que é isto!? E riram.

Relanceando os olhos, ia vendo tudo com ar satisfeito. Ao dar com a *Ceia*, mudou-se-lhe a expressão do rosto em serenidade beata. Recolheu-se constricta, como se rezasse e o negro contemplava-a em extase, adorando-a com um olhar que a envolvia á maneira de um clarão no qual, em surtos, relumbrava a flamma do desejo.

Ella suspirou docemente, persignou-se e, olhando-o:

— Vamos?

A casa ainda cheirava a tinta e Macambira recommendou : que não se encostasse nas portas. Ella colheu o vestido, retrahindo-se. Entraram no quarto.

Tres janellas arejavam-no -- uma á frente, outra ao lado olhando o costão do barranco e a terceira ao fundo, sobre o monte, ensombrada por uma magnolia de tronco rugoso e negro, como tostado, mas florida e alegre de vôos e de chilreio d'aves.

Macambira deixou-se estar á porta enquanto Lucia examinava o aposento e os moveis : a cama, o lavatorio de ferro, com bacia, jarro e saboneteira de louça, a commoda, uma canastra encourada e um cabide de parede.

As gavetas aperravam rangendo e um cheiro de madeira nova enchia o quarto agradavelmente.

Na cama, o colchão alto, estalejando á pressão, travesseiros sem fronhas, uma esteira enrolada aos pés.

-- Está a seu gosto ?

-- Que pergunta !

Sahiram encaminhando-se vagarosamente para os fundos e, diante do quartinho, Macambira explicou :

-- Isto é um achegosinho p'ra guardá uma coisa e outra.

— Pois então ? Serve bem.

Foram á cozinha. Lá estava Balbina encorujada junto ao fogão de tijolo, toda de novo : saia e casaco de riscado, lenço vermelho á cabeça. A alegria de Lucia, até então contida em vexame, explodiu ruidosa :

— Tia Balbina aqui . . . tão caladinha ! E toda bonita !

A negra encarquilhou um sorriso, resmungando :

— Caçúa, caçúa . . . Casa ta hi. Bôa vida vai cabá.

— Bôa vida ! . . . disse a mulata superciliando. Pois sim . . . !

Ficou um momento alheada, d'olhos vagos, como perdidos num pensamento. A negra ruminava engrolando o fumo que lhe rolava na bôca.

Lucia acompanhava com o olhar triste uma andorinha que entrara pelo vão do telhado e saltava nas vigas, trissando. Um raio de sol polvilhado de átomos descia em diagonal sobre o fogão.

Macambira mandou servir o café. Passaram á sala.

Lucia mal debicou um cajú de compóta e só a muita instancia do noivo aceitou um biscoito. Cabisbaixa, mexia distrahidamente o café quando Macambira percebeu que ella chorava. Surpreso, perguntou :

— Oê tá chorando ?

Balbina, que ficara á porta, amuou aborrecida.
— Não é nada.

Levantou a cabeça sorrindo, com as lagrimas em fio pelo rosto. De repente, afastando a cadeira, sahiu da mesa, foi ficar á porta limpando os olhos. A pequena, alheia a tudo, impanzinava-se gulosamente. Reentrado na desconfiança, Macambira encostou-se á commoda enrolando infindavelmente um cigarro.

Lucia tornou á sala e, vendo-o casmurro, perguntou muito meiga :

— Está zangado ? Não se zangue, não. Eu sou assim exquisita. Ás vezes choro sem saber porque. Uma nuvem de tristeza, um aperto de coração. Passa logo.

Balbina interveiu enfesada :

— Ocês parece criança : chóra á toa, zanga á toa . . . Ah !

— É genio, tia Balbina. Sou triste mesmo, que hei de fazer ? e espreitava o negro timidamente, buscando-lhe os olhos com o olhar lavado em ternura. Sentou-se na rêde balançando-se de leve. Balbina, para deixá-los á vontade, passou á cozinha chamando a pequena :

-- Rosa !

— Nhóra !

-- Vai trazendo esses prato.

No silencio da sala, ferido apenas pelo crispan-te e rythmico ranger da rêde, os dois sentiram-se muito sós, como abandonados, e esquivavam-se evitando olhar-se, num vexame pudico que os atarantava e tolhia. Lucia ia dando maior impulso ao balanço até que roçou na commoda. Logo pôz os pés de rasto, em trava, e parou buscando, como em consulta, os olhos de Macambira.

— Póde balançá sem susto.

— Estará bem segura? Não vá despencar comigo.

Elle deu d'hombros superiormente:

— Não tem perigo.

— Quando eu era pequena levei um tombo do rêde que não sei como não morri. Tenho medo disso que me pélla!

— Esta tá firme... garantiu o negro e, d'improviso, abarcando, a mãos ambas, os punhos da rêde, a um lado, encolheu as pernas deixando-se cahir suspenso. Lucia, rechaçada de golpe, tombou de flanco com um gritinho:

— Ui!

Elle riu firmando-se de pé e a rêde, frouxa, bambeou entrando, de novo, em balanço impellida docemente pelo negro.

Durante um sereno momento conservaram-se calados. Lucia, por fim, animou-se córando:

— Está de pé por gosto ?

E accommodou-se aninhando-se, a fazer lugar.

Elle sorriu :

— Nós dois ?

— Que tem ?

— Uai ! já não tem medo ?

— Agora não.

— Oia lá !

Sentou-se devagarinho numa das cabeças da rede, mas o seu peso levantou a mulata, elle mesmo resvalou e os dois juntaram-se, aprofundaram-se no concavo com um rir travesso de crianças. Ella encolhia-se, fazia-se pequenina e, como Macambira recommençasse o balanço, estirou as pernas e appareceram-lhe as botinas bronzeadas. Elle pasmou :

— Ocê inda tem essas botina . . . ?

— Então ?

— Têm durado ! Mais di anno.

— Mais !

Vexada do olhar demorado do noivo sumiu os pés, inclinando-se a pretexto de tirar uns carrapichos da barra do vestido. E a rede rangia morosa e pesada.

— Que mundo de abelhas ahi fóra !

— Tá cheio !

— E você não tem medo ?

— Medo di quê ? Abêia cunhece o dono.

— Pois sim . . . Eu é que não me fio.

Estremeceu sentindo o braço do negro que se lhe insinuava sorrateiro por traz das costas. Disfarçando, afastou-se facilitando o enlace. Elle cingiu-a, abraçou-a por fim e aconchegaram-se hombro a hombro, mantendo-se immoveis, em silencio, como distrahidos. Repentinamente, porém, voltando-se atarantada, Lucia exclamou :

— Onde andarás Rosa ! ?

Num sacalão o negro retirou o braço, aprumouse e, como se despertasse, respondeu estremunhado :

— Rosa ? tá lá p'ra dentro. Qué ella ?

— Não . . .

Fez-se novo silencio. Elle então, baixinho, brincando com as franjas da rêde :

— A móde qu'ocê tem medo de mim . . . ?

— Eu ?

Elle acenou de cabeça e, pousando as palavras :

— Ocê não mi cunhece, Lucia. Ocê não mi cunhece, não . . .

— Medo ! eu ? porque ? .

— Então p'ra vi aqui ocê pricisava dessa nigrinha . . . ?

Lucia tornou-se séria :

— Eu logo vi . . . E serena, sisuda : Não foi por medo que eu trouxe Rosa commigo, foi por causa dessa gente que põe maldade em tudo. Se eu não viesse acompanhada, ora . . . !

— Ocê tem razão, concordou Macambira. Tem razão . . .

— Pois não é ?

— Tem razão.

— Eu vivo lá em casa e sei. Basta Donaria, com aquella bôca peçonhenta, para espalhar uma porção de coisas. E ella estava no engenho quando eu passei. Deus me livre !

— Aquillo é uma péste !

— Só não fala de Nossa Senhora . . . nem sei mesmo porque.

A réde ia parando. Olharam-se. Ella sorria. Perturbou-se baixando os olhos, de novo ergueu-os pallida, os labios entreabertos, como em fadiga. Instantaneamente encardiram-se-lhe as faces. Inclinou-se um tanto á frente e, sem levantar a cabeça :

— Póde botar o braço, não me incommóda.

Elle cintou-a de novo, vencido, mas ficou pensativo, preocupado, o olhar suspenso, como attento a alguma coisa. Subito levantou-se dando atraz com a cabeça em gesto repulsivo.

— Que é ? perguntou a mulata sorprendida.

— Nada não.

Pôz-se a caminhar a passos largos, as mãos atafalhadas nos bolsos das calças. Lucia, brincando com a varanda da réde, ainda embalou-se um momento, muito vermelha. Uma rosa escapou-

se-lhe dos cabellos, cahiu-lhe aos pés. Macambira apanhou-a :

-- Óia!

Ella recebeu-a, sempre cabisbaixa, conservando-a na mão, esquecida. Por fim levantou-se, foi á porta do corredor e chamou a pequena :

— Rosa! Anda! Vamos...

Macambira voltou-se surpreso :

— Uai! Ocê já qué i ?

— Já. É tarde. Sinhá pode precisar de mim. Hoje tem gente lá p'r'almoçar.

O negro não achou palavra para dizer, envergonhado da sua fraqueza e arrependido da desfeita que fizera á noiva. Encostado á mesa, com a perna trançada, escabichava as unhas, boicando a cabeça, carrancudo. Balbina veiu da cozinha com a pequena e, como a mulata se despedisse, suspeitando arrufo, resmungou aborrecida :

-- Ocês . . . quá ! Isso ansim não tá bom. S'ocês começa ansim cumu vai cabá ? Antonce dia di visita é p'r'ocês tá ansim trumbúdu ?

Lucia sorriu :

— Que é, tia Balbina ?

— Qui é, hein ? Ocê pensa qu'eu sô bôba . . .

— Pois eu hei de ficar aqui o dia todo . . . ?

-- Fala, fala . . . Eu tô suntando só. Fala . . .

Lucia estendeu a mão a Macambira :

— Té quando . . . ?

— Até quando quizer. Sorriram. Adeus, tia Balbina. E, inclinando-se-lhe ao ouvido, segredou: Cuidadinho com a minha casa.

Foram sahindo. Balbina acompanhou-os. Ainda estiveram um momento parados junto á acacia.

— Então, adeus! e olhou-o, muito terna.

O negro commoveu-se com a mansidão da mucama e, largando-lhe a mão, entrou em casa, tomou o chapéu:

— Eu lévo ocê até lá imbaixo.

— Vai di braçu, genti. Huê! ocês não vai casá? antonce . . .

Riram alto e foram descendo devagar, seguindo as voltas do caminho, ora á sombra, sob a copa dos ramos buligosos, ora á lumieira do sol, pelos escadões da ladeira entre hervaçaes resequidos.

O casamento foi em meados de Março, domingo, depois da missa.

O sol, de um brilho intenso, rasgava a nevoa da terra. Desnublavam-se os cerros, os valles aprofundavam-se limpos da fumarada fria. Negas de bruma desprendiam-se dos cabeços, esfarrapavam-se nos mattos pennugentas, quasi fluidas; um momento paravam soltas, esgarçando-se, solvendo-se

no ar. A paizagem emergia verde, orvalhada, faiscante e dourava-se, deslumbrando.

A capella, a um dos extremos da casa senhorial, enfeitada de flôres e folhagem, ficou atupida de gente e ainda densa turba marulhava no corredor e muitos, que não haviam conseguido lugar, rondavam fóra, apinhando-se ás janellas que abriam sobre o jardim.

Vacca brava lá estava, sempre desmazelada, a carapinha em tufos, o casaco aberto, rosnando rabugenta, a repellir os que tentavam tomar-lhe a frente.

Grupos juntavam-se em volta dos canteiros, sentavam-se na relva cavaqueando. Pares de botinas, emparelhados á sombra, com as meias dobradas sobre o cano, eram vigiados pelos donos que, de calças arregaçadas, iam e vinham, descalços, refrescando os pés, doridos da caminhada que haviam feito.

E chegavam familias — as negras, de chãle á cabeça, com trouxinhas; algumas traziam crianças pela mão ou enganchadas no quadril; os negros muito risonhos, empavonados, estadeando a roupa de brim d'Angola, a distribuirem apertos de mão aos parceiros e benções á molecada.

Cães magros, gafentos, cainhavam coçando-se, arrastando-se pela terra, ou enrodilhados mordicando-se freneticos.

Crioulinhos brincavam ás cabriolas ; outros, ariscos, chuchando o dedo, pasmavam a tudo, muito zelosos da roupa que vestiam, virando, revirando o chapéu novo.

E o jardim rumorejava como uma feira.

Era festa grande.

A tarde da vespera fôra trabalhosa e sangrenta — abatera-se um boi gordo e ainda lá estava o sangue, em negra abafeira, ás moscas, perto do engenho ; matara-se um cevado ; cabritos, gallinhas foram á faca e até tarde da noite, á luz de candeias, a cozinha refervera em alegre azafama com o preparo das carnes.

Um decimo de cachaça sahira do paiol e lá estava, sob o tendal, com torneira de chave para a distribuição.

Negros traziam ás costas grande tambores, experimentavam-nos aos burunduns á soalha num precipitado rebater de mãos ; outros sobraçavam violas ennastradas, ponteavam cavaquinhos. E, já excitados com a idéa do batuque, á noite, saltavam corcoveando, sapateavam batendo os pés ligeiros. Cantos tristes, guaiados, partiam de pontos varios, ás vezes interrompidos por um riso em guincho que ia crescendo communicativamente e estrondava em gargalhada como uma centelha alegre que, levada de palhal a restolho, fôsse pegando, accendendo chammas, levantando labaredas e expluisse

em incendio. Dois negros moços, robustos, empenharam-se em luta de agilidade e, destros, aos pullos, trocavam golpes de mãos, atiravam-se camba-pés rasteiros.

Um abalou em fuga, o adversario pôz-se-lhe na peugada, alcançou-o. Rolaram ambos, a rir e a cainçada, espertando com a alegria, lançou-se por ali fóra de corrida, engalfinhando-se, travando-se em bolo, a estrefegar-se rosnando. Um cão partia, outro, e logo todos, em fila, correndo desapoderados, fazendo voltas e negaças por entre os canteiros floridos.

A um canto, junto aos bambús, arrancharam-se negros e negras, de pé, sentados ou de cocoras, pondo cêrco maravilhado a um mulato de fama que fóra da Barra.

— « Era um bichão nu instrumento. P'r'um baile não havia outro ! »

De branco, chapéu molle á banda, embutido na grenha, amassava e saccava a harmonica com ar soberbo, grazinando polkas, chulas e toadas fanhosas de modinhas.

E gente de fóra . . . ! era um mundo, convidados das fazendas proximas e muitos que haviam ido fiados na hospitalidade « querendo tomar parte no pagode, beber um gole á saude deste ou daquelle. » Festa grande !

É que, além de Macambira e Lucia, outros ca-

saes recebiam-se e innumeradas crianças baptizavam-se.

Os senhores lá estavam, menos Julinho que já havia descido para os estudos.

As mucamas, que dirigiam a festa, num farfalhar de saias engommadas, com laçarotes esvoaçantes, recendendo a essencias, afanavam-se accommodando crianças, fazendo lugar para os convidados e para os mais velhos, sobremodo sollicitas com o padre que, na sacristia, esmoneava-se resmungando, enfezado com a demora.

Ao entrar a missa a sineta bimbalhou na forea um alegre repique e o sacrificio iniciou-se num murmuro de vozes surdas.

Por vezes uma criança choramigava, um cajado cahia com estrépito e o padre, indo e vindo ante o altar coberto de flôres, resplandecente de ouro e luzes, zumbrindo-se em mesuras, genuflectindo ou demorando em extase, braços abertos, o olhar suspenso, resmoneava passagens dos Evangelhos na attenção devota do auditorio rustico que se atrapalhava, por vezes, ajoelhando-se uns quando outros se levantavam.

Na elevação da hostia um negro tirou o « Bemdito » e foi um clamor estridente, duma plangencia agoniada, logo rolando soturno para, subitamente, abrir-se em *allegro triumphal*, e a campainha do acolyto vibrava a espaços, em rythmo, como es-

candindo o cantico. Terminada a missa, enquanto o padre se revestia para os sacramentos, as muçamas formaram os nubentes.

Macambira e Lucia foram os primeiros collocados. A mulata, timida, mas airoza num vestido branco de nanzouk, veu, capella e ramo de flôres de laranjeira, ajoelhou-se, muito recolhida, em frente do negro, que vestia costume claro, feito na Côrte.

Seguiam-se os mais, em duas filas, homens a um lado, mulheres a outro — elles enjorcados em anchos paletós, equilibrando-se em botinas novas, ora num, ora noutro pé, a gravata moxinifada, o lenço a despontar do bolso, corrente de prata ou de plaqué annunciando relógio; ellas numa variedade de trajos estapafurdios, vestidos de cassa, com basquine, ou de morim, tufados, com recamos de fitas, um pedaço de filó trapejando á cabeça sob corôas mal postas, flôres ao peito, á cinta; outras achamboadas em tafularias, já com filhos taludos á ilharga. Uma grávida, para cada hora, muito humilde, d'olhos baixos, conservava as mãos cruzadas sobre o ventre tumido, como a esconder o vexame.

Cochichava-se em volta, espirravam risinhos, logo abafados. Por vezes uma cachinada fazia escandalo, negros voltavam-se resmungando insolencias.

E um cheiro morno, almiscarado, de suor e de brim novo, impregnava o ambiente. Mas a brisa entrava bojando as cortinas da janella fronteira ao altar, desfazia o fumo do thuribulo espalhando o arôma do incenso, como um fluido mystico que purificasse o ar e penetrasse os corações.

O padre appareceu e logo o borborinho cessou. Mas com a ansia de vêr houve empurrões e repul-sas, vozes cresceram em disputa, um rebojo tumultuoso agitou a multidão.

Gandra pôz-se de pé no estrado do altar, severo, varreu a turba com o olhar reprehensivo e o silencio restabeleceu-se.

Elle e a senhora apadrinharam Macambira e Lucia e o padre, em attenção aos fazendeiros, foi lento no latim, grave nos gestos enquanto esteve diante delles; continuando, porém, mal se lhe entendia o araviado. Juntava os casaes, unia-lhes as mãos sob a estola, se havia « alianças » indigitava-as, senão proseguia engrolando as palavras, numa pressa de seareiro que fôsse perlongando o sulco dum alfôbre lançando ao acaso a sementeira sagrada.

Celebrado o ultimo casamento o padre, postando-se entre os casaes, fez uma breve predica em tom severo e, falando do amor, da virtude, dos deveres entre conjuges, da obediencia aos senhores e dos beneficios da religião de Christo era tal a as-

pereza da sua voz, tal o seu aspecto carrancudo que os noivos curvavam-se estarrecidos como sob a violencia de anathemas. Findando esbofado, despediu-os « com Deus » como se os enxotasse.

E começou a retirada dos casados aos apertões através da turba. Os maridos, no atropelo, trocavam as mulheres e riam-se, faziam chalaça: « Uai! Oê ficô atraz . . . C'um pôco eu ia co' Cathirina . . . Caminha, criatura. » E iam indo, d'esguelha, esbaforidos. Os parceiros cumprimentavam-nos, desejavam-lhes felicidade e elles sorriam, davam de cabeça, faziam convites para a cabana: « Aparece logo mais . . . Vai lá . . . »

E a capella ficou mais folgada. Já as mucamas providenciavam para os baptizados — uma com a bacia de prata, toalha de crivo ao braço; outra com a salva onde iam os Santos Oleos e o sal. Ardiam cirios e, na barafunda, as crianças choravam assustadas.

Moleques, já crescidos, faziam caramunhas, refugando com medo; outros, ao collo das mãis, escancellavam-se aos berros, esperneando, emmanhados em fitas; e pequeninos, muito aconchegados ao seio materno, uns dormindo, outros em espertina curiosa, chuchando o dedo, a olharem tudo.

As madrinhas, em circulo, apresentavam os afilhados, diziam-lhes o nome e o padre ia dum a outro

abreviando mascavadamente o latinorio e as ceremonias sacramentaes.

Por occasião do baptismo foi um reboço — á medida que o padre despejava uma cuia d'agua á cabeça da criança inclinada sobre a bacia a chora-deira, communicando-se, crescia atoadora.

Os pequeninos estremeciam, ainda deglutindo o sal, agitavam-se, rompiam aos guinchos debatendo-se. Os molecotes barafustavam escabriados, esfregando a cabeça.

E ao alarido das crianças juntava-se o vozeio das mulheres, umas acalentando, outras reprehendendo os filhos; as madrinhas ciciavam ninando os afilhados e eram mimalhices ou repellões carinhos ou ameaças — esta a afagar um pequerrucho, aquella a sacudir um crioulinho pelo braço para que não cuspiasse o sal nem passasse a manga do paletó pela testa limpando os Santos Oleos.

E as mãis sorriam desvanecidas com a gritaria dos filhos — bom signal, presagio feliz — e, intimamente, pediam a Deus por elles, que lhes desse uma boa sorte, satisfeitas por verem-nos christãos, isentos de culpa, recebidos na Graça celestial; e levavam-nos com mais ternura, como se naquella hora mystica os houvessem recebido de Deus, das suas proprias mãos divinas, para o amor, para auxilio e consolo na vida.

Fóra a sineta repicava com frenesi, pipocavam

foguetes e, como em alleluia, ria-se, cantava-se e os instrumentos iam-se pondo accordes em musicas de folgança.

A mesa de Manuel Gandra, mais estirada nesse dia e opipara, ficou de ponta á ponta apertadamente cheia.

A baixella das grandes occasiões lá estava ostentando riqueza; lá estava o numeroso aparelho de porcellana da India e toda a louça commum andava em serviço. O aspecto da mesa vasta, abarrotada, dava abastosa impressão de enfarte.

Havia de tudo abarrisco — pratarrazes á ufa: o sarrabulho em monte a reluzir gorduroso, travessas attestadas de costelletas, cogulos de arroz de forno esturrado em tom louro, com embutidos de azeitonas e rodellas de paio, terrinas de ensopados, rolos de linguiça; o lombo de porco, o leitão, o perú, fritadas, postas immensas de assado e compoteiras de dôces, pyramides de balas, ladrilhos de côco e de leite, bolos, pudins, tortas, forminhas, cremes, geleias, queijos frescos, de casa e do Reino.

A vinhaça corria copiosa, aos copasios e, alegrando pomposamente a mesa, entre as abundantes victualhas, jarrões de porcellana antiga frondejavam em flôres.

A sala regorgitava. Pessoas, sem lugar á mesa, enchiam um prato e, descerimoniosas, rindo, iam comer á varanda.

Era um atropelo, uma lufa-lufa de negras e de moleques trazendo terrinas, frigideiras que ainda chiavam, bandejas de copos, levando rimas de pratos, abarcando feixes de talheres.

Pisava-se comida.

As mucamas faziam prodigios attendendo a um e a outro e rindo, faceiras, propunham um passeio á roça, depois do almoço, visita ás cabanas festivas e, á noite, cateretê e danças francesas no salão do engenho, já preparado.

Contemplando a comesaina, Gandra sentia-se bem ; impava de orgulho á cabeceira da mesa, entre o padre e a esposa que offegava, esparrimada na cadeira, com uma negrinha ao lado, muito lerda, sacudindo machinalmente um ramo verde para espantar as moscas.

E era um zum-zum de cortiço nos corredores, gente que se juntava para vêr, velhas negras, crioulos e negrinhas.

Cães mettiam-se debaixo da mesa farejando migalhas, rosnavam ; por vezes abocanhavam-se raivosos.

Um berro rolou em lamento, outro logo e varios, soturnos, duma tristeza agourenta. Alguem explicou : «É o gado que está chorando no sangue

do boi morto.» E ria-se da saudade dos animaes que, em ronda melancolica, bufando, escarvavam a terra escura onde fôra sacrificado o companheiro.

Mas o grande jubileu, esse era celebrado pelos recantos da fazenda, nos palhiços dos escravos.

Mal se dispersou a gente, despedindo-se á porta da capella, seguindo cada qual a seu rumo pelas trilhas da roça, começou a festança. Cabana de onde houvesse sahido casamento ou baptizado barulhava em pagode.

No ranchinho mais pobre havia, pelo menos, uma gallinha, uma garrafa de cachaça e laranjas. Em alguns, porém, afogados em milharal ou com a roça de mandioca em volta, a fartura transbordava em regabofe no terreiro por não comportar a sala, escura de felugem, a affluencia de convidados.

Comia-se em esteiras, á sombra das arvores; pedras, caixotes, tóros, tudo era assento. A feijoada era servida no proprio caldeirão em que fôra feita, o sarrabulho atupia a frigideira de barro, o arroz adunava-se, louro, em alguidar novo; e eram panellas de barro, latas, tudo cheio e cheirando.

Á falta de talheres arrancavam-se, á unha, nacos de leitão, com a côdea encoscorada, estalavam-se carcassas de gallinhas; alguns desembainhavam facas de ponta, abriam canivetes de mola e espetavam costelletas ou espostejavam o assado. Ha-

via-os a comer em têtos, em tampas de latas, sentados no chão, com o codorio ao lado numa tigela e laranjas que chupavam ás talhadas, chuchureando lambusadamente.

Levantavam-se com as mãos lustrosas de gordura, iam á aguasinha, perto, num bicamente de telha, lavavam-se, bochechavam atirando borrifos ás folhas e, mettendo-se á sombra, entouridos, estiravam-se resupinos gosando a frescura em somnolenta, empanturrada preguiça.

Outros vira-mechiam irrequietos — iam á moenda, entalavam cannas e o caldo gorgolejava espumante ou varejavam o pomar trazendo laranjas, bananas, o que encontravam á mão.

Era já desperdício, pretexto para graçolas, necessidade trefega de fazer alguma coisa.

O café cheirava saboroso escoando do sacco numa terrina, cada qual chegava com a sua tigela, bebia ali mesmo.

Ao fogo, na trempe de pedras, a chaleira fervia aos gorgolhões fazendo trepidar a tampa e na cinza era a batata dôce a assar, eram estouros de castanhas de cajú rechinando oleosas.

A lenha secca lá estava, em estanciez, a um canto, para a fogueira, á noite.

Ainda havia gente comendo e já os musicos, do lenço ao pescoço, o cigarro pendurado dos beiços, afinavam os instrumentos.

Palheiros, excitados, propunham brindes, cantavam-nos tilintando nos copos, levantavam hurrahs! Os noivos agradeciam rindo ou era a criança que, reclamada aos berros, vinha nos braços do pai ou ao collo materno receber os cumprimentos da rapaziada.

A ebriez accendia-se manifestando-se em alegria descompassada — um a pinotear, outro a pendurar-se dos ramos, balançando-se; este ás cabriolas, aquelle saracoteando com um galho ao peito, á guisa de viola, zangarreando de bôca. E mais canna! « Êh! gente, não dêxa esfriá... Manda mãe preta, manda! c'a sua fiinha branca. Manda! » « E pai João barrigudo! » accrescentavam. « Dêxa de miseria, gente. Bóta p'ra fóra! » E o garrafão appareceu e foi recebido com palmas.

Mas as violas romperam alacres, entraram os violões, os cavaquinhos repinicaram. « Junta, povo! Guenta! » Era o samba.

Saltaram dançadores castanholando, picando, repicando o passo, a pedir damas e, em pouco, fechou-se a roda e o zagaralhar dos instrumentos esmorecia no frenesi atroante do sapateado, ao barbariso do canto e das risadas.

A poeira subia, fluctuava no ar. Pagode.

E o dia, maravilhoso! Céu azul, sol brando, aragem macia, tocada d'aromas murmurando nos ramos.

E por ali fóra, alhures, estouravam roqueiras, estrugiam brados, toda a fazenda rejubilava como a uma benção do céu.

Tão intenso era o prestigio da luz, o philtro do azul inebriava tanto que um negro, já velho, seguindo, mais o cão, através da campina, parou ouvindo os varios sons dispersos.

O gado pastava livre, afogado na herva.

Esteve um momento immovel, cabisbaixo, o rosto em sorriso; subito, electrizado, saltou num pincho, volteando o pau que levava atravessado ao hombro e, aos corcoveios, pôz-se a bater os pés grunhindo um canto.

O cão estacou, mirando-o, investiu latindo, aos pulos, e corria em volta, rosnava festivamente; d'impeto metteu-se ao pasto, ladrando aos bois que olhavam, mansos, considerando a estranha figura do negro a bailar com a propria sombra, na poeira fina e loura, ao sol.

Macambira e Lucia, desde que subiram, não tiveram um minuto de descanso, sempre com a casa cheia: mucamas no quarto, em pagodeira, á risota, apalpando a cama, os travesseiros de fronhas de renda, com intenção maliciosa, aos segredinhos; negros pelos cantos pitando. Negras abandonadas

grunhiam, cirandavam curiosas, afuroando, bisbilhotando tudo.

A sala, nublada de fumaça, tresandava á catin-ga, a bafios d'alcool e a sarro.

Ria-se ás gargalhadas e o falario cacarejado atroava em confuso tumulto de feira. E havia muafas delambidas, carraspanas languidas — uns aos boléos cantando, outros d'olhos amortecidos, babosos, caramunhando piegas com as negras, que os esconjuravam e repelliam aos empurrões.

Os noivos, achando graça em tudo, iam dum a outro insistindo para que petiscassem alguma coisa do que havia á mesa: pasteis, fatias de carne, sequilhos, bolos, cocádas. Havia aluá. Volta e meia Rosa apparecia com a bandeja de café; o garrafão de aguardente andava de mão em mão. Lambiscava-se, bebericava-se a rir.

Moleques cabritavam no terreiro, varejavam o pomar sacudindo as arveres que farfalkavam derubando frutos.

Um negro, alambasado e bebedo, passou horas junto da acacia foleando a sanfona e tanto se enternecia com o som fanho que se dobrava voluptuosamente, com a cabeça sobre o instrumento, a ouvir-lo, gosando a musica, acompanhando-a com um resmungo enfadonho.

O cão ladrava bravo, prolongava uivos e o rumor crescia com a monotonia zoante da sanfona.

Só á tarde esvaziou-se a casa, cessou o rumor no caminho e os noivos puderam repousar um pouco, mudar a roupa, cada um por sua vez, enquanto Rosa varria e Balbina arrumava a casa.

Jantaram ainda com sol.

Anoitecia pallidamente num silencio de extase quando deixaram a mesa sahindo ao terreiro.

A paizagem empastava-se em manchas brosladas de sol. O occaso era uma crosta de ouro e no redente dos montes sombrios as arvores destacavam-se negras em traços fortes como embutidas no céu.

Lentos, diaphanos frouxeis de fumo enrolavam-se nos mattos, subiam em espiras tenues estrolando-se na melancolia do crepusculo.

Pouco a pouco o cariz das nuvens foi descórando exangue, esbatendo-se em violete, diluindo-se em perola e a noite espalhou-se sem trevas, duma transparencia cerulea, como um clarão de luar coado por um vitral. Abriram-se limpidamente estrellas infinitas e o mysticismo dos serenos astros como que se estendeu a tudo, numa doçura beata.

Os mattos amarellejaram lançando faiscas, atassalhando a sombra de labaredas fulvas; dentre as frondes douradas espirravam faiscas e Macambira, de pé á beira da barranca, orientando-se pelo clarão das fogueiras, que abria flabellos no ar, designava as cabanas pelos nomes dos seus moradores.

— Oia Chico . . . Ali é Valentim. Naquelle claro é Zé carreiro. Lá em cima, o Combe ; tá fervendo no samba.

E ria expansivo. Um coqueiro fez-se todo escarlata, esbraseado ; o matto fusco, em volta, reluziu ; parte da cabana resaltou da sombra em mancha sanguinea e no terreiro acceso vultos negros, esguios, como carvões pulando em labaredas, tisnavam a fulguração em fremitos macabros.

Lucia, de pé, olhava indifferente, como distrahida. Sentia-se muito só e aquella grandeza nunca avistada, o mysterio da noite, o homem ali perto, a casa onde devia cumprir-se o seu destino, tudo era novo e amedrontava a sua alma timorata. O coração, cheio de presagios, batia-lhe no peito soffrego, subiam-lhe angustias á garganta ; a imagem de Julinho passava-lhe na mente como um remorso.

Instinctivamente levou a mão ao ventre. Arrependia-se de não haver recusado a proposta do senhor, estaria livre do negro cuja ferocidade não lhe era desconhecida. E ali estava sem defesa, longe de todo soccorro, só e Deus. Um farfalho nas folhas fê-la estremecer de susto ; voltou-se de golpe. Balbina saracoteava no terreiro empunhando um facho.

— Macambira, zêri vem ahi, fio ! disse alvoroçada.

O negro respondeu numa lingua rude, aspera e

os dois, como escondendo pensamentos, combinando planos crueis, conversaram sem que ella percebesse uma só palavra. O negro falava com arrogancia e a velha trefega, bambaleando como ébria, a sacudir o facho, que crepitava, respondia aos ganidos, com o rosto encarquilhado em esgares, brilhando ao reflexo da chamma.

Cantos melancolicos subiam da redondeza em sons vagos, ora brandos, ora fortes: era o tarambote e logo estrondou o tarantantam dos tambores e resoante, barbara, a grita do batuque atroou o silencio azulado.

Dum e doutro ponto, num sulco de fogo, foguetes frechavam e o tumulto redobrava soturno, constante como escachôo d'aguas.

Rosa acendeu o lampião na sala. A brisa soprava sacudindo brandamente os ramos.

Lucia, queixando-se de frio, ia recolher-se quando Balbina tomou-lhe o passo. Não parecia a mesma corumba lerda e sorumbatica, sempre de cabeça baixa -- estava transfigurada: os olhos ardiam-lhe como brasas, a bôca escavada crispava-se-lhe em rictus hediondo, e agil, tigrina, volteava casquinando um risinho silvante:

— Ocê já qué dêtá? Ispéra genti qui vem ahi, povo di Munza. Uai!

Lucia deteve-se medrosa, sorrindo humildemente.

--- Não vou me deitar, não, tia Balbina. Vou p'ra dentro porque ando com tosse e a noite está fria.

— É, não dêta, não. Povo vem ahi, genti di Munza; vem tudo, té da Barra. Tudo qui soube vem ahi. Ocê vai vê.

Vendo a perplexidade da mulata, Macambira explicou carinhoso, sem, todavia, esconder o orgulho :

— É genti di meu pai, genti qui foi du reino. Ocê querendo, fica; não querendo, vai.

A mucama respondeu resignada :

— Fico. Porque não hei de ficar? Não estou com somno. E Macambira falou do seu povo, da sua raça, do seu reino, de Munza, repetindo o que lhe contara Balbina. E ajuntou vaidoso : Ocê é rainha.

Ela sorriu. Mas a descripção da majestade barbara aterrou-a ainda mais. O negro afigurou-se-lhe maior, mais poderoso, mais cruel com o prestigio de rei. Olhava-o estarecida, contendo lagrimas, a tremer toda e gclada.

Por entre os mattos passava fulgurando o archote de Balbina. Os atabaques resoavam profundamente ao longe e as foguciras, mais vivas, manchavam a noite de clarões vermelhos.

Subito um grito vibrou longo e agudo. Macambira pôz-se firme, attento.

Um som rascante, estralejado, vinha crescendo estridulo como um rolar de pedrouços, vozes confusas, guais em côro, trons de tambores, rechuchado de chocalhos, sóidos rispídos e, sobretudo, perenne, um rouco e lugubre grugrullo.

Balbina saltou no terreiro energúmena, desapoderada e pôz-se a zanzar em volta, riscando com o facho um circulo de claridade. O seu corpo esqueletico pinchava elastico e ouvia-se-lhe o arfar do peito cavernoso. E o rumor, mais perto, ora cavo, ora estridente, supplantava os demais ruidos.

Por traz da casa fulgurou um relume, estalidos de lenha rechinaram, subiram faiscas — era a fogueira que Balbina accendera para receber os malungos.

E o caminho aclarou-se vermelhejante, um canto heroico, de notas graves e prolongadas, encheu-o de solemnidade tragica.

E ribombaram tambores, o som arranhado do gazá ringiu, cascavelaram trepidos chocalhos e, entre archotes de palma, a farandula surgiu em zanguizarra — negros e negras aos pulos reboleados, uns com plumas á cabeça, collares de cocós, manilhas e pulseiras de pennas, esgrimindo paus á maneira de zargunchos, atirando, aparando golpes em duellos; outros corcoveando aos arremessos felinos, rugindo roucos; velhos, em passos ar-

rastados, altivos, com entono senhoril de chefes; mulheres bracejando aos guinchos e, retroando, puítas, marimbas, urucungos e as vozes estrugindo em borborinho horrisono que, por vezes, descahia em dolencia funebre como um canto de morte.

De pé, erecto no limiar da casa, o vulto robusto de Macambira destacava-se soberano entre a moldura dos umbraes.

O rancho negro desenvolveu-se em hemicyclo com os musicos ao centro zangarreando, as mulheres aos guinchos, num saracoteio lubrico, os guerreiros aos pulos, terçando fimbos e os velhos, sempre solemnes, bambaleando com um canto monotono.

Balbina delirava em frenesi correndo com o archote de resvalo pela terra, batendo-o num turbilhão de faiscas e o vozeiro tonitroava e mais estrondou quando a turba, apinhando-se, avançou em corrida, arremettendo á casa, como para assaltá-la. Mas Balbina prostrou-se de bruços, grulhando, e todos rojaram-se de borco, com a fronte no solo, rugindo.

Um instrumento soou, todos, em grita, levantaram-se tumultuosamente baralhando-se numa confusão de fogos fumarentos, puzeram-se a um de fundo e desfilaram ante Macambira que acenava agradecendo os brados estridentes com que o aclamavam.

Lucia, retransida, olhava o estranho espectáculo, sem comprehender-lhe a significação.

Á claridade rubra que alumiaava o terreiro as figuras dos negros tinham expressões sinistras; e havia gente de fóra, desconhecida, escravos de outras fazendas proximas, todos subditos que haviam sido do rei Munza, que Balbina convidara para a festa nupcial daquelle que representava na terra do captiveiro a estirpe dos fortes reis do deserto, caçadores de leões.

Havia-os moços, pegados pequeninos e trazidos na corrente, a maioria, porém, era de velhos, grisalhos, todos com lanhos nas faces e verrugas na frente, assignalados no berço.

E o bando evolueu em marcha batendo sonoramente os pés ao rythmo dos instrumentos precedido pela negra, e flanqueou a casa indo estancear no terreno, ao fundo, onde a fogueira flammejava em labaredas altas, clareando os arredores até a encosta do monte.

Macambira ficou estatelado á porta, em arroubo, cabeça a prumo, suggestionado pelo estupendo scenario onde se realisava o seu sonho.

De todos os desvãos subia o burundum dos atabáques, cantos echoavam em sons vagos enchendo a noite dum perenne resôo e, ali perto, fremia na terra o tripudio da sua gente.

Era bem o que lhe descrevera Balbina nas evo-

cações nostálgicas com que, desde pequeno, o mantivera na pátria e na raça. Era bem aquillo... e a negra lá estava.

E lembrou-se de Munza, seu pai, o mísero rei, exilado no opprobrio, grande, possante, activo, mas sempre taciturno, trabalhando de enxada entre antigos vassallos, no mesmo carreiro, sob a vigilância de um feitor que o humilhava, a elle, rei de uma nação de valentes e vencedor de reis.

A dança barulhava estrupidante. O negro sentia-se attrahido — o sangue estuava-lhe no peito em fervor heroico e lá em baixo, por aquellas terras além, tudo era festa de negros: cabanas accensas, fogueiras ardendo, a barafunda estrondosa do batuque, do samba, a grita ebricitada — era bem a cabilda vasta, o seu reino alvoroçado em alegria de triumpho como depois duma guerra devastadora. E por aquellas sombras, longe, adivinhava monstros.

Voltou-se d'improviso: Lucia estava sentada junto á mesa, immovel. Encarou-a um momento, como surprehendido de vê-la, adiantou-se, estendeu-lhe a mão num gesto inconsciente, aturdido com o reclamo da orgia barbara e, sem poder dominar-se, disse-lhe aos offegos:

— Oia, Lucia, eu vou lá fóra um bocado. Ocê não zanga? Parece feio dexá elles sósinho, ocê não acha? Ella sorria submissa. Ocê não acha?

— É.

— Ocê não fica zangada ?

— Zangada ? Porque ?

— Ocê qué ví ?

— Não. A noite está fria. Tenho medo do sereno.

— Entonce é um instantinho. Ocê querendo dêta, dêta. Encosta a porta mod'u frio.

— Sim.

— Entonce até já.

— Até já.

Foi-se. No terreiro parou um momento olhando soberanamente os halos das fogueiras dispersas, ouvindo o retumbar dos tambores longinquos. Mas o seu povo lá estava.

Lucia chegou á porta. A noite era linda, suave no céu todo em brilhos de estrellas. Encostou-se ao umbral. O vozerio cresceu estriduloso ao fundo como num bradar de catastrophe.

A mulata estremeceu, lagrimas rebentaram-lhe dos olhos, um grande medo apoderou-se della : sentiu a morte e, fraca, como uma victima ante os sacrificadores, vendo em torno cannibaes em furia, recuou e, deixando-se cahir em uma cadeira, inclinou-se á mesa, rompendo em pranto, certa de que, dentro em pouco, acabaria ás mãos do negro e, horrorisada, levantou a cabeça relanceando assombadamente o olhar em volta como á procura do proprio cadaver.

Era tarde quando Macambira empurrou a porta que ficara encostada. Apesar da luz do lampião esbarrou em uma cadeira, derrubando-a. A mulata, que o barulho despertára, sentou-se na cama estarrecida, á escuta.

Troavam, ao longe, soturnos, os ultimos rumbos. O negro pigarreou. De repente fez-se escuro.

Lucia sentiu-se como soterrada: a treva pesou-lhe, abafou-a. Deitou-se devagarinho, encolhida, contendo a respiração, a tremer, toda fria.

A porta do quarto estalou e, sentindo os passos do negro, vagarosos, sorrateiros como os dum assassino, a mulata arquejava arripiada, contendo lagrimas, transida num pavor de morte.

Lucia despertou em sobresalto. Sentou-se na cama assustada, nervosa, o coração precipite, relanceando airadamente o olhar. Mas na quieta penumbra reconheceu o quarto, os moveis e, num relampago, recordou todas as scenas da vespera, desde o casamento na tumultuosa capella até o decisivo, angustioso instante em que se achou nos braços do negro entre o amor e a morte.

Respirou largamente, a sorvo, como se voltasse á vida e esteve um momento cabisbaixa, esfiando machinalmente as franjas da colcha; por fim immobilisou-se, d'olhar fito, numa inercia de anesthesiada.

Um insecto voejava zumbindo, aos baques pelas paredes. Uma fita de sol, polvilhada de ouro, estampava um disco no marmore do lavatorio.

De repente a mulata voltou-se para o travesseiro em que dormira o marido, mirou-o, apalpou-o premindo-o maciamente. Onde estaria elle ? Porque sahira ? Teria dado pelo mal ? Então, arrojando as cobertas, examinou a camisa desde a fimbria. Não ! Não déra ! Sentia ainda na bôca a impressão dos seus beijos soffregos, ouvia-lhe ainda, no halito morno e acido, as entrecortadas palavras que promettiam e exigiam promessas, doía-lhe ainda o corpo da lasciva tortura daquella noite. Não... ! Se elle houvesse sentido... deu d'hombros arregalando os olhos, estirando o beijo.

Que horas seriam ? Andavam lá fóra, na sala ; falavam. Pôz-se attenta, á escuta. Muito longe, nas terras baixas, chiavam carros. Devia ser tarde.

Levantou-se descalça pisando na esteira, depois na friagem do soalho. Tornou arripiada á cama, envolveu-se na colcha, muito aconchegada e contente. Emfim... ! Subito representou-se-lhe ao vivo a traição de que fôra victima poucos dias antes do casamento.

Julinho, que andára pelos ranchos e no « quadrado » troçando o casamento, preparou-lhe a tocaia numa volta de matto, caminho do rancho de Maria Luiza, onde ella fôra por umas costuras.

Distrahira-se com a companheira, que era alegre e sabedora de casos e, quando se despediu, já

a tarde escurecia. Os sapos engrolavam no açude, morcegos esvoaçavam, luci-luziam pyrilampos.

Desceu pelo carreiro, atalheu por uma vereda no meio do massambará.

Ao sahir no caminho deu com o senhor moço⁷ sentado na sapopema d'uma figueira. Bateu-lhe o coração presago. Estacou indecisa, encarada no moço que sorria cynicamente vergastando o matto com uma vara de goiabeira.

Olharam-se um momento e ella, sem pinga de sangue, tremula, desamparada num ermo como aquelle, hesitou. O estudante assobiava como distrahido, flagellando lentamente os ramos com a vara.

— Eu quero passar, nhô Julinho.

Elle levantou o olhar :

— Passa. Quem te pega ?

— O senhor não veio ficar aqui á tôa. Eu quero passar. Podem vêr o senhor aqui commigo e eu não quero.

Elle levantou-se d'impeto, colerico, encolhido como para um bóte. Atirou longe a vara e investiu affrontando-a injuriosamente :

— Que é, sua porca ? Não queres que te vejam commigo por causa de Macambira ? E desprezível, com asco : Não tem vergonha . . . Uma rapariga quasi branca casar com um negro . . .

— Que é que o senhor tem com isso ?

— Que tenho ! Tenho muita coisa. Não quero !

Ella acenou superiormente :

— Isso agora . . .

Mas o rapaz avançou, agarrou-a e, falando-lhe no rosto :

— Que é que você está dizendo ? diz !

Ella sacudiu-lhe a mão, desvencilhou-se e, numa rabanada, retrocedeu. Julinho tomou-lhe a frente, deu um safanão ao casaco, sacou da cava um punhal e, cerrando os dentes, ameaçou-a em voz surda, apontando-lhe a arma ao peito :

— Olha Ignacia . . . ! Olha Ignacia !

Ella recuava espavorida, a bôca aberta em hiato, batendo as mãos num frenesi de medo, gaguejando um choro de criança. Por fim atirou-se desatinadamente ao matto, mas os vestidos prenderam-se-lhe nas hervas, nos carrapichos, a galharia embaraçou-a e Julinho agarrou-a.

Voltou-se lesta, afogueada, em attitude de defesa, mas estarreceu vendo luzir a lamina ; tremia nas pernas bambas, com a vista turva, o corpo fervilhando em formigamento.

De improviso Julinho atracou-se com ella apertando-a como se a quizesse esmagar ; levou-a d'encontro á arvore, suspendeu-a nos braços, deu com ella em terra, forcejando para derrubá-la ; dobrou-a pela cinta e offegavam, rugiam :

— Deixa ! Deixa, seu diabo ! Nhô Julinho . . . !

— Que é que você pensa ? . . .

Ella curvava-se como a quebrar-se, debatia-se, procurava mordê-lo. Calhram abarcados e foi um rebolcar frenetico, uma luta de feras nas hervas altas. Por fim, raivoso, subjugando-a, Julinho pôz-lhe um joelho no ventre, apertou-lhe a garganta com furor homicida. As lagrimas, então, saltaram-lhe dos olhos ; debateu-se em escabujamentos evitando-lhe os beijos, cuspiendo-lhe á face, ameaçando mordê-lo, mas a vista turvou-se-lhe nublada, o coração creceu-lhe no peito, sentiu uma angustia mortal . . .

Quando tornou a si estava só. Era noite negra.

Os grillos faziam estrepito, cruzavam-se vagalumes. Com o respirar da aragem era suave, harmonioso o sussurro dos ramos.

Sentou-se espavorida, gelada. Sem forças para levantar-se deixou-se ficar em lassidão dorida, chorando silenciosas lagrimas. Aterrava-a a idéa de ser encontrada ali por alguém que fôsse espalhar a sua desgraça, denunciá-la ao noivo como uma perdida igual ás outras, da mesma laia infame.

Levantou-se a custo, alquebrada, amparando-se a um tronco : É verdade ! . . . Ficou um momento pensativa, num atordoamento. Por fim caminhou passo a passo, apoiando-se ás arvores, agarrando-se ás hervas, cortada de dôres. Deu volta pelos fundos da casa.

Á porta da cozinha, sob o alpendre, uma negra socava café no pilão. Passou ligeira, entrou em casa, atravessou o corredor deserto, mettu-se no quarto e, trancando-se por dentro, atirou-se na cama em soluços.

Pensou em dar parte aos senhores, dizer tudo, tudo! mas para que? E as outras, Lucinda, Florentina, Ignacia, Maria da Gloria... Que lucraram ellas contando? Troçaram-nas e, ainda por cima, a senhora descompô-las, ameaçou-as com o tronco.

Lucinda, essa então, coitada! mais leviana, perdida duma vez, dando-se a um e a outro, acabou na ponta da faca de Mangalô, por ciume, numa noite de samba. Contar...! Morreria com o segredo ou só o diria na hora extrema...

.....

E respirou — accenderam-se-lhe de alegria os olhos, abriu-se-lhe um sorriso. Estava livre! Passára o perigo! Agora era esquecer o passado, ser d'elle só, de Macambira, só d'elle! Ceder, nunca mais! E não teria soffrido o ultraje se não houvesse perdido os sentidos com medo da morte.

Contava com a perseguição de Julinho, isso era certo! mas não cederia, nunca mais! Nem que tivesse de morrer. Sacudiu a cabeça e os cabellos soltaram-se-lhe frouxos pelos hombros, envolveram-

lhe o busto. Os olhos nítos reluziam, as narinas batiam-lhe. Nunca mais.

E tinha pena do negro, tão credulo, coitado! Nhô Julinho só por gabolice seria capaz de espalhar o que fizera. Detestava Macambira e a sua vaidade era possuir todas as mulheres, ter filhos de todas, ser o « garanhão », como dizia Tiburcio.

Uma idéa atravessou-lhe o espirito. Aprumou-se hirta, labios entreabertos, olhos dilatados, levou a mão ao ventre alisando-o, apalpou os quadris. Pôz-se de pé e, levantando a camisa, mirou-se longamente procurando no corpo os vestigios do que temia.

E se estivesse?! O sangue fugia-lhe do coração, entibiava-se amollecidamente. Cahiu sentada na cama. Não, não era tempo. Só lá para o fim da semana. E esteve... esteve!... alisando as côxas, perdida no pensamento lugubre. Levantou-se, foi á janella do fundo, forçou o loquete — estava emperrado, collado á tinta, mas girou e a janella abriu-se d'estalo.

Um jorro de luz entrou explosivamente no quarto e com elle o ar e os frescos murmurios da manha alegre. A magnolia reluzia ao sol e o monte estava todo dourado. Era dia alto.

Cerrou a janella e ficou a olhar distrahida. Um vulto esgueirou-se entre as hervas, gallinhas correram em debandada.

Bateram á porta. Voltou-se sarapantada, correu a refugiar-se na cama ; cobriu-se, muito encolhida.

— Ocê inda não cordô ? Era Balbina. A negra empurrou a porta e appareceu, muito esguia, na fresta luminosa. Ocê inda tá drumindu ?

— Não.

— Uai ! É mai di dez hora. Só' vai longi. Ond'é qu'ocê qué i co'essa lombêra ? Casa tá hi p'r'arrumá, home tá lá fóra esperandu, i ocê ahi nu bem bom. Pensa qu'é só casá, infιά anné nu dêdu ? Poi sim ! Vida custa. E entrando vagarosa, mais meiga, chegou-se á cama, apanhou a colcha que arrastava e, com a mão no queixo, interrogou de cabeça, maliciosamente : Entonce ? A mulata escondeu o rosto, vexada. Hum ! ocês . . .

— Vou levantar já, tia Balbina.

— Livantá . . . Livantá . . . Fica, tá brincandu. Qu'é qu'ocê tem qui fazê ? Fica, pruvêta cama. Si qué livantá, livanta ; sinão dêxa. Sirviçu tá fêto. Esta sumana eu tô ahi, dipoi ocê qui s'arrumi. Té logo. Pruvêta. Qué café ?

— Não, tia Balbina ; eu vou lá fóra. Levanto já.

A velha sorriu, atirou-lhe uma palmada ao flanco roliço e repetiu :

— Entonce ! ? E, acocorando-se, perguntou em segredo : Ocê qué banhu aqui ?

— Não senhora. Eu vou lá.

— Não custa.

— Não senhora.

— Bom.

Foi-se, encostando a porta. Lucia passou os braços pela cabeça, em arco, estirou-se, cruzou as pernas e esteve ainda um momento pensando como quem se inclina sobre um abysmo medindo o fundo, notando as arestas de rocha de que escapou por milagre.

Lucia enxugou uma lagrima. Macambira deu d'hombros, nervoso, respirou forte e pôz-se firme, cabeça alta, carrancudo. Logo, porém, passando-lhe um braço pela cinta, attrahiu-a a si e, amparando-lhe o queixo, levantou-lhe carinhosamente o rosto e, encarando-a a fito, perguntou baixinho :

— Qu'é qu'ocê tem ? Ella colleou-lhe esquivando no braço como para escapar-lhe. Qu'é qu'ocê tem ?
 Você não tá no seu naturá. Diz qui é . . . ?

— Nada, e debruçou-se sobre os joelhos.

— Não, você não anda bôa . . . Você não come, não dorme dirêto, é só incafuada nus canto, chorando. Modi que ? Você sente á'guma côsa ? Sente ? Olhou-a muito meigo, sorrindo. Você qué a gente sai amenhan di madrugada — eu tenho d'í na Barra, você pruvêta u carro di lenha i damo uma

chegada no seu dotô Custod'o. Elle teve aqui na sumana passada . . . visita agora só p'r'u mez. Mió é a gente i lá. Elle vê ocê i tá cabado. Qué ?

Ella acenou negativamente.

Estavam sentados no banco, sob a acacia. Um momento o silencio enleou-os. Por fim o negro humildemente aventurou :

— Quem sabi s'ocê tá rependida, Lucia ?

Ella aprumou-se de golpe, muito direita e altiva, olhou-o remordendo o labio, com duas compridas lagrimas nas faces, e sorriu docemente, resignada. De novo inclinou-se, apanhou uma folha no chão, pôz-se a mordicá-la, d'olhos fitos no céu que entristecia no desmaio da tarde.

A aragem fresca espalhava o aroma citrino das magnolias e o sussurro moroso das folhas tinha a doçura mysteriosa de vozes que se distanciam. Toda a varzea esfumava-se em bruma diaphana.

Pôças d'agua entre aservas brilhavam como cacos de vidro. O brejo alastrava lustroso, sumia-se no açucenal em flôr, reapparecia além irradiado em veios reluzentes ; o rio estava como coalhado e o açude, largo e sereno, reproduzia profundamente o céu esmaecido.

Os montes, dum azul sombrio, tinham os rebordos frizados d'ouro e longe, no cariz do horizonte, o alto recorte da serra ardia em lumareu

com as arvores em filigranas negras applicadas em renda sobre o fundo cinabrico do occaso.

Cigarras chiavam ziantes, outras cacarejavam e na matta zoava um perenne zumbido.

Pela estrada da varzea, desenrolada em voltas brancacentas, recolhiam vagarosos bois; um, por vezes, detinha-se, estendia o pescoço e, pouco depois, rolava o mugido tristonho. Negros cruzavam-se nos carreiros, cães latiam e, dentre os mattos densos, como de coivaras que começassem a arder, subiam fumos ralos.

O céu, nos redentes longinquos, ficou marchetado, como de nacar; mas as nuvens foram descórrando e esbateram-se em violete pallido. Uma estrella luziu solitaria. Os grillos cantaram mais alto.

Lenta, no silencio, a sineta da capella soou Avé-Marias. Os dois ergueram-se, persignaram-se. Uma voz, lá em baixo, aboiou e houve como um extase beato.

— *Suns Christo...* Era Balbina. Rompeu do matto no alto do caminho com uma moganga e um feixe de hervas. Parou resfolegando, deixando cahir a saia que levava arrepanhada, e suspirou: *Ui! Esse subida mata. Adiantou-se vagarosa e, encarando Macambira, perguntou, ainda offegante: Sê falô co' sinhô? Zêri andava caçando ocê lá imbaxo...*

— *Sinhô?*

— Quem havéra di sê ? I ocês não cança di dirritimento ? Esse é vida ? Oia só . . . hum . . . hum ! e espocou um muchocho. Olhou o chão em torno como o cão antes de deitar-se e, entregando a moganga á mulata, disse : É di roça d'Ignacio. Deixou as hervas no banco : Esse é cambuquira.

Então agachando-se, a gener, apoiou-se no banco e sentou-se no chão, toda encarangada. Macambira pôz-se de pé, accendeu um cigarro e disse :

— Vou vê sinhô. Isso é côsa p'ra seu Zéca . . . Home tá duro.

— Ocê vai na Barra ?

— Amenhan di madrugada, si Deus quizé. E voltou-se para a mulata : Entonce ? Bamo ? Ocê vê duma vez qui tem, dá um passeio . . . Ma' precisa livantá cêdo : carro sai ante das quatro. Qué ?

— Não.

Balbina fez-se de enfezada :

— Já ocê qué levá Lucia p'r'u pagode. Dêxa muié in casa, vai ocê só. Ninguem comi elle, não.

— Lucia tá duente, precisa i no dotô.

— Ah ! nada . . . Duente ? Duente di quê ? só s'é di barriga cheia. Cuméça, cuméça cum muita cosa dipoi, dipoi . . . ! Esses buzumuca u qui qué é isso mêmo. Cuméça . . . Elle ainda esteve um momento parado, a fumar, como á espera de que a mulata se decidisse ; por fim resolveu-se : Bom, té já.

E foi-se, ladeira abaixo.

Balbina bateu com o cachimbo na palma da mão, atulhou-o de fumo, accendeu-o e pôz-se a pitar a fumaçadas lentas, distrahida. Lucia inclinou-se com os cotovellos nos joelhos, o rosto nas mãos e ficou a olhar perdidamente.

Escurecia, já a varzea desapparecera na sombra; as montanhas como que se approximavam e cresciam, abafando; a matta parecia estuar mais perto — ouvia-se-lhe o estrondoso marulho das frondes, o rechino do bambual, o esfrolar preguiçoso das palmas dos coqueiros.

Uma suindára passou no ar em vôo frouxo, chirriando; moregos descreviam voltas e, lá em baixo, a faiscação dos pyrilampos fazia pensar nos duendes que assombram a gente nas encruzilhadas.

Mas o céu foi-se tornando mais claro, semeado de estrellas. Luzes brilhavam nos mattos. A instantes um mugido atroava, um cão latia. Lucia levantou-se mollemente, preguiçando:

— Ond'ocê vai?

— Accender o lampião.

Foi-se. Pouco depois uma claridade explodiu na sala, logo extinguiu-se. Por fim a luz firmou-se aclarando as paredes, chegando ao limiar.

— Vem p'ra cá, tia Balbina.

— Aqui tá bom, tá fresco.

A mulata desceu a soleira, sentou-se no degrau.

A noite enchia-se de vozes estranhas : os sapos coaxavam, gargarejavam, malhavam ; eram trissos, zizios subtis, estrillos, pios crebros e, de quando em quando, numa lufada mais forte, o farfalho das ramas escachoava como um rebojo d'aguas.

— Sabe, tia Balbina ? parece que estou pegada.

— Ocê ?

— É verdade !

— Ma divéra ?

— Ora . . . até hoje, nada. E ando que só Deus sabe.

-- Isso, ás vez, é fraqueza.

— Qual !

— Antonce, rapariga, é guentá. Qui vai fazô ? Ocê não casô ? guenta. Agora é tê cuidado, não fazê maluquice i dexá vi. Fio é Nos'Sinhô qui manda.

— É . . . mas a gente soffre.

— Uai !

Calaram-se. Lucia pensou em Macambira, logo, porém, lembrou-lhe Julinho e a figura do senhor moço impôz-se á do negro. E se fôsse delle ! ? Podia ser . . . Balbina escarrou, silvou uma cusparada e, resmungando, levantou-se. Caminhou para a casa arrastando pesadamente os pés iuchados. A mulata suspirou preocupada :

— É verdade, tia Balbina . . . !

Mas a negra falou com autoridade :

-- Natureza ás vez discança. Podi sê qui não

seja. Ixp'rimenta um chá d'herva cidrêra. Meditou um momento. Ocês já tem um mez di casado ?

— Quasi . . . e eu esperava no fim da primeira semana.

— É . . . I ocê tá triste mod'isso ?

— Medo, tia Balbina. É brincadeira ! ?

— Ah ! medo . . . Medo di quê ? E as outra ? . . .

Oia Joanna . . . nem peito p'ra dá di mamá . . . não tá hi cum molecção d'aquelles . . . ? Qu'é qui teve ? Ant'isso du qu'uma febre. Não faz maluquice i dêxa tá. Eu tenho parado muito moleque, páro o d'ocê tamém. Medo . . . Quando a gente meno pensa bicho tá hi, berrando. I Macambira já sabi ?

— Não. P'ra que ?

— Uai ! Cumu p'ra quê ? Antonce elle não é u pai ?

— Não, quando eu tiver certeza. Por ora não. Póde ser outra coisa, p'ra que ? Eu tomei agua de coco, suada. Póde ser.

— Ocê é qui sabi. Péra ahi, dêxa eu passá. Apoiou-se ao umbral e entrou em casa.

O segredo pesava a Balbina — tinha-o na lingua a prui-la e, no primeiro ensejo, ainda que sem proposito, communicou-o a Macambira, asperamente, no tom enfesado com que sempre falava, até

quando queria agradar. Era assim com os intimos — rude, secca, arrabatada, resmungona, sempre de trombas, aos repellões, engrolando ditados e metaphoras de mau agouro.

Era meio dia e abrasava. Á beira dum aguaçal, onde as tabôas altas espannejavam pennachos, andavam porcos fossando, bácoros atolavam-se na lama morna, sob o vôo perseguidor das moscas. Macambira subia do engenho a caminho da roça quando, ao passar perto duma gróta, a negra, que apanhava inhame, bradou por elle dentre as largas folhas metallicas que reluziam ao sol. O negro estacou atarantado relanceando o olhar — viu os porcos, mas não descobriu a velha e buscava-a quando ella o chamou de novo em tom rispido, como se o reprehendesse :

— Eh ! Macambira, sê tá tonto ?

— Uai !

A cabeça da negra, sempre refoufinhada, emergia do inhamal.

— Oia, vai preparando gimbo qui fio vem ahi, tá 'scutando ? Fio vem ahi. Elle não percebeu a allusão e ficou a olhar arvoado. Ella insistiu caramunhando e acenando gestos expressivos. Océ tá oiando sarapantado ? Não tem qu'oiá. Fio vem ahi mêmo. Subiu do carcavão agarrando-se ás hervas e, em cima, com a caraça luzindo ao sol, sacudiu as mãos enlameadas, limpou-as nos molambos

e, chegando-se muito ao negro, esclareceu o mysterio : É Lucia qui tá di barriga.

Macambira fechou a cara, sobreceño ; mas como a negra asseverasse, arredondando os braços ante o ventre, onde a saia sungada formava uma rodilha, soltou uma gargalhada :

— Quá !

— Quá ? ! Ocê vai vê. Zêri mêmo falô lá im cima, zêri mêmo. E de mãos nos quadris, impi-nada em recacho : Antonce ? I ocês não tá casa-do ? Cumu é ? Zêri tá di mez. É juntá gimbo, fazê rôpa. Ocês pensa qu'é só casá ? Peccado vem logo. Guenta !

Ainda incredulo, d'olhos fitos nella, elle duvi-dou :

— Caçada . . .

— Caçada ? ! Ocê vai vê. Deu uma volta e, espalmando a mão no ar, em promessa : Ocê vai vê ! De repente, em tom brusco : Agora não vai correndo lá im cima dizê qu'eu disse. Sumpta ocê mêmo.

O negro quedou suspenso, numa emoção que o transfigurava. Os olhos accenderam-se-lhe em lume alegre, o sorriso ficou-lhe estampado no rosto. Os porcos vinham chegando um a um afocinhando a terra ; juntaram-se perto dum cupim ; de repente, assustados ou como se fariscassem alguma coisa, arremetteram a correr desaparecendo no matto.

— Mecê tá falando serio, tia Balbina ?

A negra franziu os olhos, abotoou os beiços encarada nelle e resmungou numa rabanada :

— Hum ! tá falando, ser'o, tá. Foi zêri memo qui disse.

— Tá bom . . . Ficou pensativo, d'olhos baixos, raspando a terra com a ponta do pé. Ha di si criá, co'a graça di Deus. Té logo ! despediu-se pondo-se a caminho, com o sorriso sempre no rosto.

— Oia lá ocê . . . ! bradou a negra ameaçando-o com o dedo.

— Não conto, não . . .

— Oia lá . . . !

— Não tem pirigo.

Foi-se contente, orgulhoso daquella noticia, sentindo-se mais homem, triumphante no amor, pai, emfim. O sol ardia intenso. A estrada, de areia, tinha scintillações de mica. As folhas reluziam. Sentia-se a secura, a sêde das plantas. O capinzal, dum amarello doirado e secco, era como um mar de chammas. Gafanhotos estalejavam aos saltos.

A negra ficou na estrada olhando o seu principio com orgulho e a ternura traduzia-se-lhe em gestos vagos : meneios da cabeça, acenos das mãos. Pensava no que elle seria entre os seus no reino d'Africa com aquella figura esbelta, aquelle ar, aquelle todo viril e a força do seu braço. Grande rei ! Grande rei ! Fazia-lhe pena vê-lo ali escravo e, por causa

delle, odiava a terra, odiava a gente. Quizera vê tudo em ruina, perecendo na mesma catastrophe, tudo!

Macambira ia longe e a velha, para vê-lo ainda, saltou, agil como uma panthera, subiu á barranca, com a mão em pála ante os olhos e, quando o perdeu de vista, atirou um murro á côxa numa surda revolta contra o destino do seu principe, filho de Munza, rei grande.

Vagorosamente tornou á gróta e lá no fundo, encoberta pela folhagem larga, pôz-se a cantarolar soturnamente uma toada barbara.

Macambira ia longe, quasi no morro.

Uma aguasinha escorria num rege tomado pela solidonia; adiante era o brojo. O negro atravessou a pinguela, metteu pelo capinzal e, estugando o passo, banhado em suor, ganhou á ladeira e subiu pela sombra fresca das arvores pensando naquelle filho annuciado, sentindo-o na vida, quasi certo de encontrá-lo lá em cima, muito gordo, engatinhando no terreiro, a tartarear e, acompanhando-o, protegendo-o Lucia, ainda mais linda naquelle extase de amor.

Chegou á casa, foi mauso e manso até a porta, espiou: ninguem. Entrou pé ante pé, como um ladrão. A porta do quarto estava encostada, empurrou-a de leve. Houve um estalido e logo um grito lancinante. Elle arremessou-se.

Lucia, em mangas de camisa, saltára da cama refugiando-se perto da commoda, desalinhada, de olhos muito abertos, numa estagnação de pavor. Reconhecendo o negro como que ainda mais se lhe aggravou a emoção: encolhia-se tiritando, encaráda nelle, descahindo em flacidez como para acorcorar-se, a bater os dentes, a agitar em desatino as mãos.

Macambira, attonito, adiantou-se para serená-la:

-- Uai, Lucia, ocê não tá mi cunhecendo? Qu'é isso?

Ella olhava-o a fito com o rosto ora a contrahir-se em terror, ora a abrir-se em sorriso alvar. Por fim, em jorro, as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos afogueados. Levou as mãos ao rosto e rompeu em soluçado pranto debruçada sobre a commoda que estremecia. O negro adiantou-se, sollicito e carinhoso, abraçou-a afagando-a:

-- Qu'é isso? Tava brincando. Qui medo é esse? Passei perto, dei uma chegada aqui modo vê ocê. Dêxa disso.

Fê-la sentar-se, deu-lhe agua, arrependido do que fizera. Foi-se-lhe remittindo a agitação e, em voz repassada em choro, tremula, sussurrou:

-- Que susto! Não brinca mais assim, isso faz mal.

-- I ocê não me cunheceu, criatura?

-- Sei lá! Assim de repente... nem sei que

pensei. A gente aqui sósinha . . . Eu estava des-cançando um bocado. Nossa Senhora ! nem é bom pensar !

Sentaram-se na cama, muito juntas e, como ella apanhasse o casaco, elle, sorrindo, ajudou-a a vesti-lo. Então perguntou-lhe baixinho :

— Agora diz : ocê tá mêmo ?

— O que ?

Elle riu. Ella comprehendeu que fôra trahida no seu segredo, baixou os olhos e murmurou :

— Candongueira ! e, com simulado despeito : Tia Balbina é um sacco roto. Se eu soubesse não dizia.

— Mas é verdade ?

— Não sei ; desconfio. Elle abraçou-a num paroxismo, beijou-a grato. Ella aninhou-se-lhe nos braços, mimosa e, olhando-o de muito perto, face a face, disse-lhe : Agora vai bater hôca por ahi.

— Uai ! i é vergonha ?

— Olha o meu coração como está. Tomou-lhe a mão, impô-la ao peito. Está sentindo ?

Gravida ! Para Macambira era a suprema ventura, para Lucia a certeza era una angustia. Desde então nunca mais teve socego de espirito. Acompanhava aterrada a marcha da gravidez. O ventre

crescia, arredondavam-se-lhe os flancos: era como se inchasse. Sentia dôres oppressões, estalos d'ossos.

Ás vezes, costurando ou na cozinha mexendo as panellas, a suspeita fuzilava-lhe nalma: corria ao quarto, trancava-se e, levantando a roupa, examinava o ventre.

Que estaria ali dentro? O coração batia-lhe em ansia, tinha allucinações: toda a casa enchia-se de vozes, ouvia passos, sentia gente. « Minha Mãi do céu! que será de mim... » E, de mãos postas, aicada, immobilisava-se no terror presago, certo do seu fim tragico, naquelle mesmo quarto, entre aquelles moveis, ali!

Conhecia todas as armas de Macambira, pensava em escondê-las: a garrucha, a faca pernambucana, de lamina comprida e aguda, a navalha de mola. E, como se aquelles ferros mortaes se animassem e, por impulso proprio, investissem com ella, tapava os olhos com as mãos, arripiada, com um frio metallico irritando-lhe a carne, num frenesi de gritar, de fugir, de lançar-se da barranca ás pedras acabando duma vez com aquillo.

Em uma crise mais forte mirando, com odio, o ventre tumido, detestou-o como inimigo certa de que nelle estava a gerar-se, a crescer, o denunciante da violencia infame de Julinho. Então, no impeto do desvario, fechou a mão, atirou-lhe um murro.

Logo, porém, arrependeu-se tocada de piedosa ternura pelo filho: talvez o tivesse machucado, matado até, coitadinho! E passou o dia em tortura, imaginando o filho morto e o castigo do céu.

E a vergonha? Ainda morta, na terra, parecia-lhe que havia de vêr e ouvir as companheiras, com *Vacca-brava* á frente, injuriando-a, lançando-lhe em rosto a traição torpe. E via-se na cova e, em volta, á galhofa, todo o mulhierio da fazenda com a depravada cabrocha desbocando palavões. Escureciam-se-lhe os olhos como em vertigem, reabria-os á luz—era a realidade serena, a indiferença das coisas impassiveis.

E se abortasse? Era tão commum, sabia de tantos casos. Claudina tomara um cosimento de «orelha de sapo» e *movêra*, mas Julia? fizera o mesmo, mais até, ficando entre a vida e a morte, toda inchada, quasi louca, e o filho lá andava, coitado! um langanho, sempre ranhoso, com os olhos cheios de sapiranga e em pús, o corpo aberto em feridas, os dentes pódres, uma cabeça enorme, idiota, com uma carinha enrugada de velho, rindo á tóa, chorando á tóa, vergonha da mãe, desprezo de todos.

Havia outras coisas: casca de roman, remedios de botica, rezas, mandingas. Egydio tinha um segredo, mas obtê-lo é que era. Falar a Balbina? não, era o mesmo que dizer a Macambira. Emfim! . . . havia de ser o que Deus quizesse: entregava-se

nas suas mãos. Elle bem sabia que ella não tinha culpa — era uma infeliz, uma desgraçada. Elle bem sabia. Obsessa de tal cuidado, sempre apprehensiva, o seu gosto era estar só, sem vêr gente. Queria o silencio. Raro descia á casa grande para evitar as graçolas das companheiras, os olhos de *Vacca-brava* e, a pretexto de « ansias, afflicções, dôr no corpo » deixava-se ficar lá em cima com o seu terror, tirando augurios de tudo.

Se, de manhan, descobria uma phalena d'azas espalmadas no tecto eram lagrimas, arrepelamentos de desespero; se ouvia a coruja á noite, contrariava o agouro com esconjuros, ia espevitar a lamparina, rezar um credo diante dos santos. As proprias abelhas domesticas, sempre laboriosas, alegrando a residencia com o zumbido perenne, ella tomava-as como annunciadoras sinistras e revoltava-se rezinando :

— Que mania de Macambira . . . ! Este cheiro de cortiço já enjôa e a gente sempre com a casa cheia dessas porcarias, em risco de ser mordida.

Com o cahir da tarde os seus temores cresciam, tomavam vulto as superstições. A casa parecia-lhe assombrada, sempre com avisos : era a madeira aos estalos, portas que se abriam por si mesmas, em silencio, estrépitos nas telhas e, lá fóra, correrias, vozes cochichadas, ais ! lamentosos, luzes lividas cruzando-se, bailando no ar.

Estremecia, toda arripiada, balbuciando exorcismos, a apalpar nervosamente os bentinhos que trazia ao pescoço.

Às vezes, suspendendo o serão, ia, pé ante pé, sacudir Macambira que dormitava na rêde. Forçava-o a sahir armado, rondar os arredores da casa. O cão ia-lhe no rastro farejando, latindo. O negro recolhia paciente :

— Não tem nada. Isso é bicho que anda por ali. Ocê tem medo á tôa. Quem vem aqui? ladrão? ria com superioridade. Alma d'ôtro mundo? Dêxa d'isso... Alma é daqui mêmo. Quem morre, morre.

Se o cão ladrava punha-se logo attenta.

Às vezes era um uivo que atravessava doridamente o silencio. Irritava-se, frenetica: « Vai agourar o diabo! » e, descalçando-se, batia com a chinela tres vezes no soalho e deixava-a virada de borco para fazer calar o animal. A cama causava-lhe horror. Desde cedo, ainda com o sol fóra, começava a bocejar, languida de somno. No meio da costura a cabeça pendia-lhe — dobrava-se, com os braços sobre a mesa, e dormia. Balbina lidava com ella, sacudindo-a :

— Vai dêtá na cama, criatura. Ocê ansim não dorme dirêto. Tá cum somno, vai dêtá duma vez.

Ella levantava-se, estendia os braços, retorcendo-se, molle, mas ficava como uma somnambula, am-

parando-se aos moveis, encostando-se ás paredes, d'olhos fechados, mastigando resmungos. A negra insistia teimosa, Macambira levava-a abraçada.

Atirava-se na cama vestida e adormecia logo num somno de pedra. Alta noite despertava espantada, sentava-se na cama e, na penumbra trememente do quarto, alumiado pela lamparina de azeite, tinha visões delirantes: eram os moveis que cambaleavam deslocando-se, erguendo-se do chão em silencio, eram sombras deslizando pelas paredes, eram aguas que se despejavam d'enxurro, gemidos, circulos de fogo retrahindo-se em discos, dilatando-se em halos, vôos surdos pelo quarto, pancadas á janella, sopros. Pensava em despertar o marido, mas o medo paralytava-a. Despia-se devagarinho e fria, gélida, com os dentes cerrados, o halito escasso, examinava o homem.

Elle ali estava, enorme! o seu assassino. Parecia-lhe um gigante como os das historias do Oriente que ella ouvira contar e lêra nos serões de casa: a cabeça desconforme, de grenha hirsuta, os braços nús, possantissimos, peito largo coberto de um vello crespo, arfando robusto na respiração cheia e ronquida.

Sentia-lhe o cheiro caprino de mistura com um aroma morno de campina, ao sol, e tremia transida, pensando na hora em que elle, no furor do ultraje, fechando-se com ella, d'olhos flammejantes, rugin-

do rouco, com a faca em punho, alumando, agarrando-a pela garganta levasse-a d'encontro á cama, rojasse-a e, subjugando-a sob os joelhos, rasgando-lhe as roupas, abafando-lhe a bôca, fôsse-lhe cravando fundamente a faca no collo, retalhando os peitos, depois fundo, bem fundo no ventre, revolvendo o ponto em que se gerara o filho infame, chegando com as mãos nas profundas das entranhas, ensofando-as no sangue até senti-la morta, ao lado dos tassalhos do filho, no mesmo charco.

Abria a bôca para gritar, estendia os braços implorativos chorando em silencio e, escorregando devagarinho, deitava-se muito encolhida, com as cobertas puxadas até o queixo, batendo os dentes num tiritar de medo.

Uma noite, deitada de costas, com o ouvido muito apurado aos rumores de fóra e aos soídos do silencio, sentiu que o ventre se lhe contrahia e revirava, depois tremores, em seguida um choque como de murro. Sentou-se com medo. Que seria?

O ventre turgido, liso, parecia bojado como enorme bexiga e os peitos duros, encaroçados, refer-viam-lhe refertos em apojadura instantanea.

Quiz levantar-se, tirou as pernas da cama e ficou sentada, immovel, attenta á espera de que se

repetisse o phenomeno. Reiteraram-se os baques, reappareceram os tremores em vibrações fulgurantes e em escabujamentos como se o filho lhe estivesse estrebuchando nas entranhas em angustia de morte. Chamou o marido :

— Macambira, meu velho . . . tem paciencia . . . olha aqui.

O negro sentou-se estremunhado :

— Qui é ? Qu'é qu'océ tem ?

— Não sei . . . Estou sentindo uma coisa muito exquisita. Não sei que é. E offegava, agitava-se afflicta, oppressa, sem ar. Descahiu sobre os cotovellos e a sua fecundidade resaltou. Dá cá a mão . . .

Tomou-a, rolou-a por todo o ventre e o negro, sentindo as convulsões, ficou boquiaberto, extatico, mas logo sorriu comprehendendo que era a vida ainda empolhada que buscava expandir-se : era o impeto do seu sangue, a força da sua carne, a energia dos seus nervos, o surto do seu amor triumphante. Tranquillisou-a :

— Não tem medo, tola ; isso é criança qui tá virando. E ria, achava graça na « travessura » do filho, augurando com orgulho, de bôca cheia : Êh ! esse vai sê bom ! Oia só, inda bem não nasceu já tá pinoteando qui nem cabrito. Esse mêmu vai sê bom. Sê tem qui vê co'elle. Não tem medo, não.

E afagou-a, fê-la deitar-se acariciando-a, batendo-lhe de leve no hombro, alisando-lhe os cabel-

los, amaciando-lhe os quadris redondos, sem sentir no contacto daquelle corpo fecundo outra emoção mais que a de piedade pelo soffrimento e o respeito sagrado que infunde o mysterio.

E mais se lhe acendrou o amor reforçado pela ansia augusta daquelle vida que elle sentia abotoada na carne da mulher, já reclamando a luz, o ar livre, o mundo.

— Ah ! Macambira, custa muito ser mãe ! Como a gente soffre . . . !

Elle fazia-a andar.

Á tarde, depois do jantar, iam lentamente até á orilha da matta, paravam para vêr as gallinhas, o porco espapaçado nas palhas humidas, roncando ; chegavam á beira da barranca alongando a vista pela paizagem vasta, entravam no pomar e, entre as laranjeiras carregadas, conversavam sobre o que havia a fazer — elle contente, ella sorumbatica, sempre suspeitosa, preocupada com aquelle filho que a denunciaria logo ao nascer. Queixava-se do frio, da humidade. Entravam.

A pedido de Macambira Balbina deixou o seu « mocambo », lá em baixo, para acompanhar Lucia.

Dormia no quarto perto da cozinha e, sempre prompta, ainda que resmungando, animava a mulata contando-lhe factos extraordinarios :

— Ocê inda não viu nada ! I quando criança

chora ni barriga ? Esse é qui é ! Isso qu'ocê tá sintindo todo mundo sente. É bom signá, signá di eriança forte. Chôro é qui é . . . Diz qui eriança qui chora ni barriga nasce divinhadô. Dêxa di medo. E examinava-a : Sê não tem nada . . . Recommen-dava-lhe banhos d'hervas, repouso e somno. Ocê u qui pricula ó cumê ; ocê ansim niquenta não serve : fruta só não sustenta — comi carne, angú, bebi leite qui dá sustança. Ocê tá magra, varada qui nem cachorro sem dono. Dêxa di medo, come i quando botá cabeça ni travissêro não tem qui ficá variando : dorme.

Lucia emmagrecia a olhos vistos — as faces cavavam-se-lhe e os olhos encovados acaveiravam-lhe o rosto manchado de *pannos*. O collo e o ventre impavam cada vez mais. Macambira preocupava-se, pedia conselhos a Balbina, queria levar a mulher ao medico, na Barra.

— Ocê parece bôbo . . . Dêxa Lucia. Lucia não tem nada. Isso é ansim mêmo. Magreza é d'estado delle. Não come, não dorme . . . uai ! corpo sente, corpo não é di ferro. Dêxa elle intrá nos seis mez i isso tudo passa.

Sempre que descia á Barra o negro trazia uma lambarice : biscoutos, chocolate, maizena, figos e não esquecia o filho com uma coisa ou outra para o enxoval : um par de sapatinhos de lan, uma peça de morim, rendinhas, entremeios, fitas.

Á noite, com toda a casa fechada por causa do frio, Macambira, esticado na rêde, fumando, acompanhava, com interesse, as discussões de Balbina e Lucia diante da lata, perfumada a alfazema, onde se iam ajuntando as pequeninas peças do enxoval e intervinha opinando pela côr de rosa para os bordados da manta e dos cueiros e para as fitas das toucas e das camisinhas contra a azul, que Lucia propunha por ser a côr do manto de Nossa Senhora.

E no céu, duma pureza nitida, as estrellas scintillavam limpidas e a nevoa, alvejando perdida-mente em prainos e em relevos, dava á paizagem muda o álgido e merencoreo aspecto das solitariãs regiões polares.

VI

— S'ocê tá cum medo eu falo cum sinhô e elle manda Tibureio nu meu lugá. Tempo tá bom, tropa é sigura.

— Não, vai. Isso ainda não é p'r'agora. Você não vai e volta em quinze dias ?

— Uai ! in antes.

— Então . . . Dá tempo. Vai, senhor póde ficar aborrecido. Você já tem faltado muito ao serviço por minha causa. Não quero. Se liouver alguma coisa tia Balbina está ahi. Eu me arranjo com ella. Deus é grande !

— Oia lá !

Era em meados de Dezembro. A acacia vergava opulenta ao peso dos cachos de ouro e a matta, enfeitada para o Natal, revaçava em rebentos pintalgada de amarello e rôxo, com as claras folhas

das embaúbas luzindo, como de aluminium, no escuro lustroso das ramagens.

Ainda esfiavam tenues fumos das ultimas coivaras ; brumas leves esgarçavam-se nos ares.

Macambira devia partir para a Côrte com a primeira remessa de café : já as saccas estavam empilhadas nas tulhas, e a tropa apartada no pasto pequeno, tudo prompto. Mas o nervosismo de Lucia, aggravando-se a mais e mais, punha o negro em indecisão receiosa.

A coitada não tinha descanso, não conseguia dormir uma hora a fio : eram logo ansias, suffocações, peso no ventre. Levantava-se afflicta andando pela casa, abrindo janellas numa angustia de asphyxia. Balbina não tinha paciencia — mettia-se no quarto e, para deixar a esteira, era um trabalho. Sabia de trombas, resmungando :

— Ah ! ocê tamem é muito luxenta. Parece qu'ocê só é qui tem fio. I as ôtra ? Oia Rosa, c'a barriga p'ra cada hora tá lá no duro puxand'inxada, i ocê é só ríngando, chorando. Ansim tamen n'io. Pricisa tê pacienc'a.

Enrolava estouvadamente a trunfa, accendia o cachimbo e ficava encorujada a um canto, cabeceando cochilos.

Lucia fez-se forte, disfarçando o sofrimento para illudir Macambira, com intenção de afastá-lo. E elle, vendo-a andar pela casa mais desembaraçada, fazendo uma coisa e outra, decidiu partir. E animou-a :

— Ocê vai vê ; eu vou i vórto e ind'ocê demóra. E isso mêmo não custa : na hora é um instante — é mais u medo.

Ella encolhia os hombros resignada :

— Assim como assim . . . tem de ser mesmo . . . que remedio ! Quem me dera que fôsse hoje, ao menos eu descansava.

Na vespera da partida, á tarde, arrumando a maleta, o negro chamou-a :

— Iscreve u qu'ocê qué . . .

— Não quero nada.

— P'r'ocê . . .

— Não quero nada.

Passaram a tarde no banco, sob a acacia que os cobria de flôres. Á meia noite — havia luar . . . o negro levantou-se devagarinho, chamou Balbina para fazer-lhe o café e na cozinha, á luz da candea, enquanto os gravetos crepitavam, recommen-
dou carinhoso :

— Oia, véia, toma bem conta della, não dêxa ella. Ocê fica aqui : sinhô botô Thereza p'ra cuidá du chiquêro. Istende istêra na sala i dorme lá.

— Vai dicangado, fio di Deus. Lucia não tem nada di maió. Ocê mêmo é qui bot'elle ansim.

O negro tornou ao quarto, entrou pé ante pé, esteve um momento parado diante da cama olhando enternecidamente. Lucia sentiu-o, voltou-se, sorregueu-se sobre o cotovello e perguntou muito meiga:

— Você já vai ?

— J'é hora.

Abraçaram-se em silencio. Ella desprendeu-se-lhe dos braços, atirou-se nos travesseiros abafando o choro.

— Não chóra, tôla. Noss'Sinhô tá hi. Ainda a beijou, acariciou-a : Adeu ! Té a vorta.

Ella abandonou-lhe a mão inerte.

A lua velava muito alta. O terreiro parecia de cal. Toda a paizagem jazia sob uma nivea fufurina diaphana. Tiniam campainhas no silencio.

Com a partida de Macambira encaminhou-se verdadeira romaria para o monte. A todo instante eram vozes no terreiro :

— Ó ! de casa . . . !

— Mas que dê essa sumida ?

— Então isso inda não deu de si ?

— Como é que se móra num cafundó assim ! Isso só mêmo di Macambira. Ciume é o diabo !

Entravam : eram mucamas, crioulas, negras velhas e, vendo Lucia, muito ancha, a barriga á bôca, vergada, bambaleando-se em passos arrastados, eram gargalhadas, exclamações :

— Ih ! como isso vem remando !

— Sê ansim mêmo é durona . . .

— Tá hi nu qui dá casamento. Quê dê cintura ?

E riam. E a mulata, muito languida, confessava esfalfada :

— Que já não podia mais. Até estava com medo que fôssem dois. E agradecia os presentes que lhe davam : esta, uma gallinha gorda para o primeiro caldo ; aquella, uma duzia d'ovos encamisados em palha de milho, um pouco de « puba » para mingau e as devotas offereciam-lhe orações, bentinhos.

A casa borborinhava. Uma quiz vêr o enxoval da « criança », e veio a lata para cima da mesa : abriram-na, e as peças passavam de mão em mão.

— Foi ocê qui fez tudo ?

— Macambira comprou alguma coisa.

Foram ao quarto muito accado, correram a casa toda espionando, farejando. Balbina deixava-se estar na cozinha resmungando com azedume e só apparecia para despedir as visitas :

— Bom, gente, rúma, chega di pagode ; é hora di cuidá di casa. Sês não tem qui fazê lá imbaxo ? Abri campo, bâmo, bâmo.

— Ah ! tia Balbina, qui coisa ! a gente não vem aqui pidi nada. Faz mal ?

— Faz má, sim : muié quandu tá ansim di tempo precisa dicança. Visita é visita. Já viu, já falo . . . qu'é qui fica fazendo mais ?

Á tardinha, Lucia estava sentada á soleira da porta olhando distrahidamente, quando *Vacca-brava* appareceu no alto do caminho, entre os espinheiros, rôta, immunda, com um paletó esmolambado, aberto, deixando vêr a camisa sordida, em frangalhos, escorrida no peito esbagaxado. A mulata, reconhecendo-a, não poudo disfarçar o espanto e fez menção de levantar-se, mas ficou tolhida.

— Deus têja nesta casa ! Êh ! êh ! uhm ! esticou os grossos beiços relanceando em volta olhares coscuvilheiros. Antonce ?

Lucia olhava-a a fito, immovel, como magnetizada. A cabrocha plantou-se diante della, de mãos á cinta e, depois de mirá-la, disse em tom arrogante :

-- Fiea im pé, dêxa vêr isso.

A mulata levantou-se como um automato, d'olhos parados, os braços cahidos ao longo do corpo, expondo-se. *Vacca-brava* examinou-a de beiço arregaçado :

— Hum! sê tá rúim, rapariga... e arreganhava a cara em rictus. Sê tá rúim. Senta! Lucia obedeceu passivamente, sempre d'olhos nella. Qui pança! Coçou a grenha, escarfunchou o sovaco e, firmando o pé na soleira da porta, disse: Oia, ocê não repare, eu tenho quirido vim aqui, ma ocê sabi qui seu marido tem giriza cummigo. P'ra que buscá mais intica? Mêmo aqui tem gente qui não gosta di mim. Eu sabia d'ocê p'los ôtro. Remirou-a mais: Sê tá muito alargada das cadêra; isso é macho.

Inclinou-se, metteu os olhos pela casa, devassando-a e, virando-se, olhou em volta com desprezo, cuspilhando:

— Sê não tá cum bôa cara. Toma cuidado! Oia Antonica... Não brinca co' isso, não. Sê tá muito pesada. Faz uma promessa mod'isso vim dirêto i não dêxa nó na saia, óia lá!

Mas Balbina, que fôra levar restos de comida ao porco, appareceu com a cuité e, vendo a cabrocha, parou carrancuda interpellando-a desabridamente:

— Qu'é qu'ocê vem chêrá aqui im cima?

— Uai! Vim vê Lucia.

— Qui vê Lucia, qui nada! Ocê veiu mas foi sumptá. Ninguem qué sabê d'ocê aqui. Oia, si Macambira sabi qu'ocê veiu aqui sê tem qui vê.

-- E eu tenho medo di Macambira?! Quem sabi si elle vai mi cumê...!?

— Vai-t'imbora. Sê não passa duma enredadêra. Um diabo d'azá qui ondi si mette é só p'ra fazê mexido. Vai-t'imbora! Vai!

Vendo a velha adiantar-se para a cabrocha, que a olhava d'alto sacudindo a cabeça, Lucia ficou tão nervosa que se pôz a chorar, torcendo as mãos, frenetica. *Vacca-brava* silvou um risinho sarcástico.

— Gente! Tão vendo só! Ocê parece qui tá caducandu, tia. E, de supetão, intimou: Oia, curumba, s'ocê dá mais um passo p'ra mim eu ti pego! Ah! tá muito concha co' essa porcaria di casa. Cupim come coisa mió. E de punhos fechados: Toma sintido cummigu! Ocê anda querendu e eu, um dia, pégo ocê dirêto. Pensa qui tudu mundu tem mêdu di mandinga? Vem p'ra cá. Mandado na minha porta não fica. Vem p'ra cá.

Os olhos de Balbina fuzilaram, rolou-lhe um rugido na garganta e, crescendo, lançou mão dum pau de cêrca e investiu com a cabrocha falando-lhe hombro a hombro, cara á cara.

— Repete u qu'ocê disse s'ocê si chama Donaria. Repéte . . .

— Tia Balbina . . . tia Balbina . . . !

— Repete, e empurrava-a d'esguelha, ameaçando-a com o pau.

Lucia interveiu nervosa:

— Que é isso, gente! Deixa disso. Coisa feia.

Deixa, tia Balbina. Vai, Donaria. Pelo amor de Deus!

As duas mediam-se ferozes, mas a cabrocha cedeu e, vagarosamente, gingando, caminhou para a ladeira :

— Eu não te esfrego agora mêmo, sua bruaca, mod'ella. Não quero qu'ella bóte o fio p'ra fóra e diga dipois qui foi por minha causa. Ma ocê não perde, burra véia. Ocê tá muito fiada im Macambira, pois vai ti fiando.

Chegára aos espinheiros, voltou-se e despejou um chorrilho de torpezas. A negra respondeu :

— É tua mãe, sua pórcã.

E, como a cabrocha insistisse, juntando o gesto ás palavras, Balbina atirou-lhe o pau que foi girando e cahiu entre as folhas que farfalharam. Uma pedra bateu na parede da casa, outra tiniu no telhado. A velha correu e, apanhando torrões, calhaus, atirava-os furiosamente. A cabrocha respondia dentre os mattos com uma gargalhada contínua. De repente a negra, que ficara á beira do caminho, cuspiu com asco, dizendo :

— É tua mãe, catinguda! É tua mãe.

Lucia, de pé á porta, estava como petrificada.

Lucia, que a scena do terreiro enervara, logo á noitinha sentiu-se mal: tremores rispídos, uma ansia que lhe subia á garganta em bôlo, angustiar-do-a, dôres errantes, peso nos quadris. Sentou-se debruçada á mesa, com a cabeça nos braços enrodilhados. Balbina, cuja furia ainda se não abrandára, linguajava na cozinha. Chegando, porém, á sala e vendo a mulata naquella postura inerte, interrogou-a:

— Qu'ê qu'ocê tem?

— Não sei. Estou me sentindo molle, tonta. De vez em quando uma dôr surda nas cadeiras.

— Toma u seu banho i vai dêtá.

Mas a mulata, apprehensiva, encolhendo-se toda com arripios, murmurou supersticiosa:

— Isto é mau olhado de Donaria.

— Qui nada! E a negra assanhou-se: Ocê foi si mettê... Ocê divia tê dexado eu dá uma lição naquelle diabo. Negra sem vergonha! Aquillo inda acaba na ponta duma faca. Vai dêtá. Isso passa. Lucia, porém, tinha horror ao quarto — preferia soffrer ali sentada, olhando pela porta aberta o céu estrellado, as arvores que reluziam. As magnolias embalsamavam a noite e os grillos faziam um estridor contínuo. Desabotoavam-lhe nalma leves reminiscencias. Vai dêtá, criatura.

— Daqui a pouco.

Por onde andaria Macambira? talvez já na cidade. A cidade...! e ella que tanto desejava vê-la com as suas lojas sortidas, as suas igrejas grandes, as ruas cheias de gente, o mar...

O ventre entrou a contrahir-se-lhe em convulsões preguiçosas; a instantes, espaçadamente, eram torsões, fremitos, repuxamentos; depois aquietava-se e uma quebreira amollentava-a. As pernas iam-se-lhe entorpecendo, os pés formigavam-lhe dormentes.

Occorreu-lhe a lembrança de uma festa a que fôra, com outras, na Barra. Que alegria! O carro de bois aos trancos pelos caminhos esbarrondados, adernando, empinando-se nas subidas, numa chibadeira que doía nos ouvidos. A villa apparecendo entre arvores, com o rio acachoadado e turvo e logo se lhe afigurou o circo armado num largo, gente apinhada em volta, taboleiros de dôces, musica, um palhaço preto num palanque fazendo gatimonhas e na multidão basbaque uma gargalhada continuada. Depois o leilão de prendas e a igreja illuminada, cheirando á cannela e a incenso, com a linda imagem de Nossa Senhora sorrindo no altar, entre cirios e palmas d'ouro.

Subito, como se lhe houvesse rebentado o cós da saia afrouxando-lhe a cinta, sentiu-se alliviada dum peso, respirou mais livre, em hausto, e, instinctivamente, levando a mão ao ventre, deu por uma

depressão, um sulco fundo que a dividia como se fôra golpeada. Pôz-se de pé alarmada, apalpando-se. Chamou a velha, fez-lhe vêr aquillo.

— Foi de repente, tia Balbina.

A negra examinou-a sem dizer palavra ; por fim aconselhou :

— Qué sabê, Lucia ? mió é ocê i p'ra cama. Côsa parece qui tá hi. Barriga cahiu, isso não fáia. Mió é ocê detá.

— Mas é p'ra hoje ! ? perguntou aterrada.

— Uai !

Forte compressão nos flancos fê-la dobrar-se, logo um peso insupportavel na bexiga, um vacuo no estomago, enjôo. Então ansiada, afflicta e com medo, quiz andar, mover-se, mas tinha as pernas como de chumbo. Uma dôr fúlgura atravessou-lhe o ventre como se um estylete a varasse. Encostou-se á mesa, amparando a barriga a mãos ambas. Balbina insistiu :

— Bâmo, fia.

Passou-lhe o braço pela cinta, levou-a devagarinho ao quarto ; quiz despi-la, ella oppoz-se, consentindo apenas em deitar-se para ser examinada e tremia arripiadamente. A velha foi rapida.

— Côsa é p'r'hoje mêmu, affirmou ; signá tá hi. Agora é ocê dêxá di molleza. Fica ahi quieto enquanto eu vê tudo. Não tem medo, não. Sê ajudando um bocádo é um instante.

A mulata attribuíra a « sua desgraça » á *Vaccabrava*. Desvaneceram-se-lhe as ultimas esperanças, não tinha mais duvida sobre a sua sorte: a cabrocha puzera-lhe mau olhado, estava perdida. Sentou-se chorando e via o seu fim tragico: a vingança de Macambira.

Mas os factos baralhavam-se, confundiam-se-lhe tumultuosamente no espirito: ora era a scena com Julinho, ora era a furia do marido logo resolvida em ternura. Ouvia-lhe os passos, sentia-lhe o cheiro acre do corpo, tiniam-lhe aos ouvidos sons de campainhas — era a tropa, seguia-a através dos campos, Macambira á frente.

Dôres apuavam-na, opprimiam-na. O quarto aterrava-a a mais e mais á medida que escurecia. Se pudesse ficar lá fóra . . . ! E olhava estarecida. Numa dôr mais forte atirou-se á cama amarfanhando as cobertas, trincando os beiços. Quiz cruzar as pernas, não poudo: estava sem acção, tolhida, paralyzada pelo soffrimento. Nas temporas as arterias turgidas batiam-lhe ás martelladas; o coração crescia-lhe harto e tumido. Balbina appareceu e ella ouviu bater uma bacia d'encontro á cama.

— Antonce ?

— Ah ! tia Balbina . . . arquejou.

— Dêta . . . dêta . . . Océ vai vê . . . Eu tô cuidando di tudo modj na hora não havê trapaição. Péra ahi. Tem pacienc'á. Sê u qui não deve é

tá jugando corpo ansim, criança tá perto. Péra ahi.

Sahiu. Logo, porém, tornou com o lampião, deixou-o na commoda. Voltou á sala e Lucia ouviu ranger a porta, rascar a chave.

Sentiu-se atemorizada, oppressa como se sobre ella houvesse cahido a lápide de um tumulo. A porta fechada . . . porque ? para que ? Quiz chamar a velha, pedir que deixasse a porta aberta, mas a dôr cingiu-a: dobrou-se toda, em arco, atirou-se de flanco, mordendo os travesseiros. Um grito escapou-lhe em convulso tremor.

— Ah! minha Nossa Senhora!...

A negra acudiu e, vendo-a prostrada, animou-a:

— Antonce, fia... Péra ahi... Dêxa vê.

— Não posso mais! Eu morro, tia Balbina. Parece que estão me rasgando por dentro. Foi Donaria, tia Balbina. Isso não era p'ra hoje. Foi ella.

— É... Ocê foi s'assustá. Ma dêxa aquelle diabo! Macambira ha di sabê. Ma não tem nada. Dêta. Agora é tê corage. Tem di vi. Dêta. Nossa Senhora tá hi. Nôte tá cheia d'istrella, sê vai sê filiz.

— Me dá as minhas orações, tia Balbina: ali na commoda, na gaveta de cá.

A negra rebuseou, trouxe um punhado de bugi-gangas: bentinhos, rosarios, um côto de vela de

cera. A mulata recebeu tudo desatinada atafu-lhando debaixo do travesseiro.

— Ah! tia Balbina, nunca pensei...!

A negra foi-lhe tirando a roupa, deitou-a e sentou-se no chão com a lata do enxoval aberta, separando peças que ia ajuntando na tampa.

Volta e meia Lucia levantava-se urgida e molle, lerda, debruçava-se ao respaldar da cama, encostava-se á commoda ou deitava-se abandonadamente. As palpebras pesavam-lhe:

— Estou cahindo de somno! Se eu pudesse dormir...

-- Drôme.

Socegou em modorra, mas uns sons absurdos: burundum de tambores, vozeada rouca, estrupido de passos sapateados puzeram-na em sobresalto.

— Que é, tia Balbina!?

— U quê?

— Esse barulho...?

— Onde? Não tem baruido nenhum. Sê tá sonhando. Drôme.

Nesse instante uma dôr mais violenta assaltou-a, como que a envolveu. Sentou-se num espanto, d'olhos muito abertos, a bôca escancellada á falta de ar. De repente atirou-se de borco retor-cendo-se, rebolecando-se, rangendo os dentes, debatendo-se, a rugir, a arquejar aos arrancos. Balbina procurava contê-la:

— Não faz ansim. Sê si machuca.

— Ah! tia Balbina . . . suspirou exausta, alagada em suor.

A noite passava vagarosa, a luz do lampião amortecia, livida. O gallo bateu azas, cantou.

Lucia soergueu-se sobre os cotovellos com um gemido surdo, tremulo, guaiado, que se prolongou em grito lancinante. A negra inclinou-se sobre ella, dizendo :

— Bom . . . agora é só tê corage. Mãi du céu tá hi. Tem corage, lembra di Macambira. Bâmo. Bâmo. Tá hi já . . . juda natureza.

E o grito de Lucia repercutia esgargalhado, tornando-se rouco, stertoroso como se um punhal se lhe fôsse cravando na garganta e a voz, a principio livre e clara, sabisse, por fim, rolando em borbotões de sangue.

— Uai! exclamou a negra assombrada. Lucia sentou-se de golpe, num impulso de mola. Balbina estava boquiaberta, com todo o rosto encarquilhado em feição de nojo. Curvara-se sobre a cama amparada ás mãos e cacarejava horrorisada: Eh! eh! eh!

— Que é, tia Balbina?

Agil, como se sabisse dum somno bem dor-

mido, a mulata pôz-se de gatinhas, inclinando-se para o filho que se remexia molle, oleoso, garguindo um gasnido gosmento. A negra olhava apavorada. Apanhou o recém-nascido, levantou-o nas mãos chegando-o á claridade amarella do lampião. Mirou-o e um rênquido trovejou-lhe no peito:

— Esse qui é ?

— Tia Balbina ! exclamou a mulata estendendo os braços, supplice, como a implorar o filho que espernegava muito languento.

— Esse qui é ? A mulata embatucou. Misericordia ! regougou a velha.

— Dá cá elle. Deixa eu vêr. Dá cá, tia Balbina.

— Quá ! Depô-lo na cama e, cruzando os braços, a negra quedou d'olhos fitos, como alheada, meneando a espaços com a cabeça. Lucia ajoelhou-se, tomou o filho que lhe escorregava nas mãos, viscido e flacido, cravou nelle os olhos, onde já havia ternura e logo os levantou para a velha. Encararam-se em silencio.

— Esse qui é ? Sê inganô Macambira.

Lucia descahiu sobre os calcanhares e, faltando-lhe apoio, tombou de flanco. O pequenito esganicava coleando como uma lesma. Ella tremia, arquejava, os labios batiam-lhe em palpitações frementes. Sentia a vida escoar-se-lhe a jorros. A velha falava airada.

— Modi quê ? Esse qui é ? fio di branco, vergonha. Cumu é ? Sê não tem qui dizê. Sê inganô elle.

Ella quiz falar, defender-se, mas desatou em pranto e a negra olhava o infante, balançando a cabeça. E, triste, pôz-se a dizer o seu pensamento :

— É ansim mêmo. Cumu não ? nêgo é nêgo, branco é branco. É ansim mêmo. Tá hi. Zêri quiz... tá hi. Agora tudo vai tomá pagode. Êh!... Fio di nêgo... óia só.

Espirrou-lhe um risinho navalhante. Lucia cahiu de costas prostrada, contendo os soluços.

No silencio havia estalidos : era o pequeno que chuchava os punhos. A negra respirou desabafando e, aproximando-se da cama, ordenou severa :

— Dêta dirêto . . . dêxa mudá cama.

Lucia encolheu-se com medo, apertando o filho no braço, muito chegado ao seio e, ora voltando-se, ora soerguendo-se enquanto a negra substituia os lençóes, não a deixava com o olhar espavorido.

— Tá hi. Fez uma trouxa da roupa que retirara. Sê vê qui qué mais.

— Mais nada.

Deixou-a, sahiu como se a abandonasse.

Os gallos amiudavam. Um largo suspiro esva-ziou-lhe o peito. E ali estava o filho. Ella bem o sentira no ventre durante todo aquelle tempo. Ali o tinha !

E refez-se naquelle ambiente de angustia, que tresandava á seiva humana, a tarde tragica da violação. Tudo eramervas emmaranhadas, arvores bravias, espinheiros e capins cortantes, urtigas causticas e estrepes, a terra ainda morna do sol e já em sombra nocturna e Julinho na tocaia.

Via-o, sentia-o que lhe dilacerava as entranhas deixando-lhe no fundo aquella vergonha que cresce, rompia-lhe as carnes e ali estava: sahira-lhe do corpo como sahe o punhal de uma ferida: em ondas de sangue. Ali estava. A cabeça doía-lhe como se lh'a apertasse um capacete de ferro, constringia-se-lhe a garganta num travo que lhe suspendia o halito.

As sombras animavam-se despegando-se das paredes como papel solto, subindo do soalho em fumaradas, affectando fórmabizarras, esguias, aladas, pairando, rastejando, esvoaçando.

Fez um esforço para voltar-se: lufou aos gorgolões a vida.

Balbina deixara-a só com a Morte, era ella que a rondava com um lugubre cortejo. Mas a negra entrou com uma chaleira, arrastou o bacia, temperou o banho, tirou-lhe o pequeno do braço e, de coras, pôz-se a lavá-lo.

Ella tremia sem animo de falar. O silencio da velha apavorava-a. Não era Balbina, era uma das sombras do quarto que se lhe apoderara do filho.

Chegou-se mais para a beira da cama transida, arripiada, sentindo que lhe arrancavam os cabellos, acompanhando, a fito, tudo que a velha fazia. Viu-a retirar o pequeno d'agua, deitá-lo ao collo, contemplá-lo um momento, depois virá-lo, revirá-lo enfaiçando-o.

Parecia-lhe, por vezes, que ella o ia estrangular — ficava estarrecida e foi com verdadeiro allivio, contente, que, de novo, o sentiu no braço, muito cheiroso, esfregando-se nella como se farejasse o leite.

A negra abria largamente a porta, sahiu com a bacia. Tornou, instantes depois, com uma lata onde ardiam brasas, esfarellou por ellas a mistura de alfazema, benjoim e assucar e começou a defumar o quarto pelos cantos.

O ambiente nublou-se: rolos de fumo espesso subiam caracolando, condensavam-se em nuvem, rolavam, estendiam-se em véu denso.

Por fim, como se nada mais lhe cumprisse fazer, dando por finda a sua missão, Balbina perguntou:

-- Sê qué qui fala cum sinhô ú cumu é? Macambira chega. Mió é sinhô sabê.

Falava com voz estranha: não parecia a mesma vira-méche rezinguenta — tinha uma serenidade de sentença.

Lucia chamou-a, então, muito humilde, quiz

que se sentasse á beira da cama ; ella deixou-se estar de pé, braços cruzados, rigida.

— Escuta, tia Balbina, vosmecê está com raiva de mim, eu não tive culpa. Foi nhô Julinho. Vosmecê sabe como elle é. Olhe . . . e descreveu-lhe a scena entrecortadamente, estuando de fadiga, ás rajadas de choro. A negra não a interrompeu : ouviu impassivel, sem um gesto. Eu devia ter dito . . . não devia ter casado. Foi medo . . . medo de nhô Julinho e de Macambira . . . e vergonha, tia Balbina.

A negra não disse palavra : apanhou a lata onde as brasas morriam e sahiu.

O silencio era terrifico, picado, a quando e quando, de sons vagos, como vagalumes na treva. Lucia estremeceu num abalo irritado, pruido em afflicção frenetica, arrepanhando o lençol, estirando, encolhendo ás pernas. Uma nuvem empannou-lhe os olhos, depois a vista purpureou-se-lhe : *via* tudo em rubro, enxameado de moscas lucilantes, vermiculado de estrias, num irisamento que deslumbrava.

As centelhas aggregavam-se em brasido, esparziam-se em chuveiro ; foi depois um fogareu de onde subiam labaredas de bordos azulados. De improviso a treva. Foi-se-lhe apagando a conscien-

cia, immobilisou-se com o braço estendido amparando o filho que adormecera.

A porta abriu-se. Um sopro de ar puro invadiu o quarto. Balbina entrou devagarinho, como quem espreita.

— Dia tá hi. Sê qué qui fala cum sinhô ú cumu é ?

O lampião morrinhava fuliginoso e no silencio morno, como se um animal andasse por ali a roer, havia, de instante a instante, um chuchurreio: era o pequeno que sugava os pulsos.

A negra repetiu mais perto :

— Dia tá hi. Sê qué qui fala cum sinhô ? Sem resposta, ficou um instante indecisa — talvez fôsse melhor deixá-la dormindo. Mas caminhou até a cama : Eu vou vê Rosa modi m'ajudá. Sê qué qui fala ? Tocou-a de leve para despertá-la, balançou-a brandamente, chamando-a : Lucia . . . ! Então, com uma duvida sombria : Sê qué vê qu'ô mêmo . . . !

Inclinou-se-lhe no rosto, chamando-a mais alto :

— Lucia ! Oia . . . ! Considerou um momento e insistiu : Lucia !

Apalpou-lhe o rosto macilento, o collo farto e achou-a fria. Então, ligeira, embaraçando-se em

pannos que se lhe enrolavam nos pés, foi abrir a janella.

Uma luz baça clareou o interior : na cama, revolta e empastada de máculas, a mulata, immovel, a cabeça entalada entre travesseiros, d'olhos semi-cerrados, os dentes á flôr dos labios lividos, parecia de cera. O recém-nascido debatia-se ainda amparado pelo braço inerte.

A negra coçou a cabeça arrepeladamente, em atordoado desespero :

— Oia só esse pobre coitada ! De mão ao queixo esteve a contemplar piedosamente o cadaver. Por fim, meneando com a cabeça, traçou no ar o signal da cruz : Deus Noss'Sinhô te perdôe. O pequenito abria preguiçosamente os olhos franzindo o rosto. A negra olhou-o sem pena : Sê ficô ? Sê vai vê. Branco ansim mêmu sê vai vê vida. Não vê qui sinhô modi cô perdi iscravo. Sê vai vê.

Tomou o lampião, levou-o á cozinha, limpou-o e, tornando com elle acceso, pô-lo sobre a commoda.

Então fechou a janella e, sem mais olhar a cama, onde jazia a morta e o recém-nascido continuava a chupar os pulsos, traçou um panno á guisa de chale, fechou a casa e sahiu.

VII

Abandonando o caminho trilhado, Balbina enveredou por um atalho no matto intonso, tão atupido de ramas que só pela ondulação das hervas se lhe podiam seguir as voltas. Era um antigo carreiro tortuoso, rolando em escalões, com a irregularidade das terras alluviaes, até uma rechan coberta de pennugem parda, findando abruptamente em arriba sobre a estrada.

A negra, chegando á borda da escarpa, sentou-se e, agarrando-se aos arbustos, deixou-se escorregar de raspão, firmando os pés aqui, ali em tócos e em relevos, que destorroavam esboroando-se.

Topando na estrada sacudiu a saia, enrolou a trunfa e partiu ligeira, por vezes impellida em corridinhas nas rampas mais derribadas. O sol, ainda brando, annuviava de ouro as cópas humidas, as

folhas tremulas brilhavam e os brejaes distantes, cobertos de lirios, eram como rastros de névoa entre o verde tenro dos capins flexuosos.

Raso, transparente arroio fluia silencioso sobre seixos claros. A negra atravessou-o arripiando a linha da corrente e ganhou um alto acogulado de cupins.

Parou no meio do sapê alongando o olhar preocupado — lá ia a negrada, caminho da roça. A instantes, fulcite, lampejava um ferro e a chusma colleava, sumia entre as arvores, apparecia adiante, lenta, ora em fila, ora em grupos, dispersando-se no cafesal.

Um carro descia chiando e nos terreiros andavam negros amontoando café que outros rodavam, espalhavam em estendal, á sécca.

Passaros esvoaçavam aos chilros numa alegria brincalhona, perseguindo-se ás voltas, mergulhando nas frondes. Por vezes um cão ladrava, um mugido prolongava-se em echos pelas quebradas.

Balbina pôz-se a caminho dobrando o cómorro pelo lançante suave todo espalhado de ramas de mandiôca. A terra frouxa guardava-lhe as palmilhas, por vezes era um formigueiro balofo onde se lhe afundavam os pés, como em lôdo.

E a casa grande surgiu além, na eminencia, com a sua ampla varanda onde havia gente, o jardim em retalhos verdes debruados pelos caminhos al-

vos, os densos caramancheis, o bambual nemoroso, espelhos d'agua e alta, solemne, a linha das casuarinas esfarrapadas franjando o azul de plumas balouçantes.

Só então a negra como que teve consciencia da gravidade da sua missão. Parou hesitante, pensando :

« Esse é hora di sinhô ta lá . . . » Fitou no além o olhar de ave. « Cumu é ? Zêri tá lá . . . fio tá lá . . . Antonce ? » E, cruzando estabanadamente os braços, empinando a cabeça em gesto altivo de interrogação : « Qui vai fazê ? » Demorou na attitude como á espera duma resposta. « Uai ! » deu d'hombros e proseguiu em passo moderado para estacar adiante, d'olhos baixos, pensando : O senhor ia interrogá-la. Já o via sobrececho, attribuindo-lhe a morte da mulata, ameaçando-a com o bacalhau e o tronco, mandando agarrá-la. E falou alvoroçada de medo : « Qui vai fazê, sinhô ? Zêri teve criança, criança tá hi, vivo. Gente fez tudo módi sangui pará, sangui tá hi. Cumu é ? Genti móri ni mão di dotô quanto mái . . . Tava lá sósinhô, mái zêri. Dô vem di repente. Cumo é ? Muié di nhô Bentu, antonce ? dotô não tava lá ? i elle não morê ? Qui vai fazê ? Sinhô podi mandá castigá, genti não podi mái di qui Deus. Genti fez tudo, morte chegô. Qui vai fazê ? » Bateu as mãos uma á outra, como a sacudir de si a responsabili-

dade, e retomou o andar, alheada de tudo, dentro do pensamento sombrio, naquella preocupação do desastre, resmungando, gesticulando como se ensaiasse a propria defesa.

Uma negra engelhadinha, corcovada, a cabeça toda em frocos brancos, o rosto murcho, escaveirado, subia a custo a ladeira abordoada a um pau. Gruzando com Balbina levantou a cabeça, encanou-a franzindo os olhos e, reconhecendo-a, sorriu encarquilhada :

— É ocê, tia ? Donde vai ?

— Vê sinhô. Sê tá boa ?

— Ansim. I lá im cima ? e, cruzando as mãos sobre o cajado, firmou-se disposta á trella ; mas Balbina passou sem resposta, fechando a cara e, adiante, estalou um muchôcho enfezado : Ah !

A fazenda rumorejava agitada na faina rude : era um reboiço nos terreiros — gente a ir e vir, moleques á solta barafustando aos tropelões, borborinho de vozes, ruido de engenhos. Pelas trilhas do campo lentos bois caminhavam livres demandando as pastagens e no ar luzidio os passaros multiplicavam-se surdindo de todos os pontos como em profusa soltada.

Passando pelo moinho, apesar do estrondoso escachôo d'agua, Balbina ouviu uma cantoria alegre. Era Marianno, um que não podia vê-la que não a provocasse, troçando, só pelo prazer de as-

sanhá-la. Como se o canto do rapaz a offendesse, injuriou-o :

— Canta, sanhado ! Sê tanto ha di cantá qu'inda acaba reventado n'istrada, qui nem cigarra. Boca di cumúia . . . !

Um bando de gansos appareceu-lhe á frente, lentos, orgulhosos, o pescoço esticado, olhando como vedetas. Ajuntaram-se amotinados e, empinando-se, romperam em grasnada. Ella passou indifferente. Alguem chamou-a de longe, houve um farfalho de folhas, logo respondido :

--- Joga ! joga pedra, cachorro. Sê ha d'achá.

Não se voltou, dura no andar, aos resmungos, acenando gestos vagos, com a obsessão da scena lugubre que deixára em casa. Á beira do vallo, defronte das casuarinas, procurou um passo mais facil. Desceu a barranca, galgou adiante e, apoiando-se ás coxas, vagarosa, vergada, suando em bicas, chegou ao jardim. Andava uma mucama com uma cesta colhendo flôres.

-- Ondi tá sinhô, Filomena ?

-- Estava lá em cima, nos bambús. Como vai Lucia, tia Balbina ?

Deu d'hombros e continuou na direcção indicada.

Num banco, sob um toldo de trepadeiras floridas, D. Clara, com as mãos cruzadas no ventre enorme e flacido, morrinhava achaparrada. A ne-

gra passou sem vê-la, com o olhar nos bambús cerrados.

Entrou na alameda sombria e logo avistou o senhor fiscalizando a limpeza do solo acamado de folhas seccas e de tubos palhiços que estalejavam. Dois negros passavam o encinlo ajuntando as versas em cumulos. Aproximando-se do senhor, que lhe dava as costas, estendeu a mão :

— Benção . . .

Gandra voltou-se e, vendo-a, fez um gesto indifferente e rapido como se a despedisse. Ella não se moveu e, para chamar-lhe a attenção, tossiu.

— Que é ? Que queres aqui ?

— Qué falá cum sinhô.

— Commigo ? Pois fala. Que é ? e encarou-a aborrecido.

Ella chegou-se mysteriosa, coçando o peito, e repetiu :

— Qué falá cum sinhô só.

Gandra ficou surprehendido da confidencia e, depois de breve hesitação :

— Commigo só ! E eu não estou só ? Fala. Que é ?

Os negros raspavam a folhagem, de quando em quando, porém, um delles levantava a cabeça e relanceava um olhar curioso. A negra sussurrou matreira :

— Zêri tá oiando.

Gandra intimou-a irritado :

— Homem, fala! Que é? Anda, tenho que fazer.

Balbina, como em alcovitice, curvando-se, muito chegada ao fazendeiro, cochichou :

— Lucia teve criança, sinhô.

— E então ?

— Sinhô precisa i lá. Zêri morê.

Gandra teve um sobresalto :

— Como ! Morreu ? !

— Modi choque. Sangui não parô mái. E, baixinho, em voz cava : Sinhô vai lá vê criança. Criança é branco, é fio di nhô Julinho, zêri disse.

— Hein ! Filho de Julio ? Piscando os olhos atarantado, entre espanto e furor, o fazendeiro avançou um passo para a negra : Que historia . . . ?

— Sinhô vai vê.

Gandra franziu o rosto num rictus frenetico, repuxou a barba atufando-a na bôca; um momento remordeu-a, mascou-a. De repente, em voz surda :

— E quem está lá ?

— Tem ninguem. Casa tá fechado. Zêri só : mãi i fio. Remexeu na cinta, tirou uma chave. Eu vim modi sinhô vê qui faz. Macambira chega ahi. Cumu é ?

Gandra balançava a cabeça; mediu lentos passos engalfinhando os dedos na barba. De improviso, numa resolução, bradou :

-- Chico !

Num prompto, pondo-se a prumo, um dos negros respondeu :

— Nhô !

-- Vai lá embaixo, correndo, manda ensilhar o *Pampa* e trá-lo aqui. Depressa ! O negro encostou o encinho e abalou como um gamo. Dá cá a chave. Vai-te embora. A negra deu volta. Olha — e ameaçando-a com o indicador : Nem palavra, estás ouvindo ? Se me constar que andas por ahí a bater bôca é tronco ; estás ouvindo ? A negra mantinha-se cabisbaixa, em silencio humilde. Vai-te embora !

— Benção...

Foi-se. Deixando o bambual, respirou desafogadamente e, vendo o rego por onde a agua descia limpida, traquinando nas pedras, agachou-se, pôz-se de bruços e, inclinando a cabeça, bebeu aos sorvos. Dezceu agil, atravessou o vallo evitando os caminhos frequentados e, ganhando a ardua subida, ia por ella, lenta, cansadamente quando ouviu estropeada. Voltou-se : lá ia o senhor no *Pampa*. Ella cortou a estrada, embrenhou-se no matto afuroando atalhos nas maccas asperas.

Quando a negra chegou ao alto, Gandra, que prendera o animal á cêrca, caminhava vagaro-

samente no terreiro, cabisbaixo, as mãos para as costas. Aos latidos do cão voltou-se carrancudo. Balbina, escorrendo em suor, parára á distancia, perto da acacia, coçando lentamente a testa que reluzia. O silencio era como um muro entre os dois e foi ella que o vingou, perguntando timidamente, com ar de espanto :

-- Sinhô viu ?

O fazendeiro mascava nervoso e, d'impeto, arremessando um gesto de colera, bramiu :

-- Bandalheiras ! São todas as mesmas. Por essa eu poria a mão no fogo... e está ali.

A negra atreveu-se :

-- Êh ! sinhô . . . nhô Julinho forçô elle.

-- Qual forçou, nem meio forçou. Assanhamentos. E, estendendo o braço na direcção da casa, num gesto duro e cruel: E essa criança é levá-la, tirá-la d'aqui. Morreu, morreu, está acabado. Macambira não tem que saber. Sem levantar os olhos a negra meneava com a cabeça, caramunhando esgares. Um rapaz direito . . . Mas não, é o diabo do pagode, a calaçaria.

Foi até a beira do barranco e parou com o olhar ao longe, pensando.

-- Sinhô qué botá criança fóra ?

Elle voltou-se, encarou a negra ferrenho :

-- Sei lá ! O que não quero é que Macambira saiba disto. Estou farto de porcarias ! Pouca ver-

gonha! Então, revoltado contra o filho, murmurou: É demais! Um dia encontra... E atirando uma patada á terra: Nem cães! Balbina continuava immovel. Vai arranjar aquillo que está um nojo. Veste-a. Enterra-se hoje mesmo. Uma idéa sinistra roçou-lhe o espirito: levantou a cabeça de golpe, o olhar alto, mas deu d'hombros: Emfim... e, continuando o pensamento, que a piedade attenuara, disse á negra: É tirá-lo daqui, não o quero vêr.

A negra enleada, na indecisão do que faria, raspava mollemente o braço arremangado. Levantou um olhar repassado em ternura, chegou a mexer com os beiços num aceno de fala, mas mudamente, curvada, caminhou para a casa, entrou vagarosa desaparecendo na penumbra onde o silencio era de morte.

As sombras começavam a sahir das arvores. O terreiro, onde rastejavam folhas, estava todo em sol. Uma aragem lenta, a sopros regulares, balançava levemente os ramos. E, em cima, o azul nítido, fino, sem mancha de nuvem, tinha a lustrosa transparencia d'agua.

Gandra recomeçou o passeio indo e vindo entre a acacia e a barranca penseroso, remoendo uma colera surda, com o olhar ora apagado, ora afuzilando áscuas. Fechava rijamente os punhos, atirava murros, comia furiosamente a barba atochada

aos molhos na bôca, e, num assomo mais vivo, berrou para o espaço uma exclamação obscena.

Logo, como se aquelle arranque o desafogasse, rebuscou nos bolsos, tirou um charuto, trincou-o e, accendendo-o, caminhou para onde o *Pampa* a largos, apressados passos como na ansia de uma resolução.

Desprendeu o animal que, resentido do sol e acochado das moscas, batia nervosamente as patas, tascava o freio ; montou-o e, guiando para a casa, berrou á porta pela negra. Balbina appareceu logo, açodada :

— Eu vou vêr isso. Tu não me sabes daqui . . . E a porta fechada, estás ouvindo ? Eu virei com os negros. E venha quem vier, seja quem fôr, não entra. Veste o corpo, arranja tudo e, logo á tardinha, faz-se o enterro. Quanto ao pequeno . . . voltou-se na sella coçando nervosamente o pescoço, um momento concentrou-se, irritado ; por fim, como para repellir o pensamento cruel que o rondava, disse adiando : Mais tarde. Temos tempo. Vê-se depois. É escondê-lo por emquanto . . . Mas olha lá, tu . . . !

— Uai, sinhô !

— Bom. É isso.

Tocou o animal. Ainda junto dos espinheiros conteve-o, ficou a considerar meneando a cabeça. Por fim estugou-o,

Balbina, á porta, ouviu o tropel, o frolar dos ramos durante algum tempo.

O arvoredado brilhava, o calor subia na fulguração do sol. Como se a terra se fôsse inflammando em centelhas, granitos micantes alumiam. Rumes vagos, confusos, rolavam na viração.

A negra persignou-se com a mão aberta e falou para a profundeza :

— Sê modi quê não faz ? uai ! Sê não é dono ? modi quê não faz ? Modi quê ? Nego é qu'ha di matá modi cahi n'inferno ? Mata ocê mêmo, zêri tá hi. Mata ocê mêmo — e fez um gesto largo como para convidar alguém a entrar. Mata ocê. Sê n'é bôbo ! Só tá hi alumiamdo, Noss'Sinhô tá nu só, oiando tudu. Furmiga é tistimunha, i furmiga tá hi junto ni corêção. Sê qué matá, máta. Criança tem curpa ? matá modi quê ? máta ocê.

Sentou-se muito encolhida, com os cotovellos nos joelhos, o rosto engravado nas mãos e quedou sorumbatica.

Terra d'África ! Palmares. A areia mole, acendrada, ondula em rugas, avulta em dunas. A cacimba esgagala-se á sombra duma arvore de tronco immenso e larga, escura, espalhada folhagem — cercam-na em circulo os colmados conicos, como formigueiros enormes.

Bufalos e camelos repousam deitados, ruminando em modorra. Guerreiros, com plumas na

grenha, exercitam-se aos pinchos desengonçados, crianças arrastam palmas, guindam-se aos coqueiros, rolam na terra, formigam em bolo á volta duma gamella ; mulheres, á beira da cacimba, preguiçam inertes. Aves gralham. Uma cegonha passa esticada no ar rutilo em vôo esfuziante. Ardem fogueiras sem chamma em turbilhões de fumo. O sol vibra, escalda.

A choça de Munza, mais alta, mais ampla, tem uma lança fincada á entrada.

Ah ! tempo . . . Um suspiro levantou-lhe o peito. Pôz-se a resmungar um canto triste. Os olhos viam muito longe, no passado. Êh ! Macambira . . . Fôsse lá !! Quem ousaria affrontá-lo daquelle modo ? Quem ! ?

E passou-lhe pela visão o grande feito de Munza : a destruição de um kraal a ferro e fogo e a morte do chefe inimigo, um sóba agigantado e feroçissimo, cuja voz atroava mais forte do que as buzinas de corno e no reboiço da peleja vencia o fragor das armas e o barbariso dos combatentes. Via-o cair ás mãos de Munza, via-o amarrado ao tronco de um coqueiro e, em torno, em tripudio, a gente negra brandindo os fimbos, fazendo estrondar os escudos ás pranchadas das azagaias. Via-o sangrar talhado pelo ferro real, ouvia-o bramir á injuria dum escarro, golfar sangue do flanco a um pontaço de lança, por fim desaparecer no tumulto acirrado,

e, um momento, fimbos, zargunchas, azagaias ou-riçando-se alanharem-no, alancearem-no, atassalha-rem-no e a dança cada vez mais confusa e frenética ao estridor barbaro da grita cannibalesca. Êh !

Um grito cainhado, esganido, tirou-a do extase :

— Uhm ! Uhm !

Voltou-se attenta ao choro do recém-nascido :

— Sê tá divinhando ? divinha. É branco mêmo qui manda. Sê não quiz sê branco ? guenta. Não é nêgo qui qué dá sumiço a ocê, é branco mêmo, sangui d'ocê. Grita, bota bôca nu mundu. Pai d'ocê é dono di tudu ; grita, chama zêri mod'elle vim tomá conta d'ocê. Sê não tá hi ? grita.

Mas teve pena : tão pequenino, innocente, sem mãe.

— É, sês faz as côsa, nêgo é qui paga. Levantou-se, parou um momento á porta do quarto — a criança gritava estranguladamente como se a esganassem. Grita . . . Sê é bom !

E, tirando da prateleira uma chicara, foi á cozinha temperar agua com assucar.

Nuvens brancas, ralas como espuma em agua de lavadouro, fluctuavam espalhadamente toldando o céu, intercadencias de claridade e sombra annunciavam mudança de tempo. O mormaço era

suffocante. O ar, parado e denso, abafava como as fumaradas de Agosto. Quando o sol apparecia, amarello e fusco, accendia-se um calor de febre.

Insectos rechinavam nos mattos seccos e um cheiro morno, acre, de macega tostada, picava. Cigarras chiavam como em fritura e, a espaços, frouxo, abhorrido, um sopro de aragem levantava o calor.

Balbina, que amortalhara Lucia num lençol, tornando-a esguia como uma mumia, deixando o pequeno no quarto do fundo, remanchava relamboria quando ouviu tropel no terreiro e logo a voz do senhor chamando-a. Abriu a porta. Manuel Gandra, no *Pampa*, vermelho e suado da estafa ao sol, disse sem apear :

— Trouxe a gente mais cedo. Vai chover á tarde e não vale a pena esperar. Onde está o pequeno ? A negra fez um gesto, ia responder, mas elle continuou : — Eu vou até a Barra, acompanho ao cemiterio. Á noite, se não chover, podes levar o pequeno. Não o deixes por aqui perto.

A negra murmurou baixinho :

— Sim, sinhô . . .

— Olha, lembrou Gandra, o melhor é levá-lo para a Barra, deixá-lo na porta da igreja. A negra affirmou de cabeça, sem levantar os olhos. E amanhã lavas a casa, pões tudo em ordem e está acabado. Velu aqui alguem ?

— Não, sinhô.

— Bom. É isso . . .

Falava como atordoado. Com um largo lenço vermelho limpou o rosto afogueado e, atafulhando-o nas mangas, enxugou os pulsos. Então apeou e, levando o cavallo para a sombra, laçou as redeas num galho. Instantes depois dois reforçados negros appareceram com uma rêde.

Gandra precedeu-os na casa, entrou no quarto, abriu largamente as janellas. Os negros estenderam a rêde no chão e, em pontas de pés, com supersticioso respeito, chegaram á cama e, um ao tronco outro aos pés, levantaram o corpo, que amollecia, depuzeram-no na rêde, cruzaram as varandas, e, enfiando o pau, ergueram-no, tomaram-no aos hombros, sabindo vagarosos, com os chapéus enrolados, mettidos na cinta. Gandra montou.

— Vamos pelo caminho da estiva.

E guiou para a ladeira. Os negros seguiram-no em passo acertado. Balbina acompanhou-os de longe até o pomar. Gandra rompia a marcha curvando-se na sella para passar sob os ramos, e a negra, parando entre as laranjeiras, abençoou a morta :

— Deus te dê o céu !

As cigarras romperam em chirriada alegre, o sol abriu-se vívido, um momento fulgurou intenso, mas a luz foi abrandando, amortecendo, sombras rapi-

das varreram a terra e escureceu lugubrememente como se anoitecesse.

A negra, enclavinhando as mãos e balançando a cabeça, ficou d'olhos baixos pensando no desalace daquelle amor, tão suave e tão curto, que ella vira nascer, crescer no coração de Macambira como expluc, vinga e florece uma planta num vão de rocha onde os ventos depositaram um pouco de terra fertil. E a desgraça levára tudo ! Elle, sem saber nada, longe, apressando a volta . . . ella, coitada ! lá ia. E lembrou-lhe Julinho :

— Esse mêmo não acaba bem. Quá ! E subia a passos vagarosos, parando por vezes. As abelhas enxameavam zumbindo na florecencia aromal das laranjeiras. Esse mêmo não acaba bem.

Um lagarto fugiu farfalhando nas folhas. A negra ficou a olhar o ponto onde o animal desapparecera, arisco.

— Antonce Deus não tá lá im cima ? Nhô Julinho tem birra di Macambira, modi que ? prgunta. Macambira é dirêto, não vai co'elle. Estacou aprumada : Zêri é branco, fio di branco . . . e, com orgulho, enchendo a voz : Macambira é fio di Munza ! Fazenda tá hi ; reino tá lá. Modi cô ? ! Cô qui é ? Antonce só modi cô zêri podi fazê tudu ? Uhm ! Terra tá hi, osso tá hi : tudu é u mêmo.

Chegou á porta da casa e lembrou-se do recém-nascido que lá estava sósinho, numa esteira, dor-

minho talvez, talvez esperto, olhando na sombra. Respirou largamente e, recordando a recommendação do senhor, levantou os olhos para o céu onde pesadas nuvens carregadas d'agua rolavam escuras na direcção dos montes azulados.

— Esse mêmo não vai hoje. Chuva tá hi.

E, numa piedade enternecida, apertou-se-lhe o coração á idéa do abandono da criança á porta da igreja, na praça deserta por onde, á noite, andavam animaes soltos farejando, fossando famintos. Os porcos...! E estremeceu num arripio de horror benzendo-se com o signal da cruz.

VIII

O vento morno, pesado, lufando a lentas bafagens, espalhava um cheiro adusto de terras ressequidas. Tumidas nuvens plumbeas sotopunham-se; a espaços fuzis estriavam-nas. Rolos de pó, remoinhando em espiras terebrantes, corriam á flôr do solo revoluteando folhas seccas, até esgarçarem-se em polvorada, ao vento.

Os ruidos vibravam claros, repercutindo como em caverna. Relampejava em fremitos. Escurecia rapido. Chegavam pombos em fuga; andorinhas volteavam atordoadas; soavam pios timidos nos ramos.

Longinquos, com reboante fragor, tronavam trovões soturnos. E o calor subia da terra secca como em borralho.

Balbina chegou á porta, considerou o céu es-

curo e baixo, que parecia rolar nã fumarada espessa dos nimbos e, ao relumbrar dum relampago, per-signou-se.

Ao longe revolviam-se turbilhões de poeira abru-mando a paizagem. Gente corria nas veredas do campo; bois amotinados galopavam aos magotes, à cauda alçada; bezerros trasmalhavam aos galões, escornando a esmo e tornavam á manada, aos pin-chos.

E todo o arvoredó estortegava-se, debatia-se desgrenhado, em angustia, como se lutasse deses-peradamente para arrancar-se da terra e fugir ante a catastrophe imminente.

Afigurava-se um cataclysmo a pino. Detona-ções explodiam no pávido silencio. Uivos cresciam, passavam no esfusio do vento, perdiam-se ao longe como no desapoderado investir de matilhas hydro-phobas. Nevoeiros ralos rompiam-se nos ramos.

A negra olhava pensando em Lucia. Fechou as janellas — a casa ficou em noite escura e o cheiro da morta reappareceu acido, enjoativo, impregnan-do o ambiente. Moscas esvoaçavam assanhadas como em carniça.

A negra imaginava a caminhada longa com a criança, á noite, por aquelle tempo rispido.

— Cumu vai sê?!

Eram barrocaes, bibócas pedrentas, mattos en-redados, depois a varzea rasa e núa, com os cupins

a prumo, como vultos tocaiados na sombra, servindo de poleiro ao sacy nas noites aziagas.

— Cumu é? Vai sahi ansim?

Cresceu a afflicção das arvores: os bambuaes vergavam-se em mesuras e o estrondo ribombava á fulguração sulphurea dos relampagos. Mas um estampido secco estalou rispido, violenta rajada arripou a paizagem e a chuva aspera, grossa, chegou estrepitosa, tão densa que fechou a vista a tudo, como um muro de aço. Acre e morno subiu da terra um bafio de barro virgem.

E a chuva jorrou torrencial. Os relampagos succediam-se em deflagrações phosphoreas, e, como num despenhar de fragas, aos esbarros, raios estrepitavam.

Balbina accendeu o lampião da sala e, alumian-do-se com a candeia, dirigiu-se ao quarto onde deixara o recém-nascido. Encontrou-o dormindo.

A alma aspera da negra enterneceu-se diante da criança:

— Tão pequenina, um dia só e sem mãe...!

Longe della tinha assomos de revolta, rebentinas de odio, ameaçando abandoná-la:

— Sê vai vê!

Contemplando-a, porém, na innocenciâ do somno ou d'olhos abertos remexendo-se nos trapos, o coração fundia-se-lhe em ternura. Ia logo buscar a chicara d'agua com assucar e abeberava-a ás colhe-

rinhas, pacientemente, commentando-lhe a gula, quando ouvia os estalidos dos labios avidos, sorvendo.

— Sê é 'sganado mêmo... uhm! Sê pensa qu'eu tá qui mod'inchê bariga d'ocê? Poi sim...

E a criança chuchurreava sofrega.

Sentada no chão, junto da esteira onde jazia o infante, a negra imaginava tristonha :

Caminho da Barra. Lá ia, com elle ao collo. Já avistava a igreja. Justamente chegava ao adro quando o quarto alumiou-se subito como em explosão e toda a casa tremeu a um estrondo. O pequeno sobresaltou-se.

Supersticiosa, a negra immediatamente ligou o pensamento ao phenomeno concluindo — que era Deus que protegia a criança com a tempestade, talvez por intercessão da finada, espalhando raios e inundando os caminhos para que ella não pudesse sahir. Então, arripiada de medo ante a ameaça divina, como para ser ouvida no céu, falou alto á criança que despertara.

--É, ocê tá oiando. Quem mandô foi sinhô mêmo. Nêgo faz qui sinhô manda. Sê fica aqui. I dipoi? cumu é? Quem vai criá ocê? preta véia? nai! porco tá lá. I Macambira? Macambira vem ahi. Sê tá nu bem bom, preta véia é qui vai vê.

Mas a resolução estava assentada: á tempes-

tade era ordem do céu e o seu coração obedecia contente.

Accendeu o cachimbo e, encolhendo as pernas, com o queixo fincado nos joelhos, o olhar parado, pôz-se a pitar, mazomba.

Que fazer ? E se fugisse com elle ? Havia tantos mocambos por aquelles cafundós da serra . . . Melchior lá estava, Barnabé, Felicio, Chico Bexiga, Tito . . . Este até tinha casa, roça, criação e gente armada para defendê-lo. Era um rei pequeno lá em cima. Uma vez por outra apparecia na Barra, á noite, para fazer sortimento no armazem. E seu Narciso . . . nem como coisa ! Não vê !

Tito, além de cutúba, era *fechado*. Quando deram em cima delle, a tiro, no Rodeio, foi o mesmo que nada. Tres turunas da escolta ficaram estendidos e elle ganhou o matto, muito fresco, com os seus macambas. Podia ir para lá, mas Tito tinha tanta gana aos brancos que era capaz de fazer alguma ao innocente. Meneou com a cabeça. Não lhe occorria uma idéa.

A chuva escachoava nas telhas e o vento esfu-siava, lugubre. O pequeno pôz-se a choramigar. Preparou-lhe a beberagem e, ministrando-a com sollicitude maternal, pensava no que seria dali por diante. Como havia de criá-lo ? Leite não faltava: era só ir ao pasto onde as vaccas andavam soltas ou então lá em baixo, na pedreira, cercar uma

cabra e ordenhá-la. Mas se vissem! ? Teve um frenesi, arrepelando-se ; desenrolou a trunfa, refofinhou a carapinha. Emfim . . . Nosso Senhor estava lá em cima. E, escutando as bâtegas da chuva, tranquillizou-se, certa de que, no momento do perigo, a Providencia seria por ella.

Amanheceu chovendo. Choveu todo o dia, miudinho, até a tarde. Á noite estiou com estrellas. Ella receiava a chegada de Macambira. O negro podia apparecer de repente . . . e então ? ! Resolveu transferir-se de madrugada para o seu rancho, com o pequeno.

Deitou-se junto da esteira. Lá para as tantas acordou. Que horas seriam ? O relógio parára á falta de corda. Abriu a porta : fazia frio, mas o céu era um crivo de estrellas. Devia andar por meia noite.

A espaços o cão gemia uivos, os sapos barulhavam em grasnada. Correu a casa examinando portas e janellas e, apanhando a criança, atabafou-a, apagou o lampião e a candeia, fechou a porta por fóra e foi-se.

Descia devagar na treva murmura das frondes, sondando o caminho resvaloso. Por vezes atolava-se em poças, escorregava em lameiros. Os mattos apegavam-se-lhe ás roupas, os galhos batiam-lhe no rosto, ainda gotejantes. Havia sussurros mysteriosos. Em baixo, o correjo, muito cheio, rolava rumorejando. A negra procurou passagem. A pin-

guela mergulhara e as alpondras desapareciam alagadas. Sapos, gias enormes saltavam chapinhando, e a agua fusca por vezes tremeluzia como ao alumiar dum phosphoro.

A negra metteu-se afoita pelo capinzal, chafurdou estarrecendo á friagem, com agua até ás côxas, mas seguiu e, alcançando a margem opposta, toda em lama, metteu pelo vassoural direita ao carreiro que levava ao rancho, num socavão de pedras lulentas.

Na tristeza do sitio aspero, escalavrado das enxurradas do morro, onde explodia uma vegetação agreste, aos tufos hispídos e emmaranhados, ora em borbotões de ramas, ora hirta e dura, em feixes espatulados, ermava o rancho. Era um mundeu bambeando aos rangidos nos esteios pôdres, mal escorados, descalhindo sobre as bananeiras que se apinhavam em touceiral, ao fundo, num terreno escuro, sempre atascado em lameiro do transbordo perenne duma mina que brotava entre pedras.

Os muros, em parte destorroados do reboco, eram um xadrez de ripas tismadas como tições por entre as quaes o sol luzia e o vento zargunchava. O sapê, esfiapado, esvoaçava em falripas franjando o beiral do tecto e, por entre a palha cinzenta, pelas taliscas das paredes o fumo esgarçava-se como sa-

hindo duma fogueira morta. Em volta era matto bravo, com pitangueiras e limoeiros cobertos de herva de passarinho.

Joás espinhentos, cocurutos verdes de melão de S. Caetano, pitceiras espalmas e o folhedeo escuro e largo dos inhames davam á lugubre covãca um aspecto hirsuto de abandonada miseria.

O massambará crescia por ali fóra ondulando; um aboboral alastrava viçoso, cobria lombas de rochas, subia tufado pelos muros da choça espalhando-se em cima, como em latada. Uma telha, entalada em pedrouço, jorrava agua limpida numa tina que transbordava em atascal; ao lado a moenda e o gallinheiro, cercado de bambús, com um jacá suspenso dum cepo para os pintos.

No interior a penuria era sordida. Chão de pocilga, esburacado; molambos sujos trapejando em cordas, teias d'aranhas em colgaduras. Um girau baixo forrado de palha de milho, com um estalachado cobertor azul; um pote d'agua bojudo, manchado como de lepra, prateleiras amarradas ás ripas, um caixote servindo de mesa atulhado de bugigangas: cuités, latas, combucas, vidros.

Minhocas colubreavam pelos cantos na terra fôfa, baratas fervilhavam e correcções de formigas filetavam o solo em traços iterativos.

Á noite, á luz baça da candeia ou ao livor dos tições do borrarho, eram correrias e chiar de ratos.

estridulos de grillos, zoar de bezouros ; sapos pulavam ou, esparrimando-se, d'olhos esbogalhados, acompanhavam as vira-voltas da negra macambusia que, umas vezes, evitava pisá-los, desviando-se, outras vezes, rezinguenta, repellia-os a ponta-pés :
 — Sahe, diabo !

Quem passasse, á noite, pelo labrusco, ouviria a voz da solitaria : conversas longas, discussões, risos, ameaças. Era ella a falar com o lume das achas, com a fumaça borrarheira, com as sevandijas fimi-culas que verminavam na sombra, com o vento, com os discos de luar, com os rumores vagos do arvoredo.

Mugidos longinquos provocavam-lhe commentarios :

— Sê tá chamando muié ? Esse é hora ? Dia não chega ? Vai drumi, seu bandáio ! Ou então : Uai ! quem sabi s'ocê é mió qu'a genti ? Fio di genti mêmo ? passa noite sósinho, bizerro não podi passá . . . Dêxa di luxo ! Qu'ê qu'ocê tá berrando ? ocê tamen não é escrava ? guenta. Mundu é assim. Noss'Sinhô deu lête ocê mod'ocê criá fio, branco bebe. I nós ? uai ! nós é genti i lête di nêgo onde é qui vai ? prugunta ! I nêgo berra ? chora calado i vai criandu sinhô . . .

Outras vezes cantava sapateando, rebolando o corpo esqualido em saracoteios peneirados.

Taes colloquios mysteriosos, surpreendidos por

alguem, criaram á negra a fama sinistra de feiticeira. Da narrativa sarapantada do primeiro informante sahiu e desenvolveu-se a lenda que a tornou temida e o seu antro, já desviado das trilhas frequentadas, isolou-se ainda mais no terror que inspirava.

E o que se dizia na roça e nas senzalas era de estarrecer.

Negros referiam encontros assombrados com aventesmas e animaes disformes : mulas sem cabeça, caititús monstruosos, de cerdas faiscentes, que passavam a galope taramelando os colmilhos, montados por anões negros, que eram sacys ; esqueletos arrastando sudarios, sapos, corujas, morcegos.

Outros juravam ter ouvido gritos lancinantes, guaiados angustiosos á beira do açude vendo surgir das aguas vultos de neblina que se retorciam no ar gemendo nomes de afogados.

Marcianno campeiro, crioulo afoito, entrando com a boiada uma tarde, deu por falta do touro inglês. Fechou o curral e tocou-se matto dentro, á procura do bicho.

Foi anoitecendo. Era um poder de vagalumes que illuminava os ramos. Entra aqui, sahe ali, sobo morro, desce morro, nada ! O bicho era mocambeiro e, ganhando o cerrado, nem Santo Antonio o descobria.

No capoeirão era escuro que nem breu e pare-

cia que havia gente chamando: « Psio ! Psio ! »
Nossa Senhora d'Ajuda !

Sahiu no limpo. O céu estava todo estrellado,
uma lua grande boiava lá em cima.

De repente tudo escureceu, começou a roncarr
trovoada, cada relampago que cegava, raio cahia
que nem chuva. Nossa Senhora ! Olhou. O coração
ia ficando pequenino, tremia das pernas a ponto
de cambalear.

Que seria aquillo ? ! Lá longe, o céu cheio de
estrellas, a lua clara e ali aquelle inferno de trovoa-
da e raios.

Foi, então, que reconheceu o lugar : estava na
grotta, pertinho do rancho de Balbina, perdido !
Virgem dos Afflictos ! Quiz fazer uma oração, não
poude. O braço duro não se dobrava para o signal
da cruz. Estava perdido duma vez !

De repente um estrondo por ali fóra como numa
derrubada, e as arvores arrancaram-se da terra,
crescendo, sacudindo-se e sahiram aos pulos, pe-
dras saltavam batendo umas nas outras, fogo ra-
beando nos mattos, a agua dos atoleiros fervendo
aos borbotões, que nem calda em tacha ; e cada
bicho ! . . . Almas com as mortalias soltas, suin-
darias guinchando, gias barrigudas em pé, que nem
gente, cada umá do tamanho duma criança, tudo
dançando, e a trovoada batucando que nem ca-
xambú e coriscos fuzilando.

De supetão, com um tiro, a porta do rancho abriu-se, bufando uma lufada de fogo e Balbina appareceu, núa, com uma cobra enrolada na cintura, dois ossos de defunto nas mãos, um cururú pendurado em cada maminha, os dentes grandes alumando, os olhos lançando chispas, e atirou-se aos gritos, no meio da sarabanda.

O medo deu com elle em terra, desacordado.

Despertou de madrugada, com o canto do gallo. Deus Nosso Senhor não o deixasse sahir de onde estava se mentia. Achou-se no meio do pasto, perto dum cupim, e o touro inglês junto delle, deitado, ruminando. A lua dobrava a serra, lá em baixo. Nossa Senhora dos Afflictos! que noite! Á negra pouco se lhe dava o que diziam. Não bolissem com ella, o mais . . . falar? cada um diz o que quer.

A chuva alagara o terreno concavo da grotta. As veredas eram caneiros agglutinantes onde a herva atascava-se acamada, esponjando lama ao piso. Um grosso, pastoso tijuco amollecia o terreiro.

A noite parecia mais negra e lugubre naquelle recanto. Piques de lume espetavam a sombra entre as densas folhagens. Continuo estrillar de grillos, roncarejo monotono de sapos faziam estranho estridor no silencio.

Por vezes o vento arrufava os ramos; estalido

crebros trepidavam, corriam murmurios a quando e quando: o matto como que se arripiava com um sussurro tremulo. A negra seguia devagarinho, sondando o terreno, receiosa de atolar-se. Aqui, ali no lameiro estriavam-se fisgas de claridade ou era um brilho de estrella tremeluzindo na lisura espellhada do atascal.

Junto do rancho era tão profundo o lamarão que a negra, sentindo afundar-se, recuou, deu volta por cima das pedras, agarrando-se ás pitceiras.

A agua do bicame acachoaava em enxurrada. Bananeiras cahidas formavam tapumes altos.

A choça soffrera com os embates do vento que levara a porta dentro.

Balbina passou d'esguelha e, no interior, sentiu o solo espapaçado, chapinhou em pôças, escorregando esparridamente em pastas viscidas. Foi, pelo tino, ao girau, apalpou-o: estava encharcado. Os pannos que pendiam das cordas roçavam-lhe humidamente pelo rosto; os muros tressuavam. Hesitou.

— Esse moiado ansim . . .

Envolveu a criança, deitou-a no girau, riscou um phosphoro e accendeu a candeia.

Uma luz triste desnudou a miseria do pouso assolado: o chão lurido reluzia e um frio, mais aspero do que lá fóra, regelava ali dentro.

— Esse não tá bom, não. Criança ansim não vai lá . . .

Relanceou o olhar em volta com esgares aborrecidos de nojo. Ajuntou gravetos, um pouco de palha secca e fez fogo. As paredes vermelhejaram, a fumaça espalhou-se rasteira, ondulou mais cheia, subiu em rolo esgarçando-se ao alto.

A criança choramigou.

— Êh! sê agora é qui qué chorá? Tem pacienc'a. Péra um pôco. Chuva istragô tudo. Qu'é qu'ocê qué? Tá frio, tá mêmo, ma tem pacienc'a. Qu'um pôco calô vem, dêxa fogo pegá.

Pôz uma lata com agua ao lume e, sentindo-a morna, adoçou-a e deu-a ao pequeno, aconchegando-o depois ao collo até adormecê-lo. Deitou-o e, ajuntando molambos, que tirou dum caixote, acolchoou-lhe um leito agasalhado.

— Tá hi. Agora drôme.

Então, accendendo o cachimbo, sentou-se encollida á beira do fogo, immovel, olhando agudamente a chamma, como em fascinação.

Revia a scena dolorosa lá de cima: a confissão, a agonia da mulata, o corpo em sangue, o enterro, Manuel Gandra ordenando o abandono da criança e Deus falando na trovoadá. De repente sentiu o sapê estralejar, a porta ringiu, tremeu como empurrada. Vôos surdos circulavam, vozes em cochichos, um choro triste que ia e vinha e um frio, um frio...! Aprumou a cabeça á escuta. A criança tossiu, choramigou agitada. E, lá fóra, trissos,

rastejar de passos frouxos, sóidos vagos, estalos d'azas.

A negra estremeceu, voltou-se de golpe, ferrenha, como irritada com os rumores da noite. Um momento, d'olhar duro, fitou a porta; vagarosamente relanceou a vista pelo tecto, por todos os cantos. Soergueu-se, deixou o cachimbo no caixote e, de cocoras, quedou attenta.

Houve um barulho acachoadado como da queda duma arvore. A negra desvariou assombrada. Um frio de neve gelou-a, arripiaram-se-lhe as carnes e os cabellos, eriçando-se, como que lhe cresciam aos impetos. Encolheu-se resvalando olhares desconfiados. De repente, porém, como arrancada, levantou-se e, erecta, hirta, remoendo as mandibulas, os olhos alumando, fitou a porta como á espera da apparição.

Avançou um passo duro e bradou em voz rouca:

— Sê tá hi? Tiritava, as mãos iam-se-lhe engelhando, aduncas; o coração batia-lhe precipite. Faltava-lhe o ar. Sê tá hi?

Esperou resposta, ouvindo hyperesthesticamente os mais leves ruidos no silencio.

— É ocê, rapariga? Qu'ê qu'ocê qué? Sê tá rondando fio mod'eu? Sucéga, eu não fá má criança. S'é p'ra levá, léva; é mió. Qu'ê qu'elle fica fazendo sem ocê? Mundo é mundo, sê sabi; captivêro tá hi. De novo, mais aspera, a tosse sacu-

diu o pequeno. Oia só. Esse é frio. Frio já intrô nelle.

Agasalhou-o mais, encostou a porta, forçou o loquete e traçou uma cruz no ar como para defender a entrada do rancho ameaçado pela morta. Esteve um momento parada a escarfunchar a carapinha, pensando. Por fim sentou-se no caixote, tomou o cachimbo, mas os olhos cerraram-se-lhe; bocejou alto, as mãos caíram-lhe nas côxas e, inclinando a cabeça, adormeceu.

No rancho, em silencio, ao luci-luzir mortífero do braseiro, surdiram sorratamente gordas ratazanas.

De madrugada Balbina sahiu do rancho encostando a porta e foi-se pelos mattos a caminho do curral, no outeiro. Seguia cabisbaixa, casmurra, evitando os lameiros, indifferente á belleza da manhã que alumiaava de ouro a fresca e lustrosa paisagem.

A covanca erma, em silencio, começava a aclarar-se: as pedras róridas luziam, as folhas largas dos inhames ganhavam uns tons cinabricos e a herba, esmaltada de orvalho, fulgia em scintillações faiscentes.

A agua cantava perenne, em fio claro, entre pe-

dras. Arrufos de vôos, pios denunciavam aves. O céu, dum azul fino e brilhante, transuzia, o arvoredo brilhava e, longe, ná orla da serra, frocos de nevoa rala esgarçavam-se esfumadamente.

Subito um ruido esfrolou o bananal cerrado, succederam-se golpes regulares e, logo, fragoroso, o estardalhaço duma derrubada. Pombos voaram profugos e, pouco depois, uma negra, com uma penca de bananas verdes, surgiu na vereda atolada em folhagens pôdres. Esteve um momento parada, como á espreita; por fim desceu, beirando o caneiro, até o bicamente. Pôz-se de cocoras e, concheando as mãos, bebeu largamente, a sorvos chuchurreados, lavando a cara, bochechando e mettendo os dedos d'esfregão na bôca. Era *Vacca-brava*.

Sabendo que Balbina vivia lá em cima tomando conta da casa de Macambira, dava-lhe no bananal levando-lhe o fruto melhor e, ainda, por maldade, devastava o plantio golpeando troncos, detorando folhas, espesinhando rebentos com furia destruidora.

— Ah! gente pranta, cuida, súa im cima i nem cumu côsa; essa péste dêxa tudu nu matto i óia só: bananêra nem pôdi: cada cacho qui faz gosto. Diabo da curumba!

E cuspilhava, lanhando á faca os troncos que ficavam a sangrar seiva.

Refrescada levantou-se, sacudiu os braços, golfou da bôca um jorro d'agua que rufiou nas folhas

e ia tomar a carga ás costas quando se pôz de recacho, a cabeça a prumo, o olhar duro e fito, attentâ :

— Uai ! chôro di criança . . . A modi qui é. Sê qué vê ? ! Ficou á escuta : É mêmô. 'Tem criança chorando aqui. Caminhou direita ao rancho e encostou-se á porta, meio curvada, immovel : É mêmô. Êh ! tia damnada ! Isso é mandinga qu'ell'anda fazendo, mandinga braba.

Experimentou a porta e, sentindo-a solta, empurrou-a levando-a de raspão no lôdo onde emperava.

O bafio de humidade e sujeira fê-la franzir o nariz :

— Uhm ! Féde qui nem chiquêro. Cruz ! Abocou para dentro : Ó de casa !

Silencio. Então atreveu-se, certa de que a negra não estava.

Um raio de sol insinuou-se pela aberta lustrando o lôdo. Dentro a terra humida, arregoada, tinha soalias de luz.

Hesitou, inteiriçada de pavor supersticioso. Balbina podia estar por ali em algum canto com os seus feitiços.

A escuridão parecia-lhe verminada de taturanas, estriada de cobras flammineas: eram clarões coados das frinchas do tecto, das taliscas das paredes que reluziam no solo lutulento. Uma vara de fogo atravessava-se ao fundo e della pendia larga

teia de aranha tremula brilhando radiosamente como um sol. Chapinhava em visco.

Pouco a pouco, porém, habituando-se á sombra, foi distinguindo o que a cercava no desmantelo relaxado e immundo da baiuca: pannos, caixótes pilhas de gravetos, ramas e, como a criança choramigava rezingando, guiando-se-lhe pela voz, foi descobri-la no girau embrulhada em trapos humidos. Tomou-a atabalhoadamente numa pressa de ladra, sahiu com ella á porta, mirou-a ao sol, com espanto. A criança remexia-se molle, d'olhos fechados, no encandeamento da claridade.

— Uai! Branco...! Cumu é, genti? Ond'é qu'ella foi achá isso? Descobriu o corpinho envolto em pannos sórdidos que tresandavam. É macho. Ficou-se a considerá-lo, pensativa: magro, livido, languido. Qui langonha! De repente, exclamou: Sê qué vê!

Foi-se-lhe accendendo o olhar e escancellou a boca desdentada num hiato de triumpho:

— Ah! Ess'embellêgo é fio di Lucia, é mêmo. Tá ixplicado. É fio di Lucia.

Repentinamente, embrulhando a criança na traparia fétida, estalou uma gargalhada cruel!

— Toma, canáia! fio di nhô Julinho. Pága, muxiba! Pága, safado! E rugiu: Mata u fio agora, mata u fio, curumba, cum'ocê matô a mãi, modi ninguem sabô. Canáia! Canáia! Oia só: branqui-

nho qui nem leite. Abri os ôio, dêxa vê. Forçou a palpebra da criança : Oio azú . . . Tá dirêto. O pequeno esgançon, mas a negra, frenetica, levantando-o nos braços, esfregou-lhe o rosto pelo corpo como a farejá-lo gulosa. Sê tá hi . . . Sê tá hi. Agora quero vê *muamba* contá prosa. Agora sim. Tá qui !

E, triumphante, levantou a criança nas mãos, como para mostrá-la ao sol, aos montes, ao arvoredo, á natureza, toda numa necessidade perversa de testemunhas para a sua vingança :

— Tá qui, tá qui, fio di nhô Julinho. Agora sim, eanáia ! Agora é qui bamo vê !

E, na alegria feroz, rinchavelhava, sapateava, tripudiando na lama com o pequeno aos bailões nos braços.

Contente da descoberta, antegosando o escandalo, a cabrocha reentrou com a criança e depô-la no glrau refungando de nojo ao cheiro que se desabafava do corpinho languido.

Levando a pontapés a trapalhagem espalhada no chão, cescovilhava afuroando nos cantos, emborcando vasilhas, revirando caixótes, sacudindo molambos. Baratas sahiam aos enxames, algumas em vôo aturdido, minhócas espichavam-se, colleavam lubricas, uma férvida sevandijada debandava e a cabrocha, aos muchochos e resmungos, saracoteava, sapateava com repugnancia asquerosa vendo remexer mollemente a sórdida vermina.

Ao choramigar da criança plantou-se diante do girau, de mãos á ilharga, olhando. Tinha vontade de arrebatá-lo o pequeno, sahir com elle por ali fóra, mostrando-o a toda a negrada, só para tirar vingança do muxiba. Esganiçou uma gargalhada imaginando á cara de Macambira quando soubesse da coisa. Tanta empáfia, tanta fiducia com a mulata e estava ali a «poia» do outro. Deu um safanão á saia, sungou a camisa que lhe escorria dos hombros e aprumou-se arrogante :

— Agora sim, quero vê.

Cuspilhou d'esguicho e deu volta, de rabanada. Á porta, porém, estacou, vendo Balbina que chegava mui de passo, com uma lata á cabeça, um feixe de hervas debaixo do braço. Quiz recuar, esconder-se, mas a negra descobriu-a e, reconhecendo-a, rugiu assanhada :

— Sê ! Sê aqui, sê diabo ! Qu'é qu'ocê tá chêrando ni casa dos ôtro, muafa ? É cachaça qu'ocê tá caçando, vagabunda ? Sahe já ! Sahe já p'ra fóra ! Rumá ! Encararam-se em attitude de desafio. Bâmo ! Bâmo ! Ruma dahi, sua ladrona. Ruma ! e agarrou-lhe o braço.

A cabrocha livrou-se de repellão, fugiu com o corpo e, investindo d'arranque, sem dar tempo á negra de defender-se, atirou-lhe as mãos ao peito derrubando-a. A lata rolou na lama calcando-a de leite, e a velha, escabujando, com um garguitar de

nho qui nem leite. Abri os ôio, dêxa vê. Forçou a palpebra da criança : Oio azú . . . Tá dirêto. O pequeno esganiçou, mas a negra, frenética, levantando-o nos braços, esfregou-lhe o rosto pelo corpo como a farejá-lo gulosa. Sê tá hi . . . Sê tá hi. Agora quero vê *muçiba* contá prosa. Agora sim. Tá qui !

E, triumphante, levantou a criança nas mãos, como para mostrá-la ao sol, aos montes, ao arvoredo, á natureza, toda numa necessidade perversa de testemunhas para a sua vingança :

— Tá qui, tá qui, fio di nhô Julinho. Agora sim, eanáia ! Agora é qui bamo vê !

E, na alegria feroz, rinchavelhava, sapateava, tripudiando na lama com o pequeno aos bailões nos braços.

Contente da descoberta, antegosando o escandalo, a cabrocha reentrou com a criança e depô-la no girau refungando de nojo ao cheiro que se desabafava do corpinho languido.

Levando a pontapés a trapalhagem espalhada no chão, cescovilhava afuroando nos cantos, emborcando vasilhas, revirando caixótes, sacudindo molambos. Baratas sahiam aos enxames, algumas em vôo aturdido, minhócas espichavam-se, colleavam lubricas, uma férvida sevandijada debandava e a cabrocha, aos muchochos e resmungos, saracoteava, sapateava com repugnancia asquerosa vendo remexer mollemente a sórdida vermina.

Ao choramigar da criança plantou-se diante do girau, de mãos á ilharga, olhando. Tinha vontade de arrebatá-lo o pequeno, sahir com elle por ali fóra, mostrando-o a toda a negrada, só para tirar vingança do muxiba. Esganiçou uma gargalhada imaginando á cara de Macambira quando soubesse da coisa. Tanta empáfia, tanta fiducia com a mulata e estava ali a «poia» do outro. Deu um safanão á saia, sungou a camisa que lhe escorria dos hombros e aprumou-se arrogante :

— Agora sim, quero vê.

Cuspillhou d'esguicho e deu volta, de rabanada. Á porta, porém, estacou, vendo Balbina que chegava mui de passo, com uma lata á cabeça, um feixe de hervas debaixo do braço. Quiz recuar, esconder-se, mas a negra descobriu-a e, reconhecendo-a, rugiu assanhada :

— Sê ! Sê aqui, sô diabo ! Qu'é qu'ocê tá chêrando ni casa dos ôtro, muafa ? É cachaça qu'ocê tá caçando, vagabunda ? Sahe já ! Sahe já p'ra fóra ! Ruma ! Encararam-se em attitude de desafio. Bâmo ! Bâmo ! Ruma dahi, sua ladrona. Ruma ! e agarrou-lhe o braço.

A cabrocha livrou-se de repellão, fugiu com o corpo e, investindo d'arranque, sem dar tempo á negra de defender-se, atirou-lhe as mãos ao peito derrubando-a. A lata rolou na lama caleando-a de leite, e a velha, escabujando, com um garguitar de

raiva, forcejava para levantar-se quando *Vaccabrava*, em furia, atirando-se-lhe em cima, pôz-se a espesinhá-la ás patadas, dizendo offegantemente, em voz surda :

— Sê qui pensa ? ! Eu ti acabo, burra véia ! Eu ti acabo ! Quem sabi s'eu sô Lucia, qu'ocê mãtô mod'u fio ? Commigu sê tá-inganada, sô diabo !

E açacanhava-a. A negra gânia empastada em lôdo, aos reboleios, com os braços pela cabeça defendendo o rosto. E a cabrocha encarniçava-se a mais e mais e, como se lhe não bastasse maltratá-la aos pés, agachou-se e, ajoelhando-se-lhe no peito magro, pôz-se a esbofeteá-la, a esmurrá-la ás punhadas. Por fim, satisfeita, impando de orgulho, deixou-a como morta e metteu-se pelos mattos, a rir, gingando, a arrepanhar a roupa esfrangalhada.

Balbina ficou atirada, sem poder mover-se, até que, lentamente, estendeu um braço como quem desperta, virou-se, sentou-se a custo e ficou largo tempo immovel, airada, volvendo olhares vagos.

O leite derramado fazia um coalho branco no lameiro. A velha mirou-o com pena e sacudiu a cabeça resignada murmurando :

— Tá bom . . .

Pôz-se de joelhos, ergueu-se dorida e, de pé, com o panno da trunfa desenrolado, estirou os braços magros, dizendo lamurienta :

— Noss'Sinhô ajud'ocê. U qu'ocê fez numa pre-

ta vêia, qui pudia sê sua mãi, Deus Nos'Sinhô tá oiando. Vai, sombra d'ocê mêmo ha di vingá eu.

E traçou uma cruz no ar. E manca, coxeando, a amparar-se, entrou no rancho e, lá dentro, de repente, como se os ossos se lhe houvessem derretido, desabou no chão em trouxa, e, estorcendo-se, pôz-se a gemer baixinho.

A criança vagia. De quando em quando, como se a espetassem, esguelava um grito lancinante, debatendo-se, com a cabeça aos boléos, e recahia no anseio crebro, em rythmo cançado. A negra arrastou-se até o girau, soergueu-se, apalpou o corpo flacido do pequenito :

— Êh ! êh ! Sê mêmo não vai lá . . . E esse diabo, inda mái, foi derramá o lête. E agora ? qu'é qu'eu vai dá ocê ?

Cobriu-o, e sentou-se á beira do girau, accendeu o *pito* e ficou banzando. De repente, como em resposta a um pensamento, deu d'hombros. Seguia *Vacca-brava*, *via-a* a palrar á beira do correjo, no *quadrado*, á porta dos ranchos, na roça, ajuntando gente para contar o caso e a noticia espalhava-se pela fazenda e a cabrocha, fanfarronando, diria como a deixara cahida na lama, moída a pontapés e murros. Pôz-se de pé, a tremer de odio, numa necessidade de desforço, mas ouvindo o grito da criança, revoltou-se e, estabanadamente, tirou-a dos pannos :

— Ah ! sê tamem . . . Qu'é qu'ocê qué ?

Pôz-se a niná-la ; mas sentiu uma esfolada no sapê do rancho : levantou a cabeça e os olhos encheram-se-lhe de moinha de palha como se o tecto se fôsse pulverisando. As pancadas succediam-se em cima no colmado, nas paredes ; torrões de barro desprendiam-se. Ella comprehendeu : era a molecada que lhe apedrejava a casa. Deixou a criança e, aos trancos, mal se podendo ter nas pernas, sahiu á porta vociferando :

— Oia, canáia, sês não bóle cum quem tá quiêto.

Mas as pedras esfusiavam, batiam no palhiço, frouxas, destorroavam o adôbe das paredes, farfalhavam no bananal e a velha, para não ser alcançada, recolheu-se, fechou a porta, e, na penumbra estriada de sol, junto do girau onde a criança arquejava, ficou a ouvir o estrondar das pedras e a grita da molecagem que atacava o rancho.

IX

Fim de tarde estival. Occaso esplendido. O sol fulgido, engastado entre dois cimos, irradiava em leque sobre o redente da serra afogueada. Frondes coruscavam em lumareus, collinas pareciam cobertas de vellocinos. Lampejavam relumes na planicie : placas rutilas de pôças, discos, estrias d'agua ; um remanso liso do rio scintillava vitreo espelhando fulgurantemente o fogo vivo das nuvens. Tenue poeira solar esfumava em purpurina e ouro os longes da paizagem.

Cigarras cantavam assiduas e, dentre as macegas esturricadas, subia o estrépito dos grillos. Trecalava acre um cheiro quente de terra secca e de hervações queimados. Nevoas de fumo diaphano rolavam lentas, evoluindo acima das cabanas.

A noite subia vagarosa, serena, empallidecendo

o céu onde appareciam, piscando, pequeninas es-trellas. As saracuras cantavam nos banhados. Vago, mysterioso murmúrio tremia no silencio como surdina de reza. A espaços, alvoroçadamente, levantava-se o grasnar dos gansos.

Turmas de escravos desciam em filás lentas, colleando pelos caminhos socegados onde já era escuro e bacuráus piavam.

Chegavam carros. Carneiros arrebanhados descendo resvaladiamente as rampas, muito unidos, como que rolavam dando a impressão de surdos esbarrondamentos. Pontas de gado abeiravam-se das cêrcas. Por vezes um grito alegre repercutia.

Esbatia-se em violete o cariz do horizonte onde as nuvens como que se dissolviam e o perfil da serra e do arvoredado desenhava-se duro, em negror, no fundo céu macio.

Começava, aqui, ali o lugubre coaxar dos sâpos. Rôlas gemiam quérulas; accendiam-se indecisos pyrilampos.

Alumiou-se uma das janellas da casa. A sineta tiniu no « quadrado ». Ave Marias.

Justamente nesse instante a porteira guinchou estridula no alto e logo uma récua sofrega precipitou-se atropeladamente, ladeira abaixo, sacolejando ceirões e fardos. Por ultimo, lerdo, solavancando, um carretão com toldo de esteira.

Tropeiros, arremettendo aos gritos, lançavam

os cavallos pelos barrocaes ou riba acima procurando cortar a frente ao lote desabrido. Os animaes, reconhecendo a « querencia », desembestavam desensoffridos e era um aturdido tumulto como de comboio em destroço : gritos, pragas, galopes arrancados : um macho que tresmalhara espantado cabritando pela encosta; outro, empacado, d'orelhas fitas, mirando, a medo, o vallo; varios em magote espremendo-se aos apertões. Era a tropa de Macambira que regressava da Côrte.

A fazenda alvoroçou-se com a tumultuosa entrada. Sahiu gente ao terreiro; as mucamas affluiram á varanda em grazinada alegre e no jardim estrondava a algazarra dos moleques.

Manuel Gandra appareceu á porta do escriptorio, a propria D. Clara, sempre offegante, enorme no amplo roupão de chita, rebolou curiosa até a cadeira de verga. Era uma festa na monotonia banzeira da fazenda. Por fim Macambira assomou no alto, firme no macho árdego. Esteve um momento parado, destacando-se, a prumo, sobre o fundo do céu ainda claro, com a immobilidade de uma estátua. Vagarosamente, a passo cauteloso, o animal veiu descendo, sondando o piso no caminho escalavrado, e o negro sempre direito, como uma figura de bronze, inflexivel.

Um molecote, agachado entre os bambús, bradou-lhe :

-- Lucia morreu, Macambira.

O negro passou indifferente e, abandonando as redeas ao macho, olhava ao longe, a fito, como procurando na collina, entre as arvores escuras, a casa do seu enlevo.

A tropa ajuntou-se no terreiro e foi logo umã barafunda dos que haviam feito encommendas — crioulos, negras, mucamas em falario. E os tropeiros azafamados resmungavam repellindo os insofridos e iam desatando as cangalhas, soltando a mulada. Os animaes, alliviados, sacudiam-se, deitavam-se espojando-se e, um a um, a passo, ou investindo aos pinotes, cabeça baixa, orelhas murchas, partiam em direcção ao pasto.

Accenderam-se candeias e, emquanto uma turma recolhia ao paiol ceirões e fardos, Macambira, com a bolsa a tiracollo, adága á ilharga e a garrucha no cinturão, subiu a prestar contas.

O negro caminhava de cabeça baixa, vergado, vencendo lentamente o acclive. Entrou na escuridão das cásuarinas, atravessou a cêrea de espinheiros e chegara ao caminho liso do jardim, que o luar parecia cobrir de areia, quando um vulto, que descia estabanado, estacou de golpe. Um muçôcho de nojo explodiu e o negro quedou firme,

em attitude hostil, reconhecendo *Vacca-brava*. A cabrocha desviou-se, atirou de repellão o châte aos hombros e, com uma rabanada, para evitar o encontro, metteu-se pelo grammado, resmungando por entre casquinadas irritantes. Macambira estremeceu e, ainda que tentasse proseguir, não poude: o sangue fervia-lhe em furor frenetico. Voltou-se d'impeto e, em voz surda, interpellou Donaria.

— Qu'é qu'ocê tá rindo, sua vagabunda?

Uma gargalhada cascalhou.

— Quem não póde co' tempo não inventa móda. Pai di fio... ocê?! Pois sim!...

O negro atirou-lhe uma injuria e ella, já longe, esganiçou :

— Tico-tico! Capão! Ocê vai achá a marca, muxiba. E ria estridentemente.

Ainda que não comprehendesse a allusão da cabrocha, Macambira emperrou desconfiado. Instinctivamente levou a mão á coronha da garrucha, voltou-se e ficou a olhar, airado, com os musculos da face em crispações de colera.

— Cá! rangeu na garganta, meneando com a cabeça. Inquanto eu não dé uma lição nessa bicha ella não se disingana cummigo.

E occorreu-lhe, subita, uma idéa. Cravou os olhos no chão claro conjecturando.

— S'eu duvido! Um diabo desses é capaz di

tudo. Pensava -na morte de Lucia, cuja noticia tivera logo ao chegar á Barra. Aperrou as mandibulas rilhando os dentes. Ah! peste!... E, caminhando devagar, parando de instante a instante, revia a scena daquella tarde.

O armazem do Narciso regorgitava como uma feira. Fóra, a mulada junta e, presos aos esteios, machos de sella, cavallos, burros de cangalha ; carretas com os bois amodorrados, uns de pé, immoveis, como adormecidos sob a canga, outros deitados, ruminando ; porcos fossando o lôdo, cabras, sujos carneiros abadalhocados de grumos immundos, gallinhas ciscando em estrumeiras e uma moscaria zoante azuerinando os animaes, que não cessavam de espanar as ancas com a cauda, de bater as orelhas, de patejar no enxurdo.

Elle entrou alegre, saudando o povareu garrullo : tropeiros, carreiros, trabalhadores da linha e o mulherio frascário que andava á gandaia, tudo bebericando, chasqueando num ambiente estonteante de fumo e alcool.

Uma sanfona zaguinchava fanhosa. Abeirando-se do baleão, pediu um capilé e o pequeno trasfegava a beberagem em dois copasios quando Narciso, pondo-lhe a mão ao hombro, disse, olhando-o de frente, com ar compungido :

— Então lá se foi a coitada, hein?

Elle voltou-se arrebatado :

— Qui coitada ?

— Tua mulher. Pois então? Aquillo foi descuido ou, quem sabe lá! maluquice. Essas raparigas não têm juizo, ahi com a barriga á bôca e abusam. Eu não me canço de dizer. O resultado é esse.

A physionomia do negro assombreava-se.

— Mas qu'é qu'ocê tá parolando ahi? Fala duma vez. Qui é?

— Pois que ha de ser? E olhou-o a fito. Então não sabes? Não sabes que Lucia morreu?

Macambira estremeceu dos pés á cabeça, baqueando, e, como se o negociante o houvesse offendido, atirou-lhe pesadamente as mãos aos hombros e, falando-lhe no rosto, em voz arquejada e sorna, com os olhos esbogaçados, chispantes como brasas :

— Cumu é? Qu'é qu'ocê tá dizendo? Lucia!?
Ocê tá sonhando, Narciso?

O negociante appellou para um carreiro :

— Pergunta a Romão.

O nomeado, um mulataço bexigoso e vesgo, mal encarado, virou o codorio e, caramunhando, depois de passar o braço pelos beiços e cuspirhar d'esguicho, acenou de cabeça, resmungando :

— Hum! Hum!

Outros confirmaram acercando-se de Macambira, que ficou num circulo, relanceando em torno o olhar attonito, como animal acuado.

— Sês qué tomá pagode cummigo, disse com um risinho tragico.

— Pagode?! Uai! Morte é cõsa di pagode? Um vellhote accrescentou :

— Lesbão tá li fóra. Prigunta.

Macambira rompeu d'arranque o ajuntamento e sahiu ao alpendre. Effectivamente lá estava o coveiro sentado, pitando com enlevada pachorra. Aquillo, fóra, tresandava nauseantemente á lama e a esterco e o mosqueiro zoava enxameando o ar.

— Tio Lesbão, é verdade mêmo qu'ocê interrô Lucia?

O coveiro, um *cabra secco*, ossudo, levantou a cabeça refoufinhada, tirou o cachimbo da bõca e, ruminando um momento com as gengivas sem dentes, depois de olhar Macambira, encolheu mollemente os hombros e, descahindo de busto, com os cotovellos nos joelhos, quedou alheado.

— Fala! intimou Macambira. Ocê interrô Lucia?

O velho respondeu de mau humor :

— Havia di dêxá á tôa, qui nem carniça, não é? Tá lá! e atirou o braço num gesto vago.

Macambira estarreceu hebetado, de bõca aberta, os olhos languidos, molle. As pernas bambeavam-lhe frouxas e o beiço penso, flaccido, descobria-lhe os dentes claros. Esteve um momento a olhar o coveiro, mudo, numa idiotia pungente. Por fim, insistindo, perguntou :

— Morreu ? O outro arregaçou lentamente a calça e pôz-se a coçar a perna magra, escalavrando-a a unhas. Morreu di quê, tio Lesbão ? Di quê ?

— A modi qui foi di parto.

— I criança ? Ocê interrô criança tamen ?

— Só si veiu junto. E, accendendo o cachimbo, pôz-se a pitar tranquillo.

Macambira tornou ao armazem, encostou-se ao balcão.

— Antonce ? perguntaram.

Elle não respondeu, arvoado. De instante a instante arrancava-se-lhe um suspiro do peito. O coração crescia-lhe como uma esponja que se fôsse encharcando, faltava-lhe o ar. Tomou um gole d'agua, sahiu, reuniu a tropa e pôz-se a caminho. Pensou em dar uma chegada ao cemiterio, vêr a cova, mas era tarde. E êlle tão longe, sem saber ! Se estivesse ali ella não teria morrido, mas só com a preta velha, coitada ! O senhor . . . não vê que elle ia pagar medico para uma escrava . . . ! nem para a mulher, quanto mais . . . !

Um raio de luz, batendo-lhe nos olhos, encandeou-o ; estava diante da casa grande. Caminhara sem sentir, distrahido na lembrança daquella tarde maguada. As mucamas conversavam no alpendre aos cochichos, aos risinhos. Elle seguiu lento, cansado, até a porta do escriptorio. Gandra embalava-se na rêde :

— Suns Christo !

— Entra.

Olharam-se em silencio, a fito. Macambira abriu a bolsa atochada e retirou a correspondencia do senhor : cartas, notas de venda, facturas e um maço de dinheiro. Gandra levantou-se preguiçosamente, procurou os oculos, e, abancando-se, pôz-se a conferir o recebido. Contou o dinheiro, examinou as notas de compra e venda e, guardando os valores no cofre, espetou num gancho o resto da papelada. Então, tornando á rêde, pediu noticias de Julinho :

« Se estivera com elle ? Como o deixara ? E os correspondentes ? Se trouxera todas as encomendas ? Que novidades havia na Côrte ? »

O negro respondia em termos breves, cêrce, e angustia crescia-lhe no peito, que arfava. De repente, ajuntando as mãos em supplica, avançou um passo e, curvando as pernas, em menção de ajoelhar-se, exclamou em voz surda e tremula :

— I Lucia, sinhó !

O fazendeiro encarou-o um momento interdito ; deu d'hombros e, pondo o charuto á beira da mesa, suspirou :

-- É verdade ! Quando Balbina me procurou já ella estava morta. Uma pena ! Rapariga moça, cheia de vida !... Tambem tu... Se me houveses dito que ella estava a termo eu não te teria mandado á Côrte, tinha ahi o Tibureio. Calou-se,

logo, porém, olhando-o: Mas queres saber? isso quando tem de acontecer... só Deus! O negro mantinha-se cabisbaixo, immovel. Agora é ter coragem. A vida é assim mesmo. Que se ha de fazer? Deixou a rêde, pôz-se a andar pelo escriptorio, a esmo, mascando o charuto. É assim, continuou em soliloquio, umas têm os filhos por ahi, no matto, como animaes, tomam-nos ao collo, descem com elles e tres, quatro dias depois estão frescas, puxando enxada. Outras... é assim.

— É criança, sinhô?

— Nasceu morta.

— I sinhô viu? perguntou o negro, como desconfiado.

Gandra levantou a cabeça de golpe, encarou-o severo, affirmando em tom energico:

— Sim, vi! Como não!? Porque? O escravo deu d'hombros; e houve um pesado, molestoso silencio. O fazendeiro pôz-se a caminhar pensativo. De repente lembrou: É melhor ficares cá em baixo. A casa, lá, tem estado fechada.

— Tia Balbina sahiu?

— Isso com certeza. Ninguem gosta de ficar onde houve defunto. Arranja-te hoje por aqui e amanha...

O negro interrompeu-o:

— Não, sinhô, eu vou. Tô co'a roupa suada e quero vê aquillo lá im cima.

— E não comes ?

— Não tenho vontade. Sinhô não qué mais nada ?

— Não. Amanhan.

— Então vancê dê licença. Benção !

— Vai com Deus.

Macambira sahiu lentamente, como vergado a um grande peso e foi-se, preferindo a escuridão dos caminhos onde o arvoredó interceptava o luar.

As mucamas, no alpendre, chalravam ás gargalhadas. Um cão latiu na escada. Sapos saltavam. Vagalumes, cruzando-se, accendiam brasas na espessura das moutas.

Chegando ás casuarinas, pareceu-lhe que uma mulher de branco estava parada junto á cêrca de espinheiros. Olhou a fito, pensando na morta, com a pávida certeza de que era ella que ali o esperava. Mas avançou e logo a apparição resolveu-se no que era : claridade do luar nos ramos.

Insensivelmente, foi apressando o andar. Os passos alargavam-se, aligeiravam-se-lhe a mais o mais e, no frescor da folhagem, o seu halito offegante lufava.

Por vezes, num ramalhado mais denso, abaixava-se e os galhos sacudidos, abrindo raros, deixavam passar filtrados clarões de lua. Uma cigarra cantou.

O negro começava a sentir a casa, reconhecia

certas arvores, certos socalcos e depressões da ladeira. Para atalhar a subida metteu sofregamente pelo matto agarrando-se a hervas rijas, a troncos, guindou-se por um barrocal a pique entrando no pomar que rebrilhava no silencio frio.

Sombras esgueiravam-se ariscas com um farfalho trepido de versas, um vôo surdo estuou, houve um frolar de ramas e logo chirrio d'ave. E a casa appareceu alva, fechada, alargando uma sombra negra pelo terreiro silente e alumiado. Elle sahio no limpo, parou relanceando o olhar em volta — a terra, em baixo, estendia-se clara, numa solidão melancolica e a serra longinqua, escura, agarrada ao céu, tinha estrellas nos cimos. O negro esteve olhando, a recordar miudamente, numa espalhada saudade que abrangia céus e terras, o tempo e, em tudo, a morta.

Lá estava a acacia do noivado, a arvore das confidencias, toldo dos amores felizes. Um banquinho tosco jazia atirado junto á cancella do pomar. Era nelle que Lucia costumava sentar-se, á noite, á porta da casa, olhando, calada e triste, as estrellas do céu, como se presentisse o seu acabamento tragico. Apanhou-o, pô-lo de pé devagarinho, carinhosamente, como apiedado de o vêr em abandono. Caminhou direito á casa, bateu á porta, empurrou-a; bateu de novo, chamando:

— Tia Balbina! Silencio! Deu volta forçando

as janellas, a porta do fundo. Tia Balbina! Ninguém! Quedou roendo as unhas. A sombra do galinheiro attrahiu-o como um ser vivo. Foi até lá, encostou-se ás ripas, olhando. Deserto! E o cão? e o porco? tudo que era vida sumira. As arvores frondejavam com a respiração da noite, subiam ruidos tremulos dos mattos e o arôma dos lirios pairava suavissimo. Por vezes uma estrella corria esfiada no ar.

O negro caminhou até a barreira, parou merencoreo. Uma voz humana, dôce, falou docemente entre as arvores, chamou com meiguice:

— Psio!

Elle ficou hirto, á escuta, com o coração aos impetos. Era Lucia! Olhou, certo de vê-la. Como que o luar alumiou mais claro, em pallidez mortal; subito cerrou-se em luto, mas logo branqueou, mais triste.

Quem andaria assim abrindo e fechando a lua? E se a casa se abrisse de repente, illuminada, e Lucia apparecesse á porta, com o filho nos braços, chamando-o? Teve medo. Um frio gélido arripou-o, entrou-lhe no sangue. Os cabellos aspavam-lhe o craneo, a pelle arrufava-se-lhe. Coisas saltavam-lhe diante dos olhos: eram pontos negros revolteando, discos de fogo. As hervas ondulavam estranhamente, arvores moviam-se como desenraizadas. Um penedo inclinou-se a pique

ameaçando cair, logo, porém, appareceu a prumo, fixo. Houve um riso estridulo. Elle olhava e os olhos ardiam-lhe como a um vivo calor de chamma. Instantaneamente uma cachoeira atoaheu o pendor da montanha. Foi um momento e as arvores reassumiram o seu torrão; de novo, porém, a precipitosa alvura d'aguas rebrilhou, escachou para desaparecer subitanea sob o negror do arvoredo.

Que seria aquillo? aquellas fantasmagorias? aquellas vozes vagas? aquellas iterações de claridade e sombra, aquelles movimentos de terra e d'aguas inexistentes?

Quedou-se attento, relanceando em volta olhares de assombrado, mas dominou-se, energico, e, vagarosamente, caminhou para o terreiro. Sentiu como a presença de seres invisiveis, que o rondavam acreamente roçando por elle brandas, finas plumas de azas. Diante da casa estacou, a olhar airado. No silencio funereo por vezes trepidava um estralejo. De longe, das aguas adormecidas, das humidas hervagens, lá em baixo, subia crebro, monotonico o coaxo lugubre dos sapos e pelas sombras, incessantemente, era um tremeluzir de lumes que faiscavam e morriam.

O negro continha-se, mas o peito enchia-se-lhe de angustia, opprimia-o, abafava-o; a garganta apertava-se-lhe como em estrangulamento e o co-

ração, inchando, parecia prestes a rebentar. Parou diante da porta.

Era ali que os dois costumavam ficar, á tarde, elle fumando, ella sempre triste, suspirando presagios. *Viu-a* como em um relampago. De repente, rebentaram-lhe as lagrimas dos olhos e, de pé, hirto, impassivel, deixou correr o pranto e, enrolando um cigarro, accendeu-o chupando-o aos haustos. D'impeto, atirou longe o cigarro, ainda olhou saudosamente a casa, toda branca, o alumiado arredor, a acacia, o pomar reluzindo em brilho metallico aos reflexos da lua, e partiu resolutamente, a passos largos, até a vereda ingreme, esboroada em esca-leiras e carcavões, entre silvas asperas, deixando-se escorregar de resvalo em rastolhada estuante pela folharia.

Em baixo resfolgou cansado, limpou o rosto e atufou-se até a cintura no alto massambará, atravessando a pinguéla, oscillante sobre a agua rasa do corrego, lenta e scintillando em tremulina argentea.

Pegando o rumo da covanca, seguiu direito ao rancho de Balbina. Entrou no bananal chapinhando no esponjoso rebalço de lôdo e folhas pôdres, que reçumavam. Desceu a barranca onde a calha gargarejava entre as pedras e, sahindo no terreiro, viu luz atravéz das fendas do rancho entaliscado.

Chegou á porta sem ruido, empurrou-a de leve

e, sentindo-a ceder, passou d'esguelha. Balbina, sentada de costas para a entrada, á beira de um lume de gravetos, cujo clarão alumiaava bruxoleantemente os muros, tinha tão pendida a cabeça sobre o peito que, vista assim, por traz, parecia um busto de decapitada.

O negro ficou um momento parado, olhando a baiúca colgada de falripas de sapê, com os caibros negros de tisne luzindo como envernizados. Trapos fraldejavam em cordas ; pelo chão espalhava-se em cascalhada, entre burundangas, palhas, folhas seccas, bagaços de canna. Fedia e o fumo acre da lenha tornava o ambiente estitico, irritante.

Adiantava-se subtil, rente do catre, quando ouviu um rascar serrilhado. Parou attento, olhando ; inclinou-se para vêr de perto e distinguiu uma fôrma viva na trapalhagem sórdida. Afastou os molambos e descobriu o corpinho esqualido do infante, inerte, agitando-se, de longe em longe, em vibrações de espasmo. A espaços sahiam-lhe da garganta, em gasnitos, borborismos de dyspnéa.¶

Os olhos do negro abriram-se desmesuradamente, pasmados, relumbrando, fitos naquella miseria humana que ia tristemente acabando. Teve um presentimento. O coração bateu-lhe de golpe num affluxo de sangue; atordoou. As pernas afrouxaram-se-lhe, sentia-se como esvahido. Riscou um phosphoro, debruçou-se sobre o girau e, com a luz bem

no rosto do pequenito, em halo, via-lhe a côr pallida, os olhos cerrados, a bôca entreaberta e livida, todo o corpinho fragil, o peito ripado de magreza, o ventre tumido, ás upas. Tornou com a luz ao rosto e só via a côr, a côr branca. Aprumou-se erecto, sorvendo a haustos o ar, numa suffocação angusta. A criança nem abria os olhos; um como gemido humilde sahia-lhe, a instantes, do peito.

— Véia! bradou Macambira.

A negra estremeceu, voltou-se estremunhada e, dando com o negro, sem reconhêce-lo de prompto, pôz-se de pé.

— Sê quem é?

— Macambira.

Ella estatelou estarecida, com um olhar idiota, a bôca aberta. Subito soprou a candeia que ardia em cima do caixote. Fios de luar zebraram os muros e o clarão da fogueirinha fez-se ainda mais vermelho.

— Sê apagô a candeia mod'eu?

— Foi vento.

— Vento! ? . . .

— I p'ra quê luz? Fica assim mêmo. Lua tá hi. Sê quando chegô?

— Que criança é esse? perguntou o negro de improviso.

Aturdida, a velha não deu resposta, enrolando a truufa, sem atrever-se a levantar os olhos para

Macambira, que se conservava immovel, encárado nella, com o braço duramente estendido, apontando a criança, que agonisava.

— Esse é fio di Lucia, não é? Fala verdade! Esse é fio di Lucia? A velha regougou attonita. Macambira bateu com o pé, rugindo: Fala verdade!

— Uai! Sê inda qué zangá cunmigo? Tomou a candeia, accendeu-a ao lume dos gravetos e, collocando-a, de novo, sobre o caixote, falou serena: Dêxa, fio; dêxa. Morte tá hi. Sê não tá vendo? Morte tá hi.

Macambira acompanhava com olhar sobrececho a velha que remancheava tomando e logo deixando objectos.

— Esse é fio di Lucia, não é?

A criança abriu a bôca com um estalido secco de descollamento. Balbina cobriu-a, traçou-lhe sobre o corpo o signal da cruz. O chirrio da coruja arripou asperamente o silencio.

— Oia, disse a velha, morte tá passando.

— Fala! insistiu o negro; e ella, sempre macia:

— Dêxa, rapaz. Noss'Sinhô tá lá im cima oian-do. Má qu'a genti faz é aqui mêmo qui paga. Dêxa. Qué qu'ocê vai fazê agora? Bateu as mãos uma na outra como a alijar culpa e, esticando o pescoço, com o queixo apontado em esporão, disse: Qui vai fazê? Tá nu céu, penô di mais. Sê lembra tris-

teza della ? tá hi. Senta, Macambira. Não teve culpa, não. Foi nhô Julinho.

O negro vibrou electrizado, sapateou de furor e um urro rouco trovejou-lhe na garganta. A velha proseguiu mansamente :

— Nhô Julinho rondava ella — moça, bonita... Ella sempre de cara fechada, dando p'ra traz. Mas uma vez, di tardinha, quasi na vespera du casamentu, ali junto di figuêra, nu caminho do açude, elle armô ispéra. Lugá deserto, ella só, cumu vai fazê ? Elle garrô ella, fez u qui quiz i foi-s'imbora. Ella podia contá sinhô, mas p'ra quê ? Sê não lembra Lucinda ? Sinhá ficô qui nem jararaca, inda mandô surrá rapariga, largô dipois á tóa até Mangalô fazê u qui fez. Quexá p'ra quê ? A ocê sim, a ocê ella divia tê contádo, ma ocê sabe : medo, vergonha. Iscravidão é assim mêmo. Genti não vali nada, anda nu mundu á tóa, qui nem foia nagua. Qui vai fazê ? Sinhô manda. Sê mêmo, sê vira contra sinhô ? Elle manda, ocê faz ; sê mêmo, fio di Munza. Sê não tá hi, captivo, quanto mais ella, coitada ! O negro resfolegou alto. Lucia era bôa di coração, Macambira ; quiria bem ocê ; rapariga séria. Eu vi. Foi mardadi di nhô Julinho. Sê não magina quand'ella mi contô — tava já nas urtima : sangui correndo, ella sem sinti, chorando e falando, chorando e falando ; i jurou. Tamem não disse mais nada, foi qui nem cunfissão.

O negro abateu á beira do girau, sentado, inclinou-se com os cotovellos nos joelhos, a cabeça nas mãos e ficou immovel, apenas as pontas dos pés batiam nervosamente.

— Dêxa, Macambira, Noss'Sinhô tá oiando.

Chegou com a candeia ao rosto da criança, viu-lhe os olhos entreabertos, encostou-lhe a mão ao peito, apalpou-lhe as faces, roçou os dedos pela fronte onde fios pennugentos de cabello punham um reflexo dourado e afastou-se vagarosa.

— Oia, Macambira, sai dahi, criança cabô.

O negro levantou-se, lançou um olhar ao pequenino cadaver e foi sentar-se perto da fogueirinha.

Aproximando o caixote do girau, Balbina pôz-lhe em cima a candeia para alumiar o defunto, e suspirou como alliviada. Macambira raspava lentamente a fronte com a mão espalmada, os olhos pasmados no lume. As mandibulas, duramente aperradas, esmoíam colera; por vezes, fechando os punhos, mettia-os pela barba, a finco. A sua respiração era lenta, espaçada e lufava. De repente, pôz-se de pé, dobrou-se para traz, retesando os braços e, sem uma palavra, paulatino, seguiu para a porta. Abriu-a largamente fazendo-a estalejar e todo o rancho estremeceu, fragil, como a um abalo da terra.

— Ond'ocê vai ?

Sahiu sem responder. Fóra, o ar da noite, puro

e frio, envolveu-o como em humidade. Levantou os olhos para o céu e ficou como enlevado no luar. A agua da calha cantava na sombra, e tudo mais era quiéte. Raro, de longe em longe, um soído na herva e trepido, como um latir longinquo, que era o grasnar das rans e das pererecas nos aguagaes. Relanceou a vista em torno como á procura dum ser vivo naquella immensa inercia que o luar alvo amortalhava. Caminhou.

— Ond'ocê vai, fio di Deus? perguntou Balbina apparecendo á porta do rancho.

Mas o negro já ia longe. Entrou no capinzal, surgiu adiante, num chão liso, desapareceu por fim no coqueiral cujo palmar, muito unido, rebrihava scintillantemente como um aqueducto abundante corrido sobre columnas.

Sentado no patamar do escriptorio, ainda lerdo de somno, um moleque segurava as redeas do *Pampa* quando Macambira appareceu em tal desalinho, tão demudado de feições que parecia ter vindo de esforçado trabalho ou de luta renhida. O pequeno levantou estremunhadamente os olhos ramellosos e, estendendo a mão engelhada, murmurou:

— Benção!

O negro não deu resposta e entrou. Uma mu-

latinha, que arrumava a secretária, suspendeu o serviço espantada d'arrogancia do parceiro que olhava d'alto, carrancudo, relanceando a sala :

— Que dê sinhô ?

— Tá lá dentro.

No mesmo instante, porém, houve um tinir d'esporas e Gandra assomou á porta interior, de branco, botas de couro cru, relho ao punho e o largo chapéu de palha com que sahia á roça. Dando com o escravo, parou, vagarosamente accendeu o charuto, e, lento, mirando o negro d'olhos cerrados, perguntou seccamente :

— Que ha ? Macambira encarou-o altivo e o fazendeiro, sentindo o furor que lhe accendia chamas no olhar, logo o attribuiu ao caso de Lucia. Despedindo a mucama: Vai-te embora! encostou-se á secretária, cruzou a perna e encarou o negro. Que ha ?

Macambira não tinha socego, virando, revirando a cabeça, retorcendo as mãos, mordendo os braços, mascando como animal árdego que tasca desensoffridamente o freio. Gandra, impassivel, esperava a explosão. De golpe, num jacto, em voz surda, o negro perguntou :

— Sinhô viu fio di Lucia ?

Gandra franziu o sobr'olho, trincou o charuto sem, comtudo, denunciar irritação e, serena, pausadamente, respondeu :

— Vi.

— I antonce ?

Cruzou violentamente os braços, com um ruído cavo do peito largo. E encararam-se mudos. Gandra tirou o charuto da bôca, sacudiu-lhe a cinza e disse em tom macio :

— Olha, eu podia responder-te como costume... Fez uma pausa, olhando d'alto, a fito, e ordenou em tom secco : Tira o chapéu. Só então Macambira se apercebeu da falta de respeito e, humildemente, vexado, descobriu-se. Eu podia mandar-te embora, continuou o fazendeiro, não o faço porque vejo que não estás em ti e porque, até hoje, tens sido um bom rapaz. Se eu soubesse do que tinha havido com Julinho teria sido o primeiro a prevenir-te. Quiz que te casasses com a rapariga porque sempre a tive em bôa conta : quiéta, direita, trabalhadora, a mulher que te convinha. Mas eu não ando ahi pelos mattos, não me metto com essa sucia e isso de mulheres quando se desencaminham nem Deus as guarda.

— Mas foi nhô Julinho, sinhô.

— Qual nhô Julinho ! Quando a mulher não quer não ha homem que a vença. Mettem-se na caçaria e, se apanham barriga, aqui d'El-Rei, botam a bôca no mundo ! que fulano fez e aconteceu. Ninguem força mulheres. Ou vão por gosto ou ninguem as leva. Esta é que é a verdade, e tu sabes.

— Ella contô tudo a Balbina, antes di morrê, sinhô. Foi nhô Julinho. Sinhô sabe: nhô Julinho não gosta di mim, vive sempre cum pirraça, inticando. Não foi tanto por ella, foi mais mode mi fazê má, tanto qu'elle esperô u pedido di casamento i só depois della noiva foi que elle abusô.

— E ella? Porque não te disse? Quer dizer que, se não houvesse ficado grávida, teria abafado a pouca vergonha, não é? Quem a denunciou?

— Noss'Sinhô . . . murmurou o negro.

— Qual historia! Enganou-te, pagou. Está morta, que mais?

— E eu, meu sinhô? Nhô Julinho não gosta di mim, tem ogirisa cummigo, vancê sabe. Elle fez isso só p'ra mi fazê má. Tanta muié ahi á tôa i havia di sê Lucia, depois di noiva? Vancê não tá vendo tenção? Modi que?

— E ella! explodiu Gandra, e ella porque não te disse antes? Então a deshonra foi o filho, não a patifaria? Historia: São todas da mesma laia. Uma canalha! Só mesmo a chicóte. E, lembrando-se da ordem que dera á Balbina, e que não fôra cumprida, rugiu entre dentes: Aquella burra vai vêr! Vai vêr! O negro remoeu fulo, metteu a mão pelos cabellos, repuxou a barba em estuo de colera. Gandra passeava: Tudo uma corja! Peiores que porcas!

— É, meu sinhô, é assim mêmo. Branco é bran-

co, eu já sabia ; negro não tem nada, muié di negro é di tudu mundo. Nhô Julinho fez bem. Ficou cabisbaixo, ruminando. De repente, em voz decidida, impoz : Então vancê vê minha carta, diz quanto é, eu pago e vou-me embora.

Gandra aprumou a cabeça e, d'impeto, o olhar faiscante, os labios lividos, atirando uma relhada á secretária, rugiu, batendo as palavras entre os dentes cerrados :

— Vais-te embora ! e avançava contra o negro encolhido, ameaçando investida. Vais-te embora ! Então isto aqui é rancho ou que é ? Eu estou aqui para ouvir intimações ou para dar ordens ? Com quem estás falando ?

— Eu não tô intimando, meu sinhô . . . Mas meu sinhô sabe . . . tartamudeou o negro.

Gandra ainda repetiu no estúo da colera :

— Com quem estás falando ?

O negro explicou-se humilhado :

— Meu sinhô sabe . . . essa gente toda não gosta di mim porque meu sinhô mi trata bem, tem cunfiança im mim. Agora, com isso, meu sinhô vai vê : toda a gente vai tomá pagode i um homem tem sangue. Eu não quero fazê uma desgraça, respeito meu sinhô i a casa, mas a gente tem sangue.

— Quem é que te falta com o respeito ? Quem é ? Se alguém te disser ou fizer alguma coisa, eu estou aqui. E acabemos com isto. O que passou,

passou. De novo lembrou-lhe a velha Balbina, culpada de tudo, por não haver enjeitado a criança, como lhe fôra ordenado. Aquella burra! Voltou-se para Macambira: E onde está a criança? Onde a viste?

— Criança morreu. Tá lá nu rancho di Balbina.

— Está lá, hein?

— Tá sim, sinhô.

— Pois sim. Rilhou os dentes. Pois está tudo acabado. Vai tomar conta do serviço e, se alguém bolir comtigo, vem dizer-me.

Macambira retirou-se de cabeça baixa e Gandra pôz-se a medir o escriptorio a lentas passadas, sacudindo nervosamente o relho. Subito, numa resolução, sahiu, montou a cavallo partindo a galope direito ás casuarinas.

Macambira caminhava a passo, abstrahido, deixava-se ir como um somnambulo, seguindo instinctivamente os volteados caminhos, por entre ramos que gotejavam. A manhan reluzia, fresca e balsamica e pelo ar luminoso, de uma transparencia de espelho, eram vãos felizes e sons de trabalho: rinchos de carros, rangidos asperos de serra, martelladas e soturno, monotono, o bater de um pilão sob o telheiro, na aba da cozinha.

O negro descia resmoneando, gesticulando. Por vezes parava cabisbaixo repuxando um galho d'arvore, arrancava folhas e ficava a enrolá-las sorrindo ou de cenho fechado.

Vozes, risos partindo do bambual tiraram-no do pensamento ferrenho. Levantou a cabeça — era um rancho de mucamas, toalha ás costas, cabellos soltos ou refoufinhados, brilhando d'agua. Vinham em pagode, aos empurrões, á risota. Sentindo-se, porém, observadas retrahiram-se, sérias, cochichando, ás cotovelladas umas ás outras. Mas uma voz rouquejou entre ellas :

-- Ah ! já ocês cumeça co' medo. Medo di quê ? Antonce a gente não podi ri ? Uai ! Quem mandô ? Sês já viram cajuêro dá banana ? Antonce ? E um muchocho explodiu.

Macambira estacou reconhecendo *Vacca-brava*. Era a cabrocha que fanfarronava no meio das mucamas.

Como para affrontar o negro adiantou-se ao bando, apanhou no chão um galho secco e, agachando-se, de mãos nos joelhos, desatou a rir. As outras não se contiveram e espocaram á gargalhada, correndo, ladeira acima, com as toalhas palpitando ao vento que nem azas. *Vacca-brava* ficou isolada e, vendo as companheiras longe, bradou-lhes :

— Sês fugiu p'ra ri ? Uai ! Sinhô não se importa qu'a gente ria quanto mais . . .

O negro arfava seguindo, com o olhar em fogo, os movimentos da cabrocha. De repente, arrancando-se de onde estava, a passo largo e decidido, enfrentou-a interpellando-a com desabrimento :

— Sê qué tomá pagode cummigo ? qué ? Sê tá mangando ? diz ! Sê não s'imenda mêmo, sua porquêra ? Qu'é qu'ocê tem di ri ?

A negra encarou-o, mediu-o dos pés á cabeça retorcendo os beiços com desprezo :

— Qui é ? Qu'é qu'ocê tem qu'a gente ria ? É da tua conta ? Ora . . . ! e deu d'hombros.

-- Sê tá rindo di mim, sê i essas biraias da tua iguala. Diz : é di mim ?

— S'a genti ri é purqui tem di quê.

— Cumu é ? indagou em tom de furia, corcoveado e, sem mais, abotoando-a pela camisa, sacudiu-a aos sacalões, rasgando-a e a cabrocha, aos boléos, injuriava-o, cuspia-o, mas attingida por uma bofetada, atordoou, perdeu o equilibrio, rolando sobre um canteiro. Macambira levantou o pé e tê-la-ia açacanhado se ella, colleando com ligeireza de cobra, não escapasse agil insinuando-se no bamnual. Então, acovardada diante da colera, cada vez mais incendida, do parceiro, ameaçou-o :

-- Sê bati eu grito sinhô. Sê não bati.

E encolhia-se, escudando o rosto com o braço, a recuar de rasto. O negro mirou-a com desprezo e, chegando-se-lhe muito perto, curvou-se e disse-lhe

com a voz em silvo, um dedo hirto, quasi a esperar-lhe a cara :

— Oia, sê vai inchendo, vai inchendo até um dia. Tãto faz cadeia cumu senzala, tá uvindo ? Assumpta bem no qu'eu tô dizendo. Eu t'estripo ! Eu t'acabo c'a raça ! Vai rindo ! Porquêra !

A cabrocha levantou-se e, compondo a roupa estraçalhada, metteu-se por entre os bambus. O negro rilhava os dentes vendo-a seguir. E ella resmungava :

— Já viu m'a côsa ansim ? Gente vem seu caminho sucegado e um perrengue desses, purquê tá di calundú, implica dessa manêra. Diabo du tripa murcha ! Quem mandô ? E, já longe, voltando-se arremangada : Sê tá azêdo ? pois óia, quem fez cama não fui eu. Qué batê ? bati ni nhô Julinho, ni mim não, que não tenho nada co' peixe. Diabo do muxiba ! Pellanca só i qué fazê di genti.

O negro atirou uma patada ao solo, bramindo, de punhos cerrados :

— Sê cála essa bôca, vagabunda. Oia qu'eu ti pégo !

— Péga nada ! Bâti ni nhô Julinho. Quem mandô cumê resto ? Sê n'é valentão ? bâti ni nhô Julinho.

E foi-se, gingando, a apartar os ramos ás braçadas. Elle não se tirou do lugar, olhando, como encandeado. Então pareceu-lhe que tudo, em tor-

no, entrava na assuada aviltante : a aguasinha do rego, serpeando em meandros, estribilhava hilare ; as folhas pareciam convulsionadas de riso, tremendo nos ramos á aragem ; e eram aves que remontavam, desciam, descrevendo circulos, chilreando como se o apupassem, borboletas em vôos zombeteiros roçando-lhe quasi o rosto ; um beija-flôr pairou tão perto, com um ruflo de troça, que elle, instinctivamente, desviou a cabeça e enxotou-o ; calangos fugiam ageis, rastolheiros, como se tambem o houvessem chasqueado e, medrosos da sua furia, corressem a entaliscar-se ; um bemtevi troteava no tópo duma palmeira ; o proprio sol, lá em cima, rutilo, tinha esgares sarcasticos. Era tudo. Elle relanceava olhares esgazeados, remoendo idéas de vingança, pensamentos de odio. Sentia o peito tumido, harto, o sangue pulsando a éstos ; um fogo incendia-lhe o rosto, queimava-lhe os olhos ; os ouvidos atroavam zoeira. Voltou-se para a casa dos senhores, clara ao sol : lá estavam as mucamas na varanda, rindo. Biraias ! Meneou com a cabeça e, cruzando os braços, vencido, desceu vagorosamente, pensando :

« Ah ! reino d'Africa, gente negra, guerreiros dos palmares . . . ! Fôsse lá ! Como aquillo tudo ficaria, duma hora para outra, com os devastadores de aringas ! Um mundo de gente desapoderada, arrojando-se aos tropelões pelos caminhos, sahindo

d'impeto dos mattos, resvalando pela encosta das barreiras, gente de guerra, com cocares na grenha, brandindo armas, mulheres aos ganidos, correndo em furia, com os filhos enganchados á cinta e azagaias em punho, feras fremindo e nuvens de flechas silvando ; a casa cercada, assaltada, invadida de roldão, com estrondo ; portas fendidas a machado, paredes derrubadas e a turba, em sanha frenética, apinhando-se no delirio do excidio, patejando em sangue e escombros ; e o fogo, por fim, labaredas altas, rubras, envolvendo a casa, lambendo o ar, expluindo de rolos de fumo espesso ; e a grita triumphal dos negros nus, o som rouco das buzinas, o tripudio selvagem em volta do incendio onde estralejavam caibros o estouravam corpos como lenha verde nas fogueiras de S. João. E elle, senhor de tudo, dono da terra, rei ! espalhando gente por campo e monte, pondo guardas nas estradas, sentinellas nos coqueiros e arrasando, incendiando, vingando a raça, o seu reino, Munza, o seu odio e o soffrimento secular da Africa. »

Enlevado no sonho sorria transfigurado e o sol punha-lhe no rosto rebrilhos como de bronze. Sacudiu nervosamente os braços acima da cabeça num gesto de triumpho, acclamando o seu povo. Ficou extatico ; pouco a pouco, porém, reentrando na realidade, deixou pender a cabeça, quedando immovel. Logo, porém, reagindo, pôz-se firme,

com um rictus bravio ; cravou os olhos na casa senhorial, depois, numa volta rapida, lançou a vista para a collina. Lá estava a sua casinha deserta, branca como uma nuvem, entre o arvoredos lustroso. Pôz-se a caminho.

Passou pelas casuarinas, entrou no campo. Um cavalleiro apontou ao longe : era Manuel Gandra. Reconhecendo-o, o negro metteu-se no matto acoorado, á espreita, o ouvido attento. O sangue affluiulhe á cabeça : teve impeto de saltar ao caminho, agarrar o freio do cavallo, derrubar o senhor, estrangulá-lo ali mesmo ; mas o animal passou muito faccero na marcha esquipada, com o fazendeiro direito na sella, segurando o relho fincado na côxa. Levantou-se e sahiu e, repuxando lentamente a barba aspera, arrependeu-se de não haver ousado o assalto.

O campo estava deserto e cheirava a calor. Longe, á beira do corrego, um velho boi pastava. Anuns piavam voejando de galho em galho. Seguiu direito á covanca.

O rancho era ainda mais miseravel á luz do dia — via-se-lhe toda a arruinada pobreza e a imundicie. A porta estava aberta. Entrou. Dentro, a penumbra tinha rasgões de sol e um cheiro azedo e humido. Pouco a pouco os objectos fôram resalhindo como se surgissem do escuro, a sombra tornava-se transparente : lá estava tudo : o girau, o

caixote, as prateleiras, pannos em cordas, o bra-sido morto, em cinza. Um offego, quasi gemido, arquejava angustioso. Elle olhou buscando em torno :

-- Vêia !

-- É ocê, fio ? A voz sahiu duma trouxa que jazia a um canto. É ocê, Macambira ?

— Qu'é qu'ocê tem ? Tá gemendo ?

— Foi sinhô. Sinhô veiu aqui, bateu eu, pisô. Tá cêga, fio. Modi qui vasô vista.

Macambira pôz-se de cocoras perto da negra, toda enrolada em molambos, e, tacteando, tocou-a. Ella tomou-lhe a mão levando-a á frente. O negro teve um arripio sentindo uma protuberancia humida.

— Esse é sangui ?

— É.

— Sê não vê ?

— Não vê, não. Sinhô rumô modi criança ; mandô interrá. Sê foi dizê . . .

O negro teve pena e, esquecido de si, pela piedade que lhe inspirava a velha, que era a sua raça, a historia viva do seu reino, levantou-a e, quasi nos braços, foi levando-a devagarinho para o terreiro. Á luz do sol a negra encolheu-se, baixou a cabeça tapando os olhos com as mãos.

— Dêxa vê.

— Dóe, fio.

Docemente, porém, elle afastou-lhe as mãos e

descobriu-lhe a fronte em sangue, tumefacta, enca-lombada e, sobre os olhos, em pasta, sangue e ter-ra. Guiou-a até a calha, sentou-a em uma pedra :

— Oia, lava ahi.

A velha curvou-se e, estendendo á água as mãos em concha, pôz-se a banhar a testa, os olhos. Levantou, por fim, o rosto deformado e, forçando as palpebras inchadas, entreabriu-as pesadamente.

— Tá vendo ?

— Tá. E voltava â cabeça de um lado para outro, firmando a vista. Vê, sim.

Houve um silencio.

— Criança morreu mêmo ?

— Morrê.

— I antonce ?

— Sinhô mandô interrá lá in cima, ni cafesá véio. Sê qué í p'ra mim, Macambira ?

— Vou.

— Antonce junta tudo. Leva já. Sinhô achan-do elle ahi... uhm! O sangue expluiu de novo escorrendo para os olhos. Inclinou-se á calha e, lavando a ferida, recommendava : Imbruia num panno i vai.

Macambira entrou no rancho, apânhou o cada-ver frio, embrulhou-o em trapos e sahiu.

— Onde tá inxada ?

— Oia ahi perto da porta.

Lá estava. Tomou-a e, sobraçando o fardo fu-

nebre, enxada ao hombro, ainda recommendou á negra :

— Vai lavando firida i dipois bótá *vum-vum-vum*. Foi só na testa. Eu vou indo.

— Vai cum Noss'Sinhô.

— Té logo.

— Té logo.

O cafesal velho esmarria num lançante de morro de terra secca, exhausta, afogada pelas formigas. As arvores exciduas, de galhos avaretados, pareciam raizes invertidas; aqui, ali resistia ainda uma folhagem verde, mas enredada deervas parasitadas; e o matto exubere alastrava afogando os troncos. Altas grammineas pennachudas esfiavam paina ao vento e o sapê cerrado, denunciando a anemia do solo fatigado, flexuava crepitando como a um fogo latente.

O negro mettia-se pela coivara viva evitando os claros para que o não descobrissem, e procurava um sitio escuso onde fizesse a cova quando, voltando-se, avistou, na collina fronteira, a sua casinha. Ficou a olhar enternecido, com o coração aos embates, recordando o que passára, os dias de ventura na traição.

O sol queimava e, em baixo, toda a campina

rasa como que expirava um fluido tremulo através do qual tudo vibrava, como em paroxismo.

Arvores, floridas de amarello e rôxo, manchavam alegremente a matta e, ao longo do correjo scintillante, os lirios languidos estendiam duas orlas alvacentas.

Os caminhos reticulavam a campina, subiam pelos outeiros em fitas colleantes e elle reconhecia-os, sabia-lhes o rumo e entrava por elles em pensamento até ranchinhos de parceiros, tejupares de roça, fontes entre inhames e samambaias, grotas e culturas.

Lá longe, no azulado da distancia, era a Barra e além, alta no horizonte, a serra dos mocambeiros. Subiu mais.

A terra molle, solta, corria-lhe esfarellada sob os passos ou os pés afundavam-se-lhe em comoros balofos de onde sahiam aos borbotões formigas assanbadas. Bojudas casas de maribondos formavam negros tumores em galhos, ninhos pendiam em corbelhas ou entalavam-se em forquilhas de ramos. Por vezes, fugitivamente, um lagarto rastolhava arisco ou era um rapido esfiar de cobra insinuando-se no capinzal. Por fim, num limpo, escondido por um cerco d'arvores, pousou o fardo e pôz-se a cavar.

A terra cedia, friavel como areia secca, e, em pouco, com esforço facil, a cova estava aberta, larga e funda bastante para o pequeno corpo.

Então desembrulhou o cadaver, descobriu-o e, de cocoras, ficou-se a mirá-lo. Parecia de cera, engelhadinho, com a face manchada de rôxo, as mãos sinhas enrugadas como de frio. Cheirava a azedo e, da bôca entrecaberta esputava, em fio, um muco diaphano.

O negro lembrou-se de Lucia e recompoz lascivamente o crime do senhor moço, a infamia contra a sua honra, a viltá covardo, lá em baixo, na sapobemba da figueira brava. Assim se fizera aquelle corpo que ali estava. E os olhos abriram-se-lhe fitos no cadaver, como á espera dum prodigio.

As formigas chegavam mettendo-se pelos trapos humidos e fétidos, já percorriam o corpo inerte, explorando-o. Elle enxotou-as; voltaram em maior numero entrando pela bôca exsudante, pelos ouvidos, fervilhando em volta dos olhos vitreos do defunto. O negro irritou-se e, com um molambo, sacudiu os insectos contumazes. Tomou, então, o cadaver, depô-lo no fundo da cova e, com as mãos, empurrou a terra, cobrindo-o.

Aplainada a cova, bateu-a com a enxada, depois, para que não ficasse vestigio, puxou folhas seccas e galhos, espalhou-os em cima e levantou-se. Doía-lhe o dorso e o sol, dando-lhe em cheio, fazia-lhe reluzir o rosto suado.

Olhou em torno assegurando-se da solidão, de-

pois, plantando-se sobre a cova, pôz-se a sapatear em cima, calcando-a, para que os tatus não a profanassem. Concluída a tarefa, raspou o suor da fronte, tomou a enxada e desceu.

X

A noticia do « filho branco » espalhara-se rapidamente levada pelos negros da « Cachoeira » e nas vendas das estradas, nos negocios, desde a Barra até Vassouras, o caso fez rumor. No armazem do Narciso, durante muito tempo, constituiu o assumpto das conversas. Uns riam, outros revoltavam-se: « Que se Macambira era negro de vergonha aquillo não ficava assim. Patifarias taes precisavam de um exemplo que servisse de emenda. » E vinham á baila outros escandalos:

— Mas que é peor ? isso ou o que se deu na *Varginha* ? Lá foi a sinhá moça que tisonou o filho.

— Pois sim, mas o negro acabou no tronco e castrado.

— Ora ! mas comeu do bom. Mais vale um gostto, meu amigo . . .

E cada qual, sabedor dos segredos daquellas terras, referia um factó de remate tragico: infanticidios, casamentos arranjados á pressa, a peso de ouro, mortes subitas de senhoras e desaparecimentos de pagens, torturas de mulatas, como a Claudina, de *Santa Fé*, a quem a senhora mandara arrancar todos os dentes a torquez, só porque o senhor os achara lindos; a paixão desvairada e cynica de certa fazendeira viuva, já murcha, que se amasiára com o cocheiro, mandando matar a vergalho uma chinóta por havê-la encontrado em colloquio com o crioulo.

Na fazenda commentava-se o caso á bôca cheia: na roça, no « quadrado », na cozinha, nos ranchos, de dia e de noite, á risota ou surdamente, com odio ao branco.

— I criança ?

— Uai ! Não vê qu'havia di ficá ahi ! Prugunta Barbina, cumedêra di genti.

D. Clara, no meio das mucamas que costuravam, defendia o filho :

— Tudo é Julinho. Julinho é pai de curral. Vão vêr que foi algum desses porcarias de mascates que andam por ahi e atiram a culpa p'ra cima de meu filho, coitado ! Umas sonsas ! Pensam que não sei ? Por uma peça de fita á tôa ou por um maço de grampos estão ahi se mettendo com o primeiro carecamano.

— Ah ! sinhá . . . vancê tambem.

— Ah ! o quê ! ? Pois se foi elle fez muito bem. Agora um negro daquelles casar com uma rapariga que podia ser sua senhora. Onde se viu isso ? ! Era mesmo para ella ter nojo ; e cuspihava com esgar de enjôo.

-- P'ra que casô ?

— Casou porque Manuel quiz. Eu nunca vi Lucia mostrar inclinação por Macambira, nem por ninguem. Era aqui em casa, mettida com as suas costuras, de noite lendo p'ra gente, brincando. Nunca foi rapariga de pagode.

— Isso é verdade, confirmavam as mucamas.

— Pois então ? Mas tambem obrigarem uma rapariga limpa a emporcalhar-se com um negro, era mesmo para uma coisa assim. Não foi por meu gosto que ella casou, isso não foi. Emfim . . .

Vacca-brava trazia a negrada em alvoroço espalhando novidades sobre o negro :

— Muxiba anda di crista cahida qui nem pirú di gôgo. Perdeu a prôa. Barba, óia, tá ansim, e apinhava os dedos ; cabello qui nem bassôra. Deus não dôrme. Tá hi nu qui deu impáfia di rei. Eu só quero vê o pimpão quando nhô Julinho chegá. Sinhô mêmo a modi qui já virô candeia co' elle. Bicho anda jururú i sirviço tá hi parado. Tiburcio agora é qui tá di cima. Eu não jurei á tôa, uai ! Inda hei di vê aquelle cascão ali nu duro, puxan-

d'inxada nu cafesá. Só si não ha Deus no céu. Ora !
E ria com sarcasmo cruel.

Effectivamente Macambira andava arredio, sempre pelos mattos, banzando nos caminhos. Raro em raro apparecia em casa para falar ao senhor, ficava á porta do escriptorio, cabisbaixo, á espera e, ao vêr Manuel Gandra, adiantava-se estendendo a mão, com um murmurio humilde. O fazendeiro respondia carrancudo e passava deixando-o esquecido.

Uma manhan Tiburcio, chamado ao escriptorio, sahiu a correr, vestiu-se, ensilhou um animal e partiu para a Barra. Logo se soube que o crioulo fôra levar cartas e fazer pagamentos. Era a destituição de Macambira. As mucamas, instigadas por *Vacca-brava*, interrogaram a senhora : « Se era verdade que Tiburcio estava em lugar de Macambira ? »
D. Clara pasmou boquiaberta, as gordas mãos es-palmadas no ventre :

— Não sei, gente. Quem disse ?

— Uai ! Pois quem faz agora os recados de senhor é Tiburcio.

D. Clara perguntou ao marido e Gandra deu d'hombros, respondeu azedo :

— Sim, o negro anda apatetado, a falar só, não me apparece, sempre mettido nos mattos, muito relaxado. Deixá-lo ! Parece até que deu em beber. São todos assim. Muito bons até certo tempo, de

repente desandam e acabou. Se não endireitar passo-o adiante. Depois, chega de aborrecimentos, não quero historias aqui em casa: mexem com elle, Donária principalmente, e pôde haver alguma coisa. Chega!

Á noite toda a fazenda repetia as palavras de Manuel Gandra e *Vacca-brava* exultava com a resolução do senhor.

— Isso mêmo é qui sinhô devi di fazê. Negro é p'ra trabaiá i não p'r'andá malucando pur ahi, assombrando a genti di noite.

Deu-se, porém, uma revira-volta na fazenda: as velhas africanas tomaram o partido de Macambira e, uma noite, como a cabrocha entrasse na cozinha, dizendo que topára com o « muxiba » perto do engenho, falando só, Joanna Benguella, uma gigante, de genio arrebatado e força d'homem, sahiu-lhe á frente ameaçadora:

— Cala essa bôca! Sê divia tê vergonha i não falá tanto. Sê acha dirêto u qui nhô Julinho fez? Cum'ocê é di tudu mundo pensa qu'us ôtro é cum'ocê. Aduladêra! S'ocê tivesse vergonha na cara nem tocava ni nome di Macambira.

As velhas concordaram e a cabrocha, surpreendida da rebentina, relanceava os olhos pela cozinha escura, alumuada ao centro por um fuliginoso lampeão de azeite, com o fogão vermelhejando ao fundo como uma forja.

— Antonce faz má falá ?

— Faz, sim ! rugiu a Benguella. Sê é negra, dêxa d'andá punindo p'r'us branco. Não pódi falá, cala a bôca, faz cumu noss. S'ôcê tivesse fia, ocê havia di sabê, mas barriga di burra é ansim mêmo : ronca só. A cabrocha voltou-se de safanão, atirando o chale aos hombros e sahiu resmungando ; e Joanna, dirigindo-se lentamente para o fogão, a escorvar o cachimbo, concluiu : Negra ruim ! e atitou com a lingua no céu da bôca.

— É ansim mêmo, concordaram as outras, sê é qui diz verdade.

E assim se foi fazendo, entre os malungos, uma forte corrente de sympathia por Macambira e, os que dantes riam e troçavam o companheiro, entraram a lamentá-lo, com odio aos brancos e ás mulatas da « panellinha » delles.

O negro, porém, amazzorado, evitava os parceiros, retrahia-se se encontrava algum no seu caminho. Magro, fulo, a grenha inculta, a roupa em desalinho e suja, pouco andava de dia e os que o descobriam, á distancia, logo o perdiam de vista porque elle afundava nos mattos ou sumia-se nas grotas, arisco como quilombola.

Ás vezes, á noite, apparecia luz na casa da collina, espalhava-se a noticia, sahia gente a vêr, negros ajuntavam-se no terreiro olhando, conjecturando :

- Macambira tá lá im cima.
— Não vá elle tá matutando a'guma côsa . . .
— Quá nada, coitado ! É saudade. Vai oiá seu canto, lembrá di Lucia. Coração . . . uhm ! sê sabi lá ! Esses mêmo qui não fala são us qui sente mais. Sê não vê cum'elle ficô ? Dex'elle, coitado ! Tá penando.

A matta era o asylo de Macambira. Retrahindo-se, a principio, desconfiado de todos, passava os dias errante, batendo estradas, picando veredas, sempre longe dos ranchos, refugindo á gente. Quando o sol queimava, mettia-se á sombra, estirado, fumando para afugentar as mutucas, o olhar perdido, banzeiro. Comia qualquer coisa dissaboridamente e, com o fresco de tarde, á hora melancolica das cigarras, recolhia-se a um tejupar, na roça de milho, ou punha-se a caminho, direito á Barra, onde chegava á noite.

No armazem do Narciso, ponto de conversa, mangalaxa e jogo, era sempre certo o ajuntamento : bebia-se com algazarra e eram sanfonas e violas no alpendre, sambas de pagode, gandaieiras ebrias aos reboleios entre os madraços, muito obscenas e sordidas, filando cigarros, pedindo goles, e, lá dentro, o *carimbo* e o *truco*, aos berros.

O negro, para não ser visto, entrava pelos fundos, fazia compras descontando no seu peculio, e regressava carregado de viveres, chumbo e polvora, o necessario para viver no matto. Ainda, por vezes, apresentou-se na fazenda, postando-se á porta do escriptorio, á espera de ordens, mas diante do desprezo de Manuel Gandra e sabendo que Tiburcio fôra chamado para substitui-lo, nunca mais appareceu,

— Macambira ganhô mundo, diziam na roça.

— Quá nada. Tá hi mêmo. Sinhô é qui não qué pegá elle, sabe qui tá maluco, i p'ra quê? In-d'ôtro dia topei co' elle ali na baixinha.

— I antonce?

— Êh! tá mêmo qui só visto: guenzo, fuvêro. Esse mêmo, coitado! esse mêmo não vai longe, sês vai vê. Mais hoje, mais amenhan urubú tá hi rondando carniça. Sês vai vê. Si sinhô quizesse panhá elle era só fazê uma tucaia lá im cima ou botá gente, di noite, nu rancho di Barbina. Sinhô não qué.

E era verdade. Gandra, convencido de que o negro ensandecera, desistira de persegui-lo e, se falavam nisso, dava d'hombros, resignado com o prejuizo. E Macambira vivia como mocambeiro.

Refugiado na matta, varejando profundamente os labyrinthos da solidão, conhecia-a de ponta a ponta, desde as samambaias da orla até a lagôa taciturna, coberta de tabôas, em cujas margens

apauladas saracuras e ererês cantavam e lentos jacarés, rastejando no lôdo, de vez em vez empinavam-se, engalfinhando-se com um latido rouco.

Afeiçoando-se ao vasto homisio, amava enternecidamente as arvores, afagava-as, detinha-se a mirá-las parado diante dos troncos que subiam lisos, erectos, em columnas ou torcicollosos, escavados, derreando-se como ao peso das frondes bastas.

O sol entrava a custo, escasso, ás migas d'ouro palhetando o chão molle, alfombrado de versas humidas. Em certos pontos da espessura, sob a ramagem densa e negra, a sombra era nocturna e orvalhava a lentejos, sem descontinuar.

O negro atolava-se em aguações, esparrinhando os pés em lôdo. Grossos cipós, retorcidos á maneira de cordoalhas, pendiam dos ramos cabelludos, outros cruzavam-se em redouças, outros colleavam em estiras pelo chão ou enrolados, vincando os troncos, apertavam-nos estrangulando-os. Sapopembas formavam parapeitos verdinhentos e eram clareiras alcatifadas de finas relvas e arbustos delicados de folhas rendilhadas, palmeirinhas flexíveis, fetos em para-sóes e refohudos massiços de hervas subindo aos galhos das arvores e despejando-se de cima em colgaduras floridas.

Abafeiras luziam em putrido rebalso e um mundo de insectos pullulava á flôr da vasa, em torno

dos canniçaes, por entre os ramos encoscorados e pennugentos, desde as moscas rebrilhando em côres maravilhosas e as libellulas céleres, d'azas vitreas até negros bezouros luzidios, tudo voando em confuso giro-vagar, crepitando, esfusiando, a zumbir, a zoinar, a uivos subitos passando rapidos em inflectida de dardos.

Teias de aranhas tremeluziam entre ramas e, pelo raso, aos corcoveios, eram sevandijas languidas, viscosas, expluindo da fermentação humente.

Por vezes, nas grimpas, soava, breve, um pio d'ave ou era uma chalrada hilare que irrompia e logo, marulhoso, o frulhar da abalada de um bando de periquitos; e profundo, soturno, a espaços, surdia, lento e lugubre, um gemido de rôla.

Em contraste com a tristeza que pairava um saguí saltava dum galho a outro, marin hava pelos cipós, agil e trefego, ou era então um serelépe ar-teiro, a cauda alçada que, num pincho, agarrando se a um ramo, oscillava funambulesco, formava o pulo e, lépido, escalava o tronco, e logo começava uma saraivada de sementes.

Vôos surdos ruflavam na altura e, pelo chão pastoso, através de fitas de sol, gordas formigas trilhavam carreando achegas, insectos pernilongos, de um verde tenro de novedio, caminhavam morosos ou grandes borboletas, de um azul lustroso, sa-hiam das ramas como flôres aladas.

O negro, familiarizado com aquella vida fantasmagorica, olhava indifferente. Reminiscencias subitas detinham-no: concentrava-se. Subito, episodios tragicos ou de ventura atravessavam-lhe a memoria e a solidão animava-se: era uma scena meiga, sob a acacia: Lucia e elle, juntinhos; era uma manhan em que elle a deixara no alto do caminho rindo dum escorregão em que resvalara; era a figura antipathica de *Vucca-brava* ou então o crime, o rebolco dos corpos debaixo d'arvore, a nudez de Lucia, a luta, por fim os dois unidos, collando as bôcas estremecidamente, d'olhos cerrados, a respiração suspensa.

O peito arfava-lhe oppresso, accendiam-se-lhe os olhos, estralavam-lhe os dentes.

Mas a selva tirava-o do soffrimento com o seu prestigio — um reclamo d'ave, lá em cima, ou o rastolhar arisco de animal rasteiro.

Tinha na matta as suas preferencias: uma nascente tão ensombrada d'arvoredo que a agua, sob os pendidos ramos, emmaranhados de filandras, parecia negra. Nascia em grotta toda encrespada de vegetação, entre pedras cobertas de limo espesso e filtrava-se em fios cahindo com crystallino e trebelhado som entre pedras, em torno das quaes feria em espuma até derivar correntia, sahindo viva e alegre na clareira onde rebrilhava limpida sobre um fundo raso de areias claras.

Outra preferencia : certa arvore grossa, retorsa, com o tronco avergoado á maneira d'um feixe de sarmentos, como um corpo escorchado a que se vissem, em resalto, e nús, os musculos e os nervos. Fios dourados desgrenhavam-se-lhe da ramaria versuda.

Era debaixo d'arvore ou á beira da nascente que o negro gostava de ficar esquecidas horas, raspando a terra, esmagando folhas ou fazendo com a mão comporta á correnteza fria.

Isolado, vivia como em dominio proprio ; ali só elle, senhor na solidão. Tendo sempre vivas na mente as descripções que lhe fizera Balbina do reino selvagem de Munza, se ouvia estralejar um galho punha-se logo em guarda, adága em punho, o olhar agudo e attento ao bóte de fera imaginaria ou á traição de alguém. Relanceava a vista em torno, perscrutando, batia os mattos, sacudia os ramos, agachava-se para espiar pelos intersticios dos galhos, por entre os troncos, acuando em desafio. Eôoh ! Rolavam echos cavernosos e o silencio restabelecia-se cortado apenas, de quando em quando, por um sussurro farfalhante que era como o resfôlego da floresta e, de longe, marulhante, qué-rula, surdinava a bulha perenne d'agua.

Então caminhava decidido, afoito, como para affrontar-se com o inimigo, num desejo de lutar, de ferir, de vêr sangue. Tudo era cerrado, denso, num intrincamento impenetravel. Para avançar ia

talhando a facção as enredanças, abatendo ramagens, detorando cipós e o matto, humido e frio, chegava-lhe ao peito, ramos fustigavam-no, raizes, liames embaraçavam-lhe os pés. Sentia insectos asperos andarem-lhe no pescoço, sacudia-os sem repugnancia ou tomava-os entre os dedos devolvendo-os ao matto para que vivessem. E não encontrava sombra hostil.

Quando sentia fome fazia um foguinho, assava um pedaço de carne secca, amassava um pirão d'agua e comia á beira da nascente ou junto d'arvore e ficava em torpor de preguiça, fumando aiado ; ás vezes cochilava com o facção nas pernas, prompto para investir.

Á tarde era um rumor confuso no recesso frondoso : aves que se aninhavam, correrias no folhedo, fugas precipites pelos galbos, guinchos, silvos, chalreios, trissos e o urú, com o seu canto funéreo, annunciando a noite.

Um tom ceruleo abrumava a selva resfriada, o solo esponjava, como encharcado e o arôma silvestre espalhava-se em halito balsamico. O ar fino tornava-se mais sensível ao som — ouvia-se o cahir lento, esfrolado das folhas, o murmurio d'agua, o papeio dos ninhos adormidos.

Corridinhas subtis rastolhavam nas folhas. Subito, estrondando nas copas, uma palma de coqueiro rolava d'alto,

Escurecia aos poucos tristemente ; aqui, ali um

gasnir de pereréca, um grasnar de ran, grulhos de cururú e começavam a apparecer centelhas, a matta enxameava-se de vagalumes.

Fantastico fogueio punha effervescencias no ambito obscuro : eram pelo chão, nos troncos, nos ramos, aereamente, luzes ephemerass, indo e vindo, giro-girando, lividas ; lagartas accensas golpeando a treva, insinuando-se na folharia e mariposas pesadas passando em vôo lento, fugindo á sombra, na attracção magnetica do luar.

O negro estirava-se sem somno, a escutar os ruidos vagos e sonhava, d'olhos abertos, o seu sonho augusto, o seu sonho de rei.

A floresta adormecia. No silencio mysterioso as aguas circulavam ligeiras, com um som leve e a brisa, lá em cima, nas copas, fazia um sussurro brando de respiração.

A terra esfervia baixinho em pruir de porejo e um cheiro forte, seminal, de seiva exhalava-se dos vegetaes. Crébro, aos estalidos, pingava o estelidido das folhas roridas ; pipillos denunciavam o sonho dos ninhos e, alumando a treva ferruginea, em ronda, os pyrilampos multiplicavam-se.

Abriam-se clarões pallidos, escorriam lumieiras como um leite translucido das arvores e a matta transfigurava-se, povoava-se encantada, acordando para uma vida fantastica : eram vultos afilados, de alvas e longas tunicas, movendo-se em mencias

espectraes, por vezes, em alor sereno, como se subissem em ascensão de fumo: eram profundezas merencoreas de capellas, com um vasto altar de marmore, nichos, imagens; eram grutas denticuladas de stalactites; eram ruinas colossaes, edificios inacabados de architectura estranha e, por ali dentro, atravéz das arvores desfiguradas, construcções de um fastigio maravilhoso, estruturas bizarras, fórmãs caprichosas de um mundo de encantamento e, como se a gente subtil que por ali andava surdamente, calada, fôsse deixando pègadas pelo chão, palmilhas claras iam apparecendo e brilhavam sobre as folhas mortas.

Ramos reluziam prateados, troncos envolviam-se em faixas argenteas e a claridade brincava luzindo, desaparecendo iterativa, em fantasmagoria deslumbrante.

Era o luar que penetrava o interior da espesura coando-se pelos raros, descendo em cheio pelas abertas, aqui em fita, além alagando a jorros, ou amiudado em nimbos e em estrias que amedalhavam, reticulavam o andito tenebroso.

Fremitos voluptuosos agitavam o arvoredos e o negro, como hypnotisado, ficava a olhar as apparições e, por ellas, entrava no deliro da grandeza extincta, na magestade perdida, tomando as visualidades pela representação da propria vida, a selva pelo reino, os aspectos de sombra e luz pelos

edifícios da sua côrte e os ruidos pelo borborinho do seu povo.

Então lembrava-se de Balbina, desejando-a ali para que lhe fôsse explicando tudo, mostrando: o palacio real entre palmeiras, as cubatas dos guerreiros numa caissára de lanças, o templo dos deuses com as velhas sacrificadoras e lhe dissesse o nome dos heróes evocando-os da sombra, fazendo-os vir até elle, com as pelles dos mantos de rasto, as armas agudas rebrilhando.

E pensava em Lucia, trazia-a da morte, linda como no tempo do noivado, com o corpo fino, flexível, o boleio gracioso dos quadris, o sorriso meigo, a doçura dos olhos tristes, a tremer de pudor nos seus braços. E aspirava-lhe o aróma sensual do collo, sentia-lhe o halito suave, afagava-a, ouvia-lhe a voz, baixinho; d'improviso, porém, eram os dois que lhe appareciam em espasmo infame, ella e Julinho.

Punha-se de pé, violento, offegando, com um gosto de sangue na bôca, os punhos cerrados, num frenesi de furor. E logo se lhe afigurava o «filho branco»: via-o morto, tal qual o achára no rancho, deitado numa esteira de luz de onde se levantava devagarinho, pairando, remontando até desaparecer.

Arrancava o facão da bainha e atirava golpes a esmo combatendo essas e outras allucinações e

descia da matta apressado, ora por veredas escuras, esbarrando em toros, barafustando em hervagens, ora em plena claridade, com o céu á vista, a resmungar ameaças.

De todos os vãos vozes subtis diziam, com sarcasmo, o seu nome e o de Lucia, chamavam-no chasqueando, riam ás cascalhadas.

Macambira parava attento, aggressivo, á escuta: as vozes calavam-se, mas, ao longe, no trebelho d'agua corrente, outra vez a ironia, outra vez a asuada, depois, communicando-se, era de toda a parte e de tudo, daqui, d'allures, « psios, risos, Macambira! Julinho... » a troça irrisoria e, diante d'elle, as luzes dos pyrilampos faiscavam como se lhe fôsem alumando o caminho, levando-o para a vingança.

Era em noites dessas que apparecia luz na casa da collina.

— Êh! curumba anda agora trambecando quem cobra qui perdeu veneno, dizia *Vacca-brava* falando de Balbina.

A velha, com o sumiço de Macambira, tornou-se de uma irritabilidade frenetica. Desconfiada de todos, mais retrahida que nunca, vivia aos resmungos, em soliloquio arvoado. Se, ao passar por alguem, surprendia um sorriso, um olhar, estacava

assanhada explodindo em injurias. Mal avistava um moleque apanhava pedras, ameaçando-o. Parecia bebada no andar airado, aos cambaleios, parando estatelada, agachando-se a bater na terra aos murros desesperados.

No chiqueiro espancava os porcos, desalagava do lôdo os cevados dorminhocos atirando-lhes ponta-pés odientos e, errando pelos caminhos, trombuda, trapejando os molambos enlameados, com um pau na mão e pedras no papo da camisa suja, gesticulava, falava ás arvores, aos mattos ou, postando-se á beira d'agua, conversava com a propria sombra, lançando perguntas e respondendo-as, em dialogo singular :

— Antoncê sê fugi mêmo? Sê fugi...? — Uai! í havia di ficá? — Cumu não? I sê tá ni matto, não é? Menhan sinhô vem ahi di calundú i véia é qui paga. Ê ansim mêmo. — I ocê modi qui não vem? caminho não tá hi? — Modi qui não vem... modi qui não vem... Quê dê perna? sê não tá vendo? e arregaçava a saia esfrangalhada expondo os gambitos, que reluziam como envernizados. Ê co'esses qu'eu vá fugí?

Anuns piavam perto, bambaleando-se em arbustos; lambarys deslisavam nagua. Tinha, então, furores:

— Qui é? sês tamem qué pagóde, sôs porquêra? Péra hi qu'o já insino ocês.

Ia de pedrás sobre as áves, que abalavam em vôo raso, aos pios agourentos, apedrejava a água afugentando os peixinhos e rabeando assustados negros cardumes de gyrinos; desapareciam nas madrigueiras ou sob as raizes ribeirinhas.

Á noite, no rancho, acocorada diante do lume, interrogava, d'olhos fitos na fumaça ardida que subia dos gravetos :

— Má ondi é qui tá Macambira!? Ondi! Antonce é ansim ?

E enfesada, sacudindo, de repellão, os trapos, com a bôca atupida de fumo, resmungava abafas contra o negro que se fôra sem preveni-la, abandonando-a, como aos outros.

— Quá! esse é ansim mêmo. É ansim mêmo . . . E, encostada no girau, perdia-se em cogitações.

A noite passava vagarosa, e ella ruminava, ora de récovo, ora sentada, cabeceando, sempre com o pensamento no negro, cria do seu amor, seu príncipe. E soffria, irritada, uma saudade pungente e resmungava, arrevelava-se, maldizia-se com as lagrimas correndo em fio pelo rosto escaveirado.

Ás vezes, no correr da noite, sahia para o terreiro, ficava a olhar os vultos das arvores, os lençóes do luar no campo, as estrellas lá em cima, sob o bafejo da brisa tépida embalsamada do arôma das açucenas e, contemplando a sombra alta e profunda da serrania, ao longe, dizia tristemente :

— Sê foi. Sê tá hi. Mió ! Véia é qui vai pagá.

Abria o casaco, arregaçava as mangas e, apalpando-se, apertando, sob a pelle encoscorada, as arcas do peito, os braços mirrados, os maxillares, dizia :

— É osso só, carne, qué dê ? e resignada : Mió mêmô: caba duma vez. Qu'é qui fica fazendo aqui ? Mió mêmô. Os morcegos esvoaçavam aos trissos : Sês tá rondando ? qué eu ? uai ! leva ! qué qui tá esperando ? leva ! E appellava para a morte, esperava-a, ouvia-lhe o andar subtil nas folhas róridas, via-lhe a sombra esguia e tiritava como de frio. É mió mêmô.

A agua gorgolejava perenne, e, esfriando, apesar de Janeiro, as estrellas como que adormeciam e uma quietude grande pairava em somno sobre a terra escura.

As bananciras preguiçavam com um lento marulho, grillos cantavam estridulos, ás vezes, tragico, um rispido rascar raspava a altura e um som contínuo, fino, como de tympanos abafados, subia no silencio.

A negra deixava-se ficar ao relento, sentada numa pedra, mascando, e cochilava.

Longe um gallo desferia o canto da madrugada, outros amiudavam ; o cheiro balsamico das silvas tornava-se mais forte.

O nascente listava-se das primeiras barras ; clareava baço e as nevoas, como se acordassem, le-

vantavam-se preguiçosas, estremunhando, indecisas, em finos retalhos que afumavam as moutas, em cumulos que enchiam os convalles, como pedaços de céu cahidos.

Cruzavam-se vôos, trillos, arrulhos, pios de reclamo soavam por ali fóra. Douravam-se os redentes, accendiam-se os visos e a paizagem resahia da sombra fresca e alacre, repousada, vívida, luzindo de orvalho.

Mugiam gados, folhas começavam a seintillar. Eram innumeras e alegres as vozes dos gallos por aquelles mattos. Aqui, ali acima das copas, um fumo ralo subia. A espaços, lento, o sino soava despertando a fazenda. O céu ia ficando azul.

Então a negra levantava-se alquebrada, gemendo, arrastava os passos para o rancho, bamba, com as pernas doridas, ainda se voltava contemplando enlevadamente o céu :

— Hum ! dia tá hi. Persignava-se : Lôvado seja Noss' Sinhô Suns Christo . . . !

E, olhando a serrania, resplandecente d'ouro e prata, sol e nevoas, pensava nos que viviam naquellas brenhas, livres entre escarpas e mattos invios : Tito, Barnabé, Melchior e tantos mais. E quedava, encarada no remonte, como querendo descobrir o vulto agigantado de Macambira no mais alto da serra, na gloria fúlgura do sol, como um rei no seu throno, entre escudos e lanças.

De manhansiuha, com uma trouxa á cabeça, Joanna subia vagarosamente a ladeira, caminho do lavadouro, quando avistou Balbina curvada junto dum cupim, arrancando hervas.

— Êh! tia... A velha ergueu-se hostil, mas reconhecendo a Benguella serenou, sacudindo as mãos terrosas e adiantou-se a passo. Qu'é qu'ocê tá bongando ahi?

— Tanchage.

Olharam-se um momento e Joanna interrogou-a sobre Macambira. A velha deu d'hombros; a outra sorriu incredula.

— Sê não sabe?

Balbina acenou de cabeça negando.

— Ah! dêxa di parte cummigo. 'Tão sê não sabe di Macambira? sê mêmo qui tá li? sê...! Sê não tá co' elle lá im cima?

— Lá im cima, d'onde?

— Lá! e Joanna mostrou a collina.

A velha exclamou surpresa:

— Lá!

— Antonce? Home, a modi qu'ocê discunfia di mim. Oia qu'o não sou Donaria.

— Não é discunfiá, ma ocê tá falando ahi cõsa di brinquedo.

— Brinquedo?... Antonce sê não sabe qui Macambira parece lá im cima di noite? Sê não vê luz?

A velha pasmava para a malunga :

— Sê tá falando sér'o ?

— Antonce . . . !

— Pur esse luz qui tá lumiando . . . dês qui Macambira foi-s'imbora nunca mais. I sê vê luz ?

— Uai ! tudu vê.

— I sinhô ?

— Sinhô diz qu'elle tá gira. P'ra quê ?

A velha sacudiu a cabeça doída da ingratidão de Gandra.

— Não sabi delle, não, Juanna. Jur'ocê. Vivi lá mittida nu meu canto. E ficou pensando, d'olhos no chão. I qu'é qu'elle vem fazê ?

— Uai ! oiá casa. Sê assumpta, vigia di noite qu'ocê vê. Luz vem, luz vai, some. Mode qu'elle córe tudu, oiando. Bom. Té logo, si Deus quizé. E foi-se.

Balbina ficou atordoada, esquecida do que fazia. Desceu a passo ; a meio caminho, porém, lembrando-se, tornou ao cupim, ajuntou a tanchagem em mólho e, mettendo-se pelos mattos, enveredou guiando para a covanca. Parava pensativa, conjecturando : « Mode quê ? Sinhô péga i dipoi . . . ? » Quando chegou ao rancho desabafou :

— Esse mêmo ! Tá gira . . . Gira mode quê ? Esse mêmo. Nêgo é qui nem canna ; mõe, mõe i bota bagaço fóra. Esse mêmo. Ôtro já tá hi. Vai vê tempo quenti.

Alludia a Julinho que chegara da Côrte e já andava a rastrear as rapariguinhas, numa ostentação de costumes claros e gravatas esvoaçantes.

Approvado nos exames, entrara na fazenda como um triumphador.

Quasi medico, narrava os labores da vida estudiosa : autopsias no amphitheatro, vigílias nas enfermarias, operações difficeis que praticara com elogios dos mestres e admiração dos collegas e, á mesa, entre o baboso desvanecimento dos pais e a curiosidade basbaque das mucamas que serviam, descrevia os horrores do hospital : mortes agonizadas, epidemias putridas, amputações, partos e monstruosidades que appareciam : uma Capharnaum de miserias e aberrações e elle, abnegado por amor da sciencia, verdadeira religião, entre sangue e pus, curando e consolando como o proprio Christo. E, cortando o bife, fazia-o a capricho, com a pericia attenta com que um operador requintasse num complicado caso de alta cirurgia.

Gandra impava de orgulho, D. Clara escutava-o embevecida, d'olhos languidos e humidos, arfando commovida, a imaginar o « pobresinho » naquelle horror, com risco de apanhar uma molestia daquellas. E os carinhos redobravam sollicitos compensando-o do anno de ardua fadiga.

— Bom, agora descança, dizia Manuel Gandra. Trata de comer, de passear.

Achavam-no pallido, abatido e enchiam-lhe os bolsos, empurravam-no para a calaçaria. O cavallo, de arreios novos, passeava-o pela redondeza : ia ás fazendas onde havia moças, á Barra, então em festivo alvoroço com uma companhia de *cavallinhos* e por aquellas bibocas da roça. E onde quer que apparecesse era uma alegria barullhenta : « Está ahí o Dr. Julinho ! » e eram correrias de moças, barafunda de mucamas.

Negros paravam na estrada para vê-lo passar, pediam-lhe remedios queixando-se de achaques ; outros mostravam-lhe ulceras ou pernas monstruosas em refolhos de elephantiasis. E elle lá ia, pimpão, fariscando mulatas, á caça de collos puberes, num desejo árdego de mulher. A negralhada commentava á surdina :

— Agora mêmo é qu'isso vai pegá fogo. Bicho tá hi, zarro ! E riam.

Balbina, alheia aos escandalos da fazenda, sempre solitaria no seu antro, só começou a preoccupar-se com o senhor moço depois que ouviu Joannã :

— Sê tá muito ancho ! Vai inchendo bariga, vai ! Matto tá hi, dono di matto tá ispiand'ocê. Vai inchendo bariga, vai !

Mal anoitecia, deixava o rancho, giro-vagando

inquieta, afflicta, d'olhos na collina, á espreita. Era aqui, era ali nos mattos rasteiros ou trepada numa pedra, a olhar a fito enfesando-se com tudo : com o crepitar dos ramos, com o estridulo dos grillos, com o coaxo dos sapos, com o murmurio d'agua. Duvidava de Joanna :

— Esse mêmo . . . Vai vê qu'é mintira. Onde tá luz ? onde ?

Amanhecia ao tempo, tiritando, com os humidos farrapos apegados ao corpo e, quando o sol luzia, fazendo brilhar a matta florida, ás manchas rôxas e amarellas das *quaresmas* e dos ipês, e a campina scintillante de orvalho picada de boninas de ouro, a negra recolhia-se desanimada, tomava um gole de café, mettia o fumo na bôca e, sahindo para o chiqueiro, a cuidar dos porcos, resmungava contra a Benguella :

— Dex'ocê . . . Ocê tomô pagode cummigo ? Sê ha d'achá, buzumuca. Sê ha d'achá.

Ás vezes vagalumes illudiam-na. Punha-se alerta, d'olhos esgazeados, tremula :

— Mode qu'é luz . . .

Mas desenganava-se. Uma noite, tarde — a lua brilhava no meio do céu, limpida — a negra, que estava de ronda, estremeceu vendo luz na casa da collina: toda uma janella illuminada, como dantes.

— Êh ! êh ! exclamou, esse é mêmo. E riu esga-

niçadamente em alvoroçada alegria. Esse é mêmo.

Convencida, atirou-se pelos mattos, ás tontas, sem sentir as aspas dos gravetos que se lhe agarravam aos molambos, arranhando-a. Corria a trechos, d'arremettida. Atravessou a pinguéla, ganhou a ladeira.

A trilha estava encoivarada : matto, ramos eurdados em tapigo. Foi subindo esbaforida, afundando em caldeirões, escorregando em lisuras humidas. Agarrava-se a ramos, a troncos, cravava as unhas na terra e, quando chegou acima, sofrega, tudo era maninho.

A terra, abandonada, explodira em vassoural bravio. A casa estava sitiada de hervagem e a cêrça do pomar era uma sébe folhuda : o aboboral, alastrando livre, espalhara rama sobre tudo, acima da macega, pelos troncos das arvores até a copa numa exuberancia assoladora.

— Êh ! êh ! matto tá cumendo tudo.

Pela janella aberta, despejando luz na braveza triste, via-se a sala, outr'ora alegre. A negra estava indecisa. Havia gente, mas seria mesmo Macambira ? Quiz chamar. Hesitou. Foi avançando no hervaçal sorrateira e attenta, contendo o halito. Uma sombra appareceu na parede interior da casa e, logo em seguida, o vulto do negro. A velha levantou-se de golpe, a tremer ; um grito escapou-se-lhe do peito :

— Fio ! Escureceu subito. Macambira ! Fio ! Óia eu ! e rompia o matto.

— Véia ! bradou o negro.

— É eu, fio !

— É ocê ?

— É eu ! E Macambira surgiu á janella. É eu ! Óia ! e estendia-lhe duramente os braços. Ocê, Macambira . . . Sê ! e chorava, nervosa, forcejando no peitoril para galgar a janella na ansia daquelle desejado encontro.

Mas a porta abriu-se rangendo, raspando emperradamente o soalho terroso e a velha precipitou-se atirando-se de joelhos e abraçando-se ás pernas do negro.

— É ocê mêmo, fio ! É mêmo ! É mêmo ! . . . e beijava-lhe os joelhos, afagando-o carinhosamente. É mêmo ! É mêmo ! Cende luz ! dêxa vê ocê. Cende ! E volubilisava num falarío tartareado, rindo por entre arranques de soluços.

O negro riscou um phosphoro, accendeu o lampião e a velha, pondo-se-lhe á frente, estarreceu commovida, mirando-o, d'olhos apertados, mãos postas:

— Ah ! fio . . . sê . . . ! e o pranto despejava-se-lhe pelo rosto, a jorros.

Magro, com os ossos á flôr da pelle fula, a grenha alta, revolta, hispida como piassava, a barba arripiada e dura, olhos no fundo, em brasas, Macambira parecia mais alto e envelhecido.

Um capote de baeta descia-lhe enrugado dos hombros e, abrindo-se-lhe as abas, apparecia o cinto de couro com uma garrucha atravessada ao meio e adága ao flanco.

— Sê cumu sôbe ? perguntou Macambira.

— Quê ?

— Qu'eu tava aqui ?

— Foi Juanna qui disse. Tudu mundo sabi qu'ocê vem, sinhô ; tudu sabi. Sê accendi luz, zêri vê.

— Sinhô sabi ?

— Cumu não ? O negro sorriu tristemente, medindo a sala a lentas passadas. I ond'é qu'ocê vivi, fio ? Ond'é ? Macambira deu d'hombros. Sê não come, disse com piedosa ternura. Magrem ansim é di não cumê. Sê tá duente, Macambira, sê tá s'acabando mod'us ôtro, p'ra quê ? Óia, sê tá ansim, nhô Julinho . . . nem cumu côsa.

— Tá hi ! ? exclamou o negro pondo-se, dum salto, diante da velha.

— Chegô, faz dia. Tá hi. Sê não magina : mêma côsa di sempre : rapariguinha anda qui nem caça qui senti cachorro.

O negro arquejava d'olhos fuzilantes.

— Sê viu elle ?

— Uai ! Tá lá mêmo. Di dia anda pur ahi sapecendo criança, pegando muié. Diz qui tá rondando fia di coroné Moreira, du *Aréa*. Ôtros diz qui anda o'uma moça dos *cavallinho*, vai di noite p'ra Barra.

— Sósinho ? perguntou o negro.

— Antonce ! munta cavallo di tardinha i vai-s'imbora.

— Êh ! rosnou Macambira com um sorriso sinistro, apertando nervosamente os punhos, rilhando estalejadamente os dentes. Retesou os braços, a tremer d'ira, e, avançando, como d'assalto, curvou-se diante de Balbina, falando-lhe em rosto, d'olhos fitos ; Sê qué fazê uma côsa ? Qué ? Vida cabô p'ra mim. Sê tá vendo magrem ? tá vendo ? E com uma voz surda, que a colera fatigava : Sê qué vê ? Óia ! Abriu, d'impeto, o capote, esbagaxou a camisa, mostrando o peito largo, ripado pelas costellas. Tá ansim. Vida p'ra quê ? Fez uma pausa triste. Subito, agarrando-a por um braço : Sê qué fazê uma côsa ? Qué ? Baixou a voz, em segredo : Óia, eu fico aqui di noite, sê, lá imbaxo, bóta tenção ni nhô Julinho, vê elle. Quando elle fô na Barra, mode muié, tá uvindu ? sê accende fogo im cima da pedra, perto di bananêra, mod'eu vê.

— P'ra quê, fio ?

— Sê qué u não ? diz ! Fala ! A velha, hesitante, coçava arrepedadamente a cabeça. Sê accende fogo.

— I ocê ?

— Dêxa eu. Qué ? Irritou-se frenetico : Êh ! sê tá molle . . . !

Deu uma volta pela sala torcendo a barba dura.

-- Bamo. Fala. Diz qu'é qu'ocê qué.

— Sê accende fogo na pedra.

— Sê qué pegá nhô Julinho . . . ?

O negro atitou com a lingua, e rispido :

— Sê qué u não ?

— Qué. Fala. Mas óia lá ! Sê vê bem, Macambira ; lembra di Marcellino . . .

— Dêxa ! Vida, p'ra que ? Sê não tá vendo matta ? Quem vai lá ? Tito não tá siguro ? Quem vai lá ? E explodiu arremessando inteirigadamente os braços num impulso de força vingativa, com um rictus que o desfigurava : Êh ! véia . . .

Caminhou rugindo ; sentou-se cabisbaixo, pensando. De repente, pondo-se de pé, energido, falou pausado :

— Oia, véia, cabeça and'ansim, e descrevia circulos no ar com o indicador. Sangui tá fervendo, sangui di Munza. Os olhos da velha relumbraram, passou-lhe um arripio pelo corpo. Não tá dirêto, não. Di noite vê genti, iscuta falá, matta fic'ansim, e apinhou os dedos. Não tá dirêto, não. Sangui tá fervendo.

E os dois, comprehendendo-se, encararam-se mudos, em connivencia sinistra. A velha aconselhou em voz prudente :

— Pága esse luz, Macambira. Pága ! Genti tá lá imbaxo, oiando. N'abusa, não ; pága.

Ella propria soprou o lampião. O luar rastreou

a sala escura e os dois caminharam. A velha saiu. Macambira fechou a porta e, saltando a janella, puxou-a a si.

A noite resplandecia. Estiveram, um instante, parados no meio da macega. Macambira adiantou-se até a acacia, sentou-se no banco. A arvore vergava ao peso dos corymbos de ouro, como no tempo do noivado. E era tudo que restava da felicidade antiga, o mais era miseria e devastação.

A propria casa fendia-se, brechas zebavam os muros, a herva crescia em tufos no telhado, ramos trepavam pelas paredes, os cortiços, desmantellados, pensos, ermavam sob o telheiro.

No pomar accendiam-se lumes prófugos. Por entre as arvores, lá em baixo, viam-se muros alvos, terreiros claros, como de marmore, e a campina enfarinhada de luar. Os dois contemplavam a solidão em silencio.

— Antonce . . . disse, por fim, Macambira, levantando-se e estendendo a mão á velha.

— Sê já vai ?

— É hora.

— Adeu ! I óia lá cum'ocê faz . . . !

— Dêxa ! Não tem medo. Óia, véia, annunciou, em tom mysterioso, apontando o céu limpido e estrellado : Zêri tá lá im cima oiando. Sê mêmo não fala ? Zêri tá lá im cimá.

A velha acenou de cabeça e quedou em extase

religioso, relanceando um olhar medroso á lua e ás estrellas brilhantes.

— Tá bom, fio. Vai! Adeu! Noss'Sinhô cumpanh'ocê.

Apertaram-se demoradamente as mãos. Balbina foi-se pelo vassoural intonso, ganhou a vereda mattejada. Agarrando-se a um tronco vagarosa, cuidadosa resvalou ao primeiro socalco. Firmada, então, voltou-se olhando enternecida: Macambira lá estava, alto, a prumo, no meio do mattagal.

— Adeu, fio.

— Adeu!

— Vai cum Nossa Sinhóra.

— Óia lá! Não isquece!

— Adeu! E perderam-se de vista.

De volta á matta, logo ao penetrá-la, no obscuro das folhas densas, começou para Macambira um lento, afflictivo supplicio. Apesar de cansado, bocejando em quebreira, não conseguiu pregar olho, azoado por acusma barbara, ouvindo gritos que atroavam a profundeza, estrondos de esbarronamentos. Olhava em torno, adiantando-se trepetrepe para examinar de perto albores estranhos; punha-se á escuta distinguindo palavras, vozes varias em conversa. Achou-se entre os juncaes, á

beira da lagôa, sem consciencia de haver caminhado tanto.

Trabalhado pela idéa fixa esperava, com ansia, a madrugada e, mal clareou, com o barulho da vida, pôz-se a imaginar a vingança, com requintes de ferocidade que ensaiava talhando troncos a golpes vivos de adága, detorando ramos, escorchando caules, esfuracando estipes de coqueiros.

Errava á tôa abrindo veredas nas silvas, roçando matto, distrahindo-se em esforço inutil para não sentir o tempo vagaroso. E era na espessura um contínuo farfalho de galharias decepadas.

Encarniçava-se em furores, arremettendo com a adága a mãos ambas, saltando, agachando-se, aos urros, em arremedo de luta, injuriando os vegetaes aos palavrões, lembrando-lhes o crime infame, e a folhagem cahia, accumulava-se exhalando um cheiro acre de resina e seiva.

Sahia de taes scenas exausto, alagado em suor e contemplava, orgulhoso, a destruição tripudiando sobre a ramaria em monte. Limpava ao capote a larga lamina da adága, experimentava-lhe o fio na palma da mão e, contente, satisfeito, saciado de excidio, proseguia embrenhando-se. Adiante, porém, reaccendia-se-lhe a ira : parava carrancudo, pé atraz, brandia o ferro e investia aos golpes que estrondavam no silencio sombrio.

Volta e meia lançava olhares por entre os es-

cassilhos das frondes a vêr a altura do sol e arrepe-lava-se frenetico, revoltado contra a morosidade do astro.

Sentia o vagar em tudo : a brisa arfava languida, mal balançando as folhas, as aguas, sempre ligeiras, desciam preguiçosas, remansando-se em rebal-sos ; os proprios animaes como que se resentiam da marcha das horas tardas. Acompanhava-os no vôo lerdo, no andar negligente ; falava-lhes irritado :

— Sês a mode qui tá drumindo . . . E o sol a coar-se vívido pelos raras das franças.

Deitou-se recostado a um tronco, estirou as pernas, fechou os olhos provocando o somno.

Uma cigarra chiou. Era a tarde. Pôz-se de pé, rapido, reuniu, á pressa, os apetrechos : uma corda de linho, que enrolou á cinta, a adága, a garrucha e atirou-se a caminho, com alegria selvagem.

Sahiu numa clareira. Lá estava, em cima, o céu azul, ainda radioso e quente, as copas das arvores luzindo em pleno sol e, no esplendor, o vôo numeroso e alegre de aves e de borboletas.

— Mode qu'esse dia não cába mais ! . . .

Enfesado, encantoou-se encolhido, tirou da bolsa um pedaço de carne secca e, crua, desfebrando-a, pôz-se a comer distrahido, atirando, de vez em vez, á bôca punhados de farinha.

Mal, porém, começou a empallidecer a tarde a ansia tornou-se-lhe em delirio : pôz-se a andar

inquieta, resmungando ; exercitava os braços ver-gando ramos, atirando golpes, arrancando arbustos com as raizes. E sorria, contente de si, dos muscu-los que se lhe retesavam ampollados, rijos como de ferro :

— Sê vai vê logo mais . . . !

Por voltas desviadas seguiu, aberrando-se, a prolongar o caminho para chegar com a noite á orla da floresta.

D'olhos afeitos á treva, caminhava no labyrin-tho com a segurança facil de animal noctivago. Descia rampas, subia alcandores, ladeava marnó-tas, seguro, firme no piso, indifferente ao rumorejo nocturno, vago, subtil no ambiente mysterioso.

Quando sentiu perto a sahida, o coração bateu-lhe soffrego, reseccou-se-lhe asperamente a bôca, e os cabellos eriçavam-se-lhe com uma sensação evulsiva, como se lh'os fôsem arrancando do couro.

Passou as ultimas arvores, chegando ao matto ralo na vertente do monte, onde começava a la-voura.

Foram-se-lhe os olhos na direcção da covanca. Escuro. Cerrou os punhos de odio e ficou olhando, a ranger os dentes. Lá estava a casa grande illu-minada, lá estava o « quadrado » com a lanterna no poste e, por ali fóra, entre o matto denso, luzi-nhas piscavam.

Sentou-se. Era cedo, talvez. Falavam, lá em

baixo. Cães latiam. Pancadas regulares cahiam tumidas no silencio. Por vezes era um grito como de vaqueiro aboiando.

Á claridade amarella da varanda distinguia vultos. « Êh ! » Os olhos fitos enchiam-se-lhe de visões : umas que passavam perto, fluindo serenamente no ar, em alor de brumas ; cavalleiros ao longe, fórmãs translucidas, esguias, colubreando na sombra, lumes.

E Balbina ? Estaria doente ? Teria o senhor sabido do seu encontro com elle na collina ? Lembrou-se de *Vacca-brava* e estremeceu de colera : « Ah ! negra . . . ! » Procurou, com o olhar, a casa do tronco, perto do moinho. Podia ser. Mas não : estava escura. Que haveria ? Teve impetos de gritar, de descer á covanca.

Levantou-se, pôz-se a andar desesperado. Entrou no matto, accendeu o cigarro e ficou lá dentro, pensando. De novo sahiu á orilha, desceu por entre o cafesal, á espreita. Nada ! E ali passou a noite em vigilia, com sêde sicaria, uma vontade frenetica de retalhar carne, espostejar, deventrar, revolver entranhas molles, atolando-se em sangueira, ouvindo o rouquejo gargarejado do stertor e respondendo, a rir, com affrontas e golpes fundos.

Amanhecia. Os campos alongavam-se, verdes, com estriados brilhos d'agua na cleridade brumosa. A serra recortava-se muito azul estampada no céu

onde se estendiam, em laivos fulvos, os primeiros stratus de ouro e purpura. O sino tiniu lento.

Macambira ainda relanceou o olhar em volta como á procura de alguma coisa e ficou abstraído, encarado no além. Por fim, abarroado, estremecendo em fremito de raiva, atirou um murro ao espaço e remergulhou na matta.

No ar ceruleo da tarde, sob o vôo erratico dos morecços, aqui, ali, esgarçando-se das moutas, fluíam fumos diaphanos fundindo-se no espaço ennevoado. Já o céu tinha estrellas, lumes piscavam entre as arvores e, junto á sebe, na orla escura das casuarinas, branqueava um trecho de muro, solitario, funereo como um tumulo.

Longo estendal niveo marcava com açucenas os meandros do correço, o aroma enchia o ar e, perenne, tristonha, começava em resôo a surdina nocturna.

Em baixo, na pedra da covanca, perto do bananal, crescia um fogacho, resplandecendo em chamas, que abriam em volta largo clarão dourado.

A instantes um vulto esgueirava-se sorrateiro, lançava ao fogo ramos seccos, folhas. A claridade apagava-se afogada em grossa e negra fumarada, que rolava, alastrava aos bulções, subia, ondulado

em nuvem. Subito explodiam labaredas altas, com salpicos de faiscas, relumbrando, cada vez mais vivas, á medida que a noite escurecia.

Lá em cima, á beira da matta, espiando entre as ramas, dois olhos cervaes luziam fitos na fogueira da pedra.

Subito Macambira surgiu no roçado, desceu ligeiro até as primeiras arvores do cafesal onde estava, olhando, a certificar-se se era mesmo na pedra da covanca que ardia a fogueira. Era lá!

No clarão tremulo das chammas o rancho vermelhejava, oscillando como abalado; as folhas largas das bananeiras fulguravam e na pôça, sob a calha, a agua incendia-se radiosa aos reflexos do relume.

O negro sorriu e, sem desviar a vista da mira resplandecente, correu a mão pela cintura onde trazia enrolada a corda de linho, apalpou a adága, tacteou a garrucha.

Os nervos vibravam-lhe a choques subitos, o sangue fervia-lhe a estos, esturricava-se-lhe a bôca em febre, a pelle arripiava-se-lhe em crispações irritadas. Por vezes como que lhe faltavam as pernas, amollecia frouxo.

A « casa grande » illuminou-se, luziu solitario o lampião do « quadrado ».

— Bom! disse o negro; sê agora vai vê.

E, lentamente, curvado, com o dorso a doer-lhe

como ao peso de um fardo insupportavel, regressou á matta.

Já havia escolhido o ponto para a tocaia: lá em baixo, na porteira do sino, raleiro de asperceza agreste, lurido, escavacado, pedrento, apertado entre rochas e barrancas a pique. Tinham-no por mal assombrado: que, em noites de sexta-feira, ás tantas, um sino dobrava ás badaladas lugubres e almas surdiam voejando ou correndo, sem ruido, pela terra secca e uua atraz de gados esqueleticos que galopavam com um chocalhar sinistro.

Dali nem estrondo d'arma de fogo chegaria á casa, quanto mais voz de gente. E que chegasse! Quem ousaria descer a tal paragem antes do cantar do gallo! Ali, sim!

E era o caminho do moço, por ser atalho breve que evitava os alagadiços da baixada. A matta, nessa noite sem lua, parecia mais enxameada de vagalumes: era um fagulhar contínuo na escuridão e, através do negrume faiscante, Macambira seguia cançado, abhorrido, suando, a tresandar catinga como féra ao cio.

Os olhos ardiam-lhe cinzados das longas vigílias e flaccido, extenuado, a cabeça ôca, uma zoadá enfesante nos ouvidos, como de mosqueiro em lixo, arfava a haustos, apoiando-se aos troncos. Ás súbitas, porém, assomos de ira revigoravam-no: partia desabrido, a correr, apartando furiosamente os

ramos entravados e, com farfalho estrondoso, abal-sava-se aos galões tigrinos quebrando galhos, arrancando da ramaria, a empuxões raivosos, longos, emmaranhados fios de cipós. Fez alto á escuta, como se ouvisse algo.

Um barulho atroava soturnamente a brenha. Batuque ao longe . . . Seria ? E logo lembrou-lhe o reino barbaro.

Era a sua gente que chegava em som de guerra, prestes para a vingança longamente esperada. Vinham todos : os sóbas, os feiticeiros, a horda ferina, o mulhero frenetico, toda a cabilda em tumulto.

Estremeceu espavorido. Firmando-se a uma arvore sentiu o tronco mover-se, pulsar como corpo humano. Retirou a mão amedrontado.

As hervas ziniam. Um estampido estrondou na espessura trevosa, azas estalaram ; houve um instantaneo esfuziar na altura das copas.

--- Êh ! E o negro, d'olhos esbogalhados, o coração aos baques, desembainhou a adága, pondo-se em guarda. O silencio cahiu, mais atra tornou-se a escuridão, apenas, de quando em quando, sibilava um ziado, accendia-se um halo na treva, um galho estralejava.

Pôz-se a caminho sarapantado e, na incerteza das horas, receioso de perder aquella occasião, precipitou-se por veredas tortuosas, saltando buraras, varando mattaria cerrada, vadeando aguas, des-

cendo resvaladouros e corcovas eriçadas da macéga rispida.

Sahiu no claro. A lua, tórpida, em unha, cortava o céu profundo.

Em baixo era o negror ; pouco a pouco, porém, seus olhos conhecedores foram desvendando o caminho engasgado entre barrancas e penhas, como o leite secco de uma torrente, sinuoso, ondulado, subindo, precipitando-se em ingremes declives beirado de matto, para remontar adiante e, no alto, como uma cêrca, a porteira do sino.

Desceu cauteloso o lançante do morro firmando-se em arestas, agarrando-se a raizes : a terra corria-lhe sob os pés, rolava atorroadada em blocos, refervilhando e batendo em baixo, balôfa. Quando pôz pé no caminho respirou largo, a peito cheio. Uma coruja abalou em vôo surdo. O negro teve um arripio de pavor esconjurando a ave que se entranhou na matta com um chirrio de agouro.

Parado, a pensar, d'olhos muito abertos, viu aspas hirtas em feixe, um tufo eriçado de puas -- era uma touça de piteiras altas formando como uma sebe aculea. Bom lugar ! Ali sim !

Olhava attento o abrigo alanceado quando lhe occorreu uma idéa. Estacou immovel, o olhar alto. E sorriu.

— Quero vê ! Tem di pará mêmo. Quero vê !
Desenrolou a corda que o cingia e, levando-a

de rasto, metteu-se a caminho, ladeira acima, ao longo das piteiras hispidas.

Chegando á porteira escancarada, empurrou-a de leve, lento, para que não rinchasse, fechou-a, passou-lhe a corda, amarrou-a ao moirão a fortes, retesadas voltas e, assim como fazia uma rija laçada, resmungava contente, antegosando a vingança traiçoeira.

— Sê tópa aqui i pára mêmo . . . Oh ! si pára ! Quero vê só ! E arfava aos *ahns* ! repuxando a corda aos sacalões e descabindo no esforço. Pára mêmo !

Deu mais uma laçada e, firmando as mãos na porteira, puxou-a a si, d'arranque.

-- Agora sim, tá dirêto. Agora sim . . . bamo vê. Sê é home, passa.

Resfolgou satisfeito, correu o braço pela fronte limpando o suor e dirigiu-se vagarosamente para o piteiral.

Ia sentar-se quando ouviu estropeada, como de galope proximo. O sangue fugiu-lhe, ficou suspenso, sem folego. Agachou-se e, de quatro, espianando por entre as spathas, esperou em ansia.

O ruido morreu no silencio apenas interrompido pela algazarra estridula dos sapos no açude. Sentou-se com a adága sobre as pernas, prompta. Tirou um cigarro do bolso, logo o esmagou, estraçalhou nervoso. E ficou pensando, revendo tudo :

os dias d'outr'ora, a sua dôce vida, a casa feliz e, linda, languida, cheirando a flôr a que morrera trahindo-o. Aperrou duramente as mandibulas estalejando os dentes, vergou uma das folhas das piteiras quebrando-a, rasgando-a a fibras e pôz-se, d'impeto, de pé, sofrego, desejando desesperadamente o moço.

Longe era a escuridão silente e, largo, luzindo lobrego, com um talho de lua ao meio, o açude morto.

Pensava: Ter-se-ia enganado tomando um foguinho de campo pela fogueira combinada? Mas não, vira bem.

Olhou o céu. Devia ser tarde. Com certeza Julinho ficára na Barra, de pagode com a moça dos *Cavallinhos*. Impaciente, imaginando hypotheses absurdas, escarapelava-se irritado e mais lhe acirravam o odio a immobilidade, o silencio daquelle immenso vazio.

Tudo dormia calmo — a terra escura e as estrellas, lá em cima. Leve, a instantes, ao sopro lento da aragem, corria um fremito nos ramos.

O ouvido fino e attento não perdia o ruido mais brando; os olhos alongados devassavam profundamente — nada mais que o negrume e rasos, coriscando no açude, arripiados lampejos fuscos.

De repente o coração pôz-se-lhe a bater, crébro. Firmou-se a prumo, hirto, erguendo-se nas pontas dos pés, avisado por um presentimento.

Seria ? ! Aguas não as havia ali que escachoassem, o ar estava parado, não bolia folha, entretanto um rumor aproximava-se, ora surdo, frouxo, ora trépido, como de galope. Estatelou-se, de borco, as mãos espalmadas, o ouvido no chão, á escuta. O coração batia-lhe tão forte que resoava. Soergueuse, e, de cabeça alta, sorveu um largo folego como se farejasse gulosamente e, de novo, estirou-se imóvel. Não havia duvida.

Com alegria cannibal, raivando, a rilhar os dentes, ria surdo, aos búfidos. Ergueu-se lesto, dum salto achou-se junto da porteira e, agarrando-a a mãos ambas, sacudiu-a de sacalão, assegurando-se da resistencia. Serenando, olhou o terreno em volta, arregaçando lentamente as mangas da camisa e, d'impeto, curvando os braços em rija flexão, opprimiu-os duramente ao peito ; subito esticou-os d'arremesso forcejando, a estalar os dentes, com um meneio feroz da cabeça e rugindo. Bufou cansado. Despiu o capote, lançou-o na touccira e, arrancando a adága, mirou-a, repassou-a no biceps, brandiu-a nervosamente.

O ruido resoava perto, cascalhando nas pedras. Houve um resfolego e, no mesmo instante, na volta do caminho, branqueou um vulto neblinando a sombra. Era Julinho, no ruço, marchador garboso, mas passarinho como elle só.

O negro acocorou-se contendo o folego, enco-

lheu-se entre as spathas, a um passo da porteira. Fôsse por sentir a casa perto ou porque o moço o estugasse, o animal arrancou a galope esperto, ladeira acima, com um ranger de correame novo.

O negro via-o chegar e agachava-se renteando com a terra, a tremer nas pernas, o coração aos baques, falta d'ar, a vista airada.

O ruço fincava as patas, investia aos galões vencendo o acclive. Passou por elle, arfando. Junto á porteira cabeou árdego, ladeou de flanco, a sacudir a cabeça com um tinir fino de metaes.

Julinho descahiú no estribo, agarrou a porteira, puxou-a e, com a inesperada resistencia, desequilibrou-se, pendeu, quasi tombou da sella. Firmou-se, puxou de novo e sacudia-a frenetico quando descobriu a corda cruzando-se entre as travessas e o grosso moirão de braúna.

--- Que estupidez ! Quem será a besta que amarrou isto ? !

Lentamente apeou com as redeas no braço, remexeu nos bolsos, remungando. Mas o animal arrifou arisco, recuou escorregando na rampa. O moço voltou-se para contê-lo e estacou assombrado, tremendo, a bôca em hiato, os olhos muito abertos : o negro estava diante d'elle, impassivel. A voz gargarejou-lhe rouca em constricção de terror :

— Quem é ! ?

Macambira encarava-o quieto.

— Sê não cunhece ? Óia bem. Tamo aqui. Julinho recuava estarecido, com um choro tremulo, agitando as mãos tibias. O negro deixava-o ir gosando-lhe o terror miserrimo. Ond'é qu'ocê vai ?

Quando o viu encostado á porteira, que rangia abalada, avançou decidido, lançou-lhe a mão á garganta e houve um rebrilho pallido, um grito longo de angustia e o sangue jorrou a golfos. De novo o ferro fuzilou, embebeu-se no corpo, fundo, ainda sahiu, tornou a esmo.

O corpo pendeu flaccido, resvalou, descahiou e o negro, atirando-se-lhe em cima, crivou-o a pontagões. Ajoelhou-se-lhe sobre o peito sentindo-o escabujar e, empunhando a adága a mãos ambas, pôz-se a atirar golpes de talho num furor de chacina, aos *ahns* esfalfados, como um lenhador a fender tronco. Depois ergueu-se, contemplou o cadaver, ainda o picou nas pernas, alanhou-lhe o rosto e, espetando-lhe a adága no peito, pesou com todo o corpo sobre o punho da arma, a rugir.

Pôz-se, então, de pé, orgulhoso, levantou os olhos para o céu. Uma estria livida coriscou na escuridão, a matta densa, ferruginea, sacudia-se desabaladamente, desarreigava-se como se descesse do morro em massa ; vozes roucas, lugubres, barbarisavam na espessura, retiniam sons de guerra

e o negro, allucinado, brandindo a adága sangrenta, regougou heroico proclamando a victoria, a vingança da cabilda, o feito maior da raça.

Pôz-se a giro-girar tonto, sapateou em tripúdio, bradando para a fazenda adormecida, ao longe :

— Êh ! véia . . . vem vê !

E atirou-se, ladeira abaixo, em desapoderada corrida. Os mattos rastolharam estrepitosos e o ruço irrompeu desabrido, passou em fuga diante do negro, desapparecendo no macegal. Macambira estacou attonito, olhou em torno, sarapantado e, numa duvida, subiu a barranca até a porteira, acocorou-se junto ao cadaver, riscou um phosphoro, alumiou-lhe o rosto e, vendo-o desfigurado a talhos, mascarrado a sangue, rugiu surdo, com a face contrahida em rictus :

— Ehn ! Ehn ! I agora ? ! Agora tá hi. Vai vê lá im cima s'ocê tópa co'ella. Vai vê . . .

E sacudiu o cadaver que rebolou mollemente.

Barras sanguineas broslavam o horizonte, a paisagem emergia, humida, da sombra e começava alegremente o ruido do resurgimento diurno.

O negro sentou-se na barranca e, escarvando a terra, olhava ao longe, perdidamente, murmurando

palavras vagas, acenando gestos de frenesi. D'improviso, a uma idéa, levantou-se, apanhou á pressa o capote, ganhou a vereda ingreme e subiu a correr.

Do alto, entre as arvores, espalhou um lento olhar de devassa. De repente, com um grito, levantou a adága, que alumiou fúlgura, brandiu-a desfolhando rames.

O céu encardia-se, os cimos clareavam, fina moinha de ouro polvilhava os cerros. Voltou-se encarado na serrania dos quilombóles e esteve a olhar longamente, immovel como uma estatua. Estrondos atroaram a matta: alarido, grita barbara, sons estranhos, ululos. As hervas ondulavam como a um grande vento e a luz era purpurea: céus e terras vermelhejavam sangrentos.

O negro respirava forte, olhando, maravilhado, o espectáculo grandioso: era a carnificina annunciada, a guerra alta dos deuses e a guerra dos martyres que resurgiam da terra, Munza á frente, glorioso. Era nas nuvens, era na montanha e no raso — sangue e fogo por tudo.

Lá vinham, em manadas, os cirrus e os stratus e pelos campos, pelos morros corriam sóbas, guerreiros ferozes, velhas, crianças; plumejavam coques, reluziam ferros, troavam buzinas; era a devastação, a vingança dos idolos e dos negros, a victoria da religião e da raça.

E Macambira, vibrando de entusiasmo heroico, agitou a adága, que rebrilhava ao sol, e, rapido, como investindo em assalto, galgou os escalões do morro desaparecendo na brenha, aos brados, no delirio do sangue, na allucinação do excidio.
